

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA

ALTA SENSIBILIDADE PARA QUEM PRECISA

CAIXA DEVORE FIDELITY ORANGUTAN O/96



NEUTRALIDADE ABSOLUTA

PRÉ DE PHONO BOULDER 508



E MAIS

TESTES DE ÁUDIO

CAIXA ACÚSTICA DYNAUDIO EVOKE 10
CABOS NORDOST FREY 2 DE INTERCONEXÃO
E DE CAIXA

OPINIÃO

COMO SABER SE MEU SISTEMA ESTÁ BEM
AJUSTADO?

**MUSICIAN: A MÚSICA RUSSA E NORTE-AMERICANA
DO SÉCULO XX - VOL. 15**



Regional Partner of CONMEBOL Copa América Brasil 2019



The Creative Life

SEMP TCL
PATROCINADORA OFICIAL

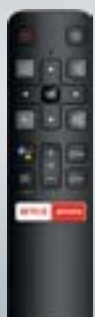


UMA LINHA COMPLETA DE TVs COM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL.

TALENT MARCEL



“controle
por comando
de voz”



androidtv **AI**

Google Assistant



Chromecast
built-in



Google Play



Bluetooth



HDR



4K



harman/
kardon®

ÍNDICE



CAIXA DEVORE FIDELITY ORANGUTAN O/96

26



EDITORIAL 4

O eterno retorno



NOVIDADES 6

Grandes novidades das principais marcas do mercado



HI-END PELO MUNDO 14

Novidades



ENTREVISTA 16

Luizinho 7 Cordas, violonista



OPINIÃO 18

Como saber se meu sistema está bem ajustado?



MERCADO 22

TCL anuncia o lançamento de TV com resolução 8K e presta homenagem ao futebol brasileiro



TESTES DE ÁUDIO

26

Caixa Devore Fidelity Orangutan O/96



34



42



48



TESTES DE ÁUDIO

34

Pré de Phono Boulder 508

42

Caixas Acústicas Dynaudio Evoke 10

48

Cabos Nordost Frey 2 de Interconexão e de Caixa



DESTAQUES DO MÊS - MUSICIAN

Bibliografia: A Música Russa e Norte-Americana do Século XX

54

Bibliografia: A Música Russa e Norte-Americana do Século XX

67

Discografia - A Música Russa e Norte-Americana do Século XX - Vol. 15

72



ESPAÇO ABERTO 76

Discos que nos acompanham por toda a busca do melhor sistema



VENDAS E TROCAS 80

Excelentes oportunidades de negócios



XX

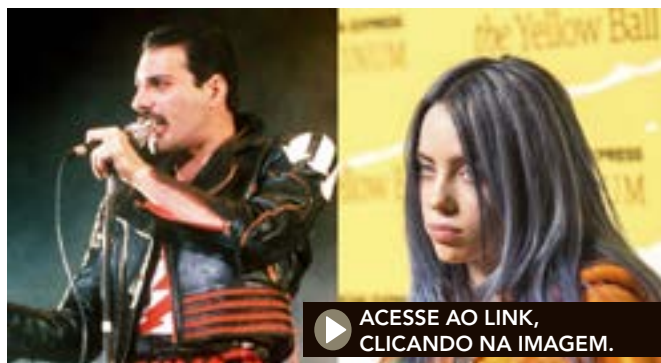
Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

O ETERNO RETORNO

Não vou aqui citar o filósofo Nietzsche para justificar o título deste editorial. E nem precisaria, pois o assunto que vou tratar já foi tema de diversos artigos e editoriais meus. Sim, estou mais uma vez a escrever a respeito do vinil, o moribundo que constrangeu todos os futurólogos tecnológicos, que insistem desde 1984 a dizer que o LP estava morto e, em menos de uma década, seria peça de museu, lembram? E para deixar os futurologistas ainda mais ressabiados, afirmo que o mesmo ocorrerá com o CD, que ainda terá uma sobrevivência, apesar dos avanços galopantes do streaming! Pois bem, a revista Rolling Stone, acaba de divulgar os números do primeiro semestre de 2019 de vendas de álbuns de vinil levantados pelo instituto de pesquisas Nielsen Music, e houve um crescimento de 9,6% em relação ao mesmo período de 2018 - estes são números apenas dos Estados Unidos (na Europa e Ásia o levantamento é apenas anual). Foram comercializados 7,72 milhões de álbuns de vinil, sendo que bandas veteranas como Beatles e Pink Floyd ajudaram a sustentar este crescimento, junto com novos artistas como a cantora pop Billie Eilish, de apenas 17 anos, que conseguiu a façanha de vender 47 mil cópias. Outro número curioso foi da trilha sonora do filme Bohemian Rhapsody, cinebiografia do Queen, com 61 mil cópias. A estimativa do mercado fonográfico é de que a venda mundial de LPs este ano ultrapasse 48 milhões de discos. Pois o mercado está aquecido com a venda de quase 3 milhões de novos toca-discos em 2018! O que se nota, segundo os especialistas ouvidos pela reportagem da revista Rolling Stone, é que os jovens definitivamente embarcaram nessa onda de ouvir seus artistas preferidos em vinil, e a demanda é tão crescente que mais três fábricas de vinil entrarão em produção no segundo semestre de 2019 (uma nos Estados Unidos, uma na Hungria e uma em Hong Kong). Essas três novas fábricas serão responsáveis, quando estiverem produzindo à plena carga, pela manufatura de 3 milhões de LPs por ano! Espero que o vinil tenha ensinado alguma coisa ao mercado fonográfico e as máquinas que produzem CD não sejam entregues aos ferros-velhos, como o que ocorreu com as máquinas de vinil no final dos anos 80, pois insisto que o CD, depois de passada essa febre por streaming, voltará a ser consumido com tanta voracidade quanto os LPs.

Uma outra boa notícia para o nosso mercado é a chegada de novas marcas hi-end no Brasil, que parece estar começando a se liberar de quase 5 anos de marasmo. Nos próximos meses contaremos aqui as marcas que estão chegando - posso adiantar que são marcas de ponta no mercado internacional e irão dar uma chacoalhada nessa estagnação que estamos vivendo. O mesmo se pode dizer da área de vídeo, com Samsung, TCL, LG e Sony, que estão trazendo seus novos televisores 8K, o que mudará por completo o panorama de vídeo hi-end no segundo semestre.

Nesta edição, você leitor terá a oportunidade de conhecer uma caixa de alta sensibilidade, ideal para amplificadores valvulados de baixa potência, e um pré de phono de performance excepcional e construção impecável! Uma bookshelf que parece reescrever as leis da física quanto à reprodução de graves com falantes de 6 polegadas, e uma proposta hi-end de cabos de interconexão e caixa que podem ser a solução para quem deseja ajustar seu sistema Estado da Arte sem penhorar a casa! E nós também temos novidades! Depois do início da série de vídeos em nossa sala com o equipamento principal de cada edição, estamos finalizando nosso novo site, que estará no ar no início de agosto. Mais interativo, rico, detalhado, mais fácil de navegar e com um pedido de todos os leitores: facilidade de buscar todos os produtos já testados por nós! Estamos confiantes que uma luz no final do túnel começa a aparecer. Nos próximos meses saberemos se é mais uma quimera ou se estamos finalmente iniciando um ciclo de crescimento sustentável. ■



O PRODUTO ESTADO DA ARTE SUÍÇO

mais cobiçado pelos audiófilos.



CLASSIC PREAMP



CLASSIC DAC



CLASSIC AMP



CLASSIC INT

Fundada em 1951, a NAGRA é a empresa suíça de áudio hi-end mais respeitada e admirada neste segmento. Seus produtos são feitos à mão, por profissionais altamente gabaritados e contruídos para durar por décadas. Ter um NAGRA é a realização de todos que amam ouvir música da melhor maneira possível. E AGORA VOCÊ PODERÁ REALIZAR ESTE SONHO!!

NAGRA

Veja os vídeos e entenda a paixão mundial pela NAGRA.



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

comercial@germanaudio.com.br - contato@germanaudio.com.br

german
Audio

www.germanaudio.com.br



NOVIDADES

ASSISTA AOS GRANDES LANÇAMENTOS DO CINEMA NA EXCLUSIVA TECNOLOGIA DE LED SAMSUNG ONYX 4K



O Brasil tem se consolidado como um dos principais players do cinema mundial. Grandes bilheterias são alcançadas aqui e muitos filmes têm suas estreias mundiais feitas no país. Atenta a esse mercado, que é formado por um público em busca de inovação, a Samsung apresentou, no início desse ano, uma nova experiência para assistir filmes: a sala 'Samsung Onyx 4K', uma parceria inédita com a Cinépolis, que conta com o primeiro display modular de LED da categoria ao Brasil*, com 55m² e 455 polegadas.

A tecnologia, exclusiva da Samsung, entrega imagens com incrível nível de detalhamento. O padrão da indústria traz projeções de imagens em telas brancas, que refletem a luz que é projetada sobre elas por um projetor. Já a 'Samsung Onyx 4K' é uma tela LED modular com resolução 4K (4.096 x 2.160 pixels), que reproduz com extrema fidelidade todos os detalhes das cenas, o que inclui um contraste sem comparação e imagens com cores vibrantes e realistas.

A primeira tela LED Samsung de cinema no Brasil é uma verdadeira experiência sensorial, pois oferece um nível de nitidez nunca alcançado, o que representa uma blindagem contra eventuais distorções causadas pelo nível de luminosidade da sala. Isso é a garantia de assistir a cena exatamente como foi planejada pelos estúdios cinematográficos.

"A 'Samsung Onyx 4K' garante conteúdo ainda mais imersivo com alto brilho e recursos que oferecem aos espectadores maior conforto visual. É o cinema de uma maneira nunca antes vista", afirma Kaue Melo, diretor da Divisão de B2B e Monitores da Samsung Brasil.

* Disponível no Cinépolis JK Iguatemi (cidade de São Paulo)

Para mais informações:
Samsung
www.samsung.com.br

DYNAUDIO



EVOKE

é para ser ouvida na sala de estar. Nas salas de cinema em sua casa. Nas salas de audição. É o Hi-Fi de qualidade para todos os ambientes.



Esta nova gama de falantes utiliza tecnologia avançada diretamente dos nossos produtos topo de linha, incluindo acabamento, tecnologia de condução e design. Isso significa que cada um dos cinco modelos Evoke pode vibrar com você, crescer com você e ficar com você de qualquer forma que você escute.



(11) 3582-3994
contato@impel.com.br

impel.
com.br

DISTRIBUIDORA OFICIAL DYNAUDIO NO BRASIL

LG EXPANDE PORTIFÓLIO DE MONITORES NO MERCADO



A LG Electronics do Brasil está expandindo o portfólio de monitores da marca com o lançamento dos novos monitores UHD 4K de 27" e 32": 32UL750, 32UK550, 27UL650, 27UL500. A empresa também apresenta ao mercado nacional um novo modelo de 29" Ultrawide (29WK500) e de monitor gamer (24GL600F).

Os novos modelos UHD 4K da nova linha oferecem 95% de fidelidade de cores no padrão DCI-P3 e reproduzem mais de 1 bilhão de cores na tela, além do recurso HDR, que faz com que o monitor tenha ampla gama de cores e alto brilho, deixando as imagens com maior qualidade em situações com maior brilho ou contraste. O produto é sofisticado e ideal para consumidores de conteúdos que buscam o máximo de produtividade excelente a partir da alta fidelidade na reprodução de cores.

A entrada HDMI conta com o protocolo HDCP 2.2 - garantindo que a transmissão do conteúdo 4K presente em Netflix, Amazon TV e na nova geração de consoles XBOX e Playstation, seja reproduzida com a mesma fidelidade em 60 Hz. Como diferencial, o modelo de 32" (32UL750) oferece uma nova geração de conveniência, as portas USB Type-C™, que permite exibição de vídeo em 4K, transferência de dados e carregamento de laptop / dispositivo móvel, tudo ao mesmo tempo em um único cabo.

Com fácil instalação, os monitores apresentam ajuste de altura e/ou inclinação, garantindo a máxima ergonomia ao usuário. Além disso, os produtos contam com o recurso "On Screen Control", presente na linha de monitores UltraWide, que faz com que seja possível controlar algumas características do aparelho a partir do mouse e realizar diferentes divisões de tela.



24GL600F

Monitores Gamers

Além da linha de monitores UHD 4K, a LG vem investindo no portfólio de monitores para os amantes de gamers. Para 2019, a marca traz um novo modelo de 24" (24GL600F).

O modelo apresenta entre suas principais características 144 Hz, 1ms com o exclusivo recurso Blur Reduction, tecnologia AMD FreeSync, Com esse lançamento a empresa Sul Coreana reforça o portfólio com modelos gamer desde 24 até 34 polegadas, nos formatos 16:9 e 21:9 UltraWide.

Com a frequência de 144 Hz, os jogadores poderão desfrutar do máximo de fluidez de cada jogo. O tempo de resposta de apenas 1ms combinado ao exclusivo recurso Blur Reduction reduz o arrasto das imagens a cada ação realizada, e a tecnologia FreeSync elimina cortes e repetições de imagem que são causadas pela diferença entre a taxa de quadros de uma placa gráfica e a taxa de atualização do monitor. Dessa forma, os apaixonados por League of Legends, Counter Strike, Rainbow 6, Fifa, Forza, Street Fighter Call of Duty, entre outros, terão o melhor da experiência em cada disputa.

Outro modelo do portfólio de monitores gamers é o modelo de 27" (27GK750F) que apresenta 240HZ, 1ms. O produto recebeu uma atualização e, além de vir com a tecnologia ADM FreeSync, é compatível com o NVIDIA G-SYNC através de um driver baixado propriamente do site da NVIDIA.



Monitor UltraWide

Outro modelo lançamento que vai compor o novo portfólio de monitores da LG é o Modelo UltraWide de 29" (29WK500), que além de imagem Full HD (2560x1080) em tela de 29" e proporção 21:9, a qual apresenta 30% a mais de tela que a proporção 16:9. O formato é ideal tanto para gamers, proporcionando uma experiência visual mais impactante, quanto para profissionais da área de criação, como videomakers, designers e fotógrafos, já que a tela expandida também permite que tenham mais eficiência na hora de produzir seus materiais – seja visualizando um número maior de imagens ou editando vídeos em sequências mais longas.

O monitor IPS da LG UltraWide exibe precisão de cores impecável. Com um ângulo de visão ampliado, a exibição IPS ostenta 99% de cobertura do espectro de cores sRGB.

Com um design arrojado, o LG UltraWide possui uma base curvada que aprimora a estabilidade para a obtenção de um desempenho confiável. Ela pode ser ajustada para alterar a inclinação, a altura e o ângulo do monitor para que haja uma experiência mais confortável de visualização. Além disso, por meio das funções On-Screen Control e Screen Split 2.0, é possível alterar as configurações do monitor, customizar a tela em até 14 modos e visualizar duas entradas ao mesmo tempo através do PIP.

"A LG investe continuamente na inovação da sua linha de Monitores para entregar a melhor experiência aos nossos consumidores em termos de produtividade e performance. Por essa razão, duplicamos nossa linha de monitores 4K com a presença do HDR (High Dynamic Range) em todos os modelos, reforçamos nossa atuação no mercado gamer com o lançamento de um novo modelo de 24" de 144 Hz e com a inclusão da compatibilidade G-Sync ao modelo referência de 240 Hz de 27" e introduzimos um novo modelo de 29" na linha de monitores UltraWide para ampliar o acesso a essas tecnologias no mercado brasileiro" destaca Leonardo Almeida, Gerente da linha de produtos de IT da LG no Brasil. ■

Para mais informações:
LG
www.lg.com/br

Não é mágica,
é Ciência!



Peça uma demonstração dos produtos da Magis Audio, e descubra o salto que o seu sistema de áudio e vídeo pode dar.



MAGIS AUDIO

Magis Audio. just listen

Telefone: (11) 98105.8930
duvidas@magisaudio.com
www.magisaudio.com

NOVIDADES

AV GROUP É DISTRIBUIDORA CRESTRON NO BRASIL



Crestron e AV Group decidiram unir forças, contribuindo para o desenvolvimento da automação residencial no Brasil.

Agora nossos parceiros contam com o melhor e mais completo line-up do mercado.

A Crestron é líder mundial em inovação e fabricante de sistemas avançados de controle e automação residencial e empresarial, reinventando a maneira como as pessoas vivem e trabalham. Com soluções integradas para monitorar, gerenciar e controlar áudio, vídeo, iluminação e climatização, a Crestron otimiza a tecnologia para melhorar a qualidade de vida das pessoas em salas de reuniões corporativas, salas de conferência, salas de aula, quartos de hotel, auditórios e em suas residências. ■

Para mais informações:
AV Group
www.avgroup.com.br



AUTOMAÇÃO ÁUDIO VÍDEO

(31) 2555 1223 📞

comercial@hificlub.com.br @

www.hificlub.com.br 🌐

R. Padre José de Menezes 11 · Luxemburgo · BH · MG 📍

Empresa do Grupo Foco BH ©

CASA INTELIGENTE

SOLUÇÕES INOVADORAS DESDE O PROJETO DE
INFRAESTRUTURA, AOS EQUIPAMENTOS HI-END DE
ALTA PERFORMANCE E DESIGN!

UP **GRADE**

FAÇA UPGRADE NO SEU
SISTEMA COM A HIFICLUB



PROJETO
PATRICIA HERMANNY

SONY LANÇA NOVA LINHA DE HEADPHONES PARA 2019



Marca renova linha de fones de ouvido com Extra Bass e amplia gama de produtos com Noise Cancelling no país.

Composto por três novos modelos, todos Bluetooth, o lineup da marca oferece aparelhos intra e supra-auriculares com as mais avançadas tecnologias, como Noise Cancelling, Extra Bass e 360 Reality Audio.

Segundo Kenichiro Hibi, presidente da Sony Brasil, a companhia está focada em oferecer as melhores experiências para seus consumidores e reforçar que a marca Sony vai muito além de uma empresa que apenas fabrica produtos eletrônicos.

"A Sony, como nenhuma outra empresa, é capaz de produzir desde o conteúdo que envolve músicas, vídeos e séries, até os mais avançados equipamentos de áudio e processamento de vídeo, para criar experiências premium para o consumidor. Com orgulho, afirmamos o conceito Somos Sony, que envolve as mais diversas frentes de atuação da companhia, contando com engenheiros de hardware altamente qualificados, capazes de desenvolver tecnologia para reproduzir conteúdo como os criadores idealizaram. A partir deste momento desejamos tornar esse conceito ainda mais próximo do consumidor brasileiro. É a forma como conseguimos explicar a nossa paixão por tudo o que criamos", comenta Hibi.

Mais recursos para a linha Extra Bass

Entre as principais novidades que chegam ao mercado brasileiro, estão os modelos WH-XB900N e WH-XB700, equipados com a tecnologia Extra Bass, exclusiva da Sony. Os novos headphones garantem uma pressão sonora surpreendente, realçando as frequências mais baixas para obter sons graves mais potentes.

Os modelos serão os primeiros da linha Extra Bass a ter compatibilidade com assistentes de voz, como o Google Assistente e o Amazon Alexa (com disponibilidade em português prevista para este ano).

"Nossa premiada linha Noise Cancelling já possui a compatibilidade com os assistentes de voz e, neste ano, estamos expandindo esse recurso a outras linhas de produtos, para garantir uma experiência ainda mais completa aos nossos clientes, em sua língua nativa", explica Lidiiane Ferreira, Head - Marketing de Áudio

WH-XB900N A partir de R\$ 1.299,99



Extra Bass de cara nova

Novo integrante da família Extra Bass, o WH-XB700 é equipado com a tecnologia aprimorada do Bluetooth 4.2 com NFC e tem autonomia de até 30 horas. Ele ainda conta com a função Quick Charge que permite até 90 minutos de música com apenas 10 de carga com cabo USB tipo C, que já vem com o produto. Compatível com o Google Assistente e o Amazon Alexa.

E para que o consumidor possa experimentar toda essa evolução de perto, o novo modelo, disponível nas cores preta e azul, já está em pré-venda, exclusivamente pela loja oficial da marca: <http://bit.ly/prevenda-xb700>.

WH-XB700 A partir de R\$ 699,99



Primeiro fone de ouvido com Extra Bass e Noise Cancelling

O modelo WH-XB900N é o único do mercado que conta com as tecnologias Noise Cancelling e Extra Bass juntas. Com ele, é possível desfrutar de uma imersão muito mais impactante, livre de ruídos externos.

Com até 30 horas de autonomia de bateria e função Quick Charge, ele possui conexão Bluetooth 4.2 com NFC, suporte ao Google Assistente, e ao Amazon Alexa e também conta com a tecnologia Quick Attention. Com o aplicativo Headphone Connect, é possível ainda, personalizar a experiência com o produto.

“Com esses dois modelos, conseguimos oferecer ao mercado uma solução completa de áudio, com tecnologias exclusivas da Sony, por preços competitivos”, complementa Lidianie.



Melhor Noise Cancelling

Reconhecido globalmente como a melhor solução em cancelamento de ruído e premiado pela CES Innovation Awards 2019 como o headphone do ano, o modelo premium WH-1000XM3 continua no portfólio

da Sony em 2019. Com o processador QN1, ele possui o melhor sistema de redução de ruídos da marca.

“Além de oferecer a melhor solução em cancelamento de ruído, esse headphone também apresenta a melhor relação sinal-ruído da categoria, com baixa distorção em dispositivos móveis e uma qualidade de som excepcional, por isso, nós estamos mantendo em nosso portfólio de produtos”, esclarece Lidianie.

Assim como o WH-1000XM3, os modelos da linha Noise Cancelling WH-CH700N e o WF-1000X permanecem no portfólio da marca, com venda exclusiva na Sony Store.



Intra-auricular

A marca também trouxe um novo produto intra-auricular para compor o lineup. O modelo WI-C200 possui microfone integrado para atender chamadas e controlar a reprodução de músicas, autonomia de bateria de até 15 horas e compatibilidade com o aplicativo Headphone Connect para ajustes por smartphone. Disponível nas cores preta e branca, está previsto que o aparelho chegue ao mercado brasileiro em novembro deste ano.

Experiência de áudio imersiva

Outra novidade é a tecnologia 360 Reality Audio, que oferece uma nova forma de ouvir músicas, mais envolvente e imersiva. Por meio de um processamento digital exclusivo da Sony, o áudio estéreo convencional é convertido em uma experiência de som espacial, que transforma os instrumentos em “objetos” independentes, cujos sons podem ser reproduzidos em qualquer ponto ou distância dos ouvidos, proporcionando uma experiência de áudio em 360 graus.

Anunciada na CES 2019, essa tecnologia permanece em desenvolvimento e estará disponível em breve para os modelos WH-1000XM3, WH-XB900N e WH-XB700.

WH-1000XM3 A partir de R\$ 1.799,99

WH-CH700N A partir de R\$ 799,99

WF-1000X A partir de R\$ 799,99

WI-C200 A partir de R\$ 219,99

WH-XB900N A partir de R\$ 1.299,99

WH-XB700 A partir de R\$ 699,99

Para mais informações:

Sony

www.sony.com.br



HI-END PELO MUNDO



MONOBLOCOS OCTAVE AUDIO JUBILEE 300 B

Com uma extensa linha de amplificadores, pré-amplificadores e prés de phono, a alemã Octave Audio acaba de lançar seus powers monobloco Jubilee 300 B, desenvolvidos para preservar a topologia 300 B e, ao mesmo tempo, trazem um circuito inovador que estende a potência de saída para entre 15 a 30 W por canal (selecionável) com o uso de mais válvulas em paralelo, aumentando sua compatibilidade com uma série de caixas acústicas. Pesando 60 Kg cada, o par de monoblocos Octave Audio Jubilee 300 B sai por 54.000 Euros.

www.octave.de

PRÉ-AMPLIFICADOR PARA GRAVADOR DE ROLO DA MERRILL AUDIO

Com a nova onda do uso de gravadores de rolo para a reprodução de fitas master - como o supra-sumo do áudio hi-end - a norte-americana Merrill Audio acaba de lançar o seu Pure Tape Head Preamp como upgrade ao estágio de saída de áudio de decks de rolo existentes, trazendo-os para o século XXI. Com entradas e saídas balanceadas XLR, o Pure Tape Head Preamp traz curvas de equalização NAB para até 15 ips, e IEC para até 30 ips de velocidade, com uma etiqueta de preço de US\$ 9000.

www.merrillaudio.net



MUSIC SERVER MU1 DA GRIMM AUDIO

Famosa por suas caixas acústicas ativas digitais LS1, a holandesa Grimm Audio está lançando o Music Server modelo MU1, que é um transporte de áudio digital que usa uma placa-mãe com uma sistema operacional baseado em Linux - ambos projetos proprietários da Grimm. O MU1 oferece, segundo o fabricante, performance revolucionária na conversão de formatos digitais, além de um clock de jitter ultra baixo, rodando servidor Roon Core e trabalhando com todos os sample-rates e formatos de arquivo do mercado, além de Tidal, Qobuz e Spotify. O preço, ainda não oficialmente anunciado, é estimado em 6000 Euros.

www.grimmaudio.com





NOVOS FONES DE OUVIDO RAD-0 DA ROSSON AUDIO DESIGN

A nova empresa de Alex Rosson - co-fundador e diretor da célebre fabricante de fones de ouvido hi-end Audeze - é a Rosson Audio Design, que traz como primeiro produto o fone de ouvido RAD-0, um design aberto com driver tipo magneto-planar de 66 m de diâmetro, que tem baixa impedância (26 Ohms), o que o torna fácil de amplificar. O RAD-0, que vem com cabo de 2 metros, earpads e headband substituíveis, ostenta, segundo o fabricante, uma resposta de frequência de "20 Hz até além do espectro audível". O preço dos fones RAD-0, com uma longa série de tipos de acabamento, é de US\$ 2.600. ■

www.rossonaudiodesign.com

AMPLIFICADOR INTEGRADO NORD ONE INT-TVC NC500

A britânica Nord Acoustics, especializada em amplificadores digitais, acaba de lançar seu novo "super integrado", o INT-TVC NC500, que usa módulos Hypex Ncore de amplificação classe D na saída provendo 400 W em 8 Ohms, com buffer de pré-amplificação com op-amps da Sonic Imagery - efetivamente combinando em um só gabinete seu pré-amplificador PRE-TVC1 e seu power modelo NC500. Com entradas balancadas e RCA, o preço do "super integrado" digital INT-TVC é de £2.595, no Reino Unido. ■

www.nordacoustics.co.uk



NOVOS CABOS USB LINHA SELECT DA KIMBER

A tradicional desenvolvedora e fabricante norte-americana de cabos para áudio Kimber Cable está fazendo 40 anos de atividade. Para comemorar, a empresa está lançando seus novos modelos de cabos USB da linha Select, que combinam tecnologia da marca AXIOS e dos modelos anteriores da linha Select, resultando em três modelos, sendo que o inicial usa condutores de cobre com banho de prata para a transmissão de dados, e o topo de linha usa apenas prata pura. Todos os modelos podem vir com metragens de 0.5 m à 6 m, e com vários tipos de conectores USB. ■

www.kimber.com



LUIZINHO 7 CORDAS, VIOLONISTA

XX Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br



Luizinho 7 Cordas

Nascido com o nome de Luiz Araújo Amorim, em Marília, no interior de São Paulo, em 1946, Luizinho é considerado um dos maiores violonistas de 7 cordas do Brasil. Aos seis anos de idade já tocava algumas músicas no cavaquinho, ensinado por seu pai, Bráulio, que tinha um conjunto regional chamado Estrela de Ouro. Logo passou para o violão, no qual demonstrou grande habilidade, passando a seguir ao violão de 7 cordas por influência do violonista Maurício Moura, irmão do cantor Maurici Moura, que foi seu professor. Logo integrou o regional

do bandolinista Dadinho, em Santos e, depois, o de Evandro do Bandolim, em São Paulo, com quem gravou vários discos. Acompanhou um grande número de artistas famosos, como Demônios da Garoa, Nelson Gonçalves, Silvio Caldas, Ângela Maria, Cartola, Clara Nunes, Beth Carvalho, Elisete Cardoso, entre vários outros. Luizinho 7 Cordas mora em São Paulo, onde se apresenta, grava, faz produção musical e arranjos e dá aulas, apoiando grupos como o Quinteto em Branco e Preto e o regional Naquele Tempo. ►

Como começou seu contato e descobrimento da música?

Aos cinco anos, vendo e ouvindo meu pai, Braulio Amorim, tocando.

Quando e como você soube que iria ser músico profissional?

Nos anos 80, quando ingressei no Conjunto do Evandro (do Bandolim).

Fale-nos sobre como foram seus estudos formais e informais de música, de sua formação como artista.

Estudei música no Conservatório Musical “Brasil”, em Santos, aos 12 anos, estudando violão clássico (erudito). Paralelamente eu já tocava do meu jeito, com chorões.

Como é ser intérprete e compositor de música no Brasil?

A trajetória para um músico se realizar profissionalmente é hoje muito diferente de quando você começou?

Não é fácil. Temos que acreditar e seguir sempre estudando. Hoje está muito mais fácil, em virtude dos meios de comunicação.

Dar aulas, ensinar música e violão é mais ou menos prazeroso do que só tocar música?

Dar aulas é uma virtude! É tão prazeroso quanto tocar.

Gravar é mais importante do que apresentar-se ao vivo?

Qual realiza melhor o processo criativo do músico?

Eu gosto mais de gravar. Apresentar-se ao vivo envolve outras pessoas que não têm a mesma sensibilidade, portanto gravar é melhor.

Fale-nos sobre seus trabalhos com o pianista Arthur Moreira Lima, o Evandro do Bandolim e com o violonista Euclides Marques.

Em 1977, toquei com o pianista Arthur Moreira Lima no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro, durante uma semana, pelo Projeto Seis e Meia. Em 1980, o Evandro do Bandolim me convidou para tocar com o seu regional. E com o violonista Euclides Marques foi maravilhoso! Acabamos formando uma dupla admirada até por muitos músicos no exterior.

O intérprete e a música brasileira eram ou são mais valorizados lá fora do que aqui?

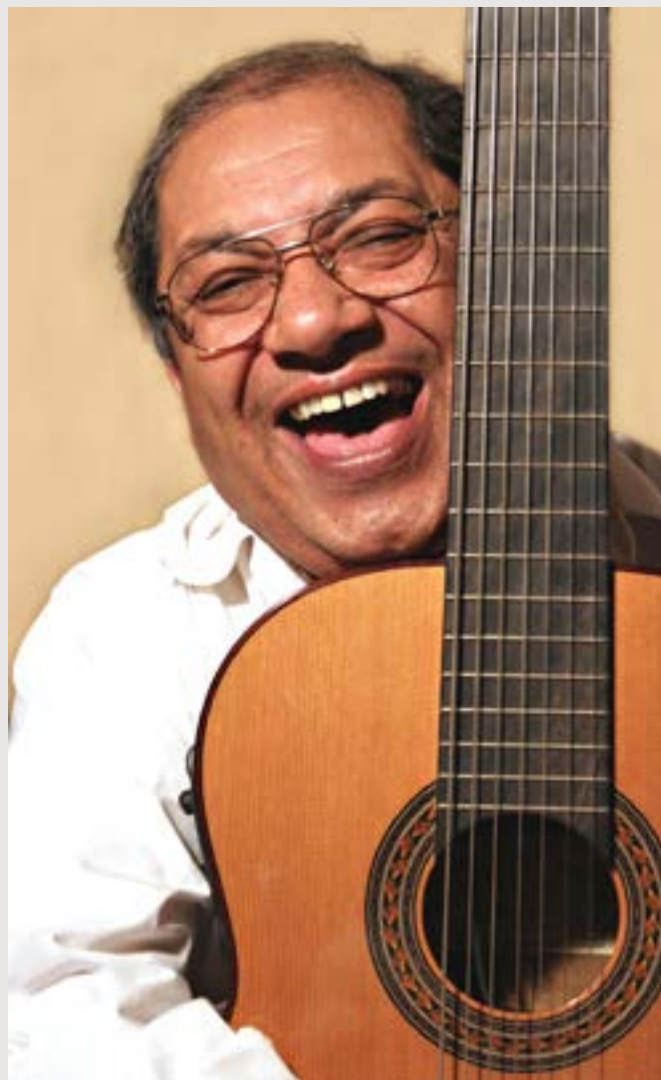
Com certeza lá fora, pois aqui o que é valorizado hoje em dia é o modismo, o descartável. Antigamente era diferente.

Quem são seus ídolos e inspirações no mundo da música e fora dele?

O Horondino José da Silva, conhecido como Dino 7 Cordas, meu amigo e ídolo maior! Meu pai, que me mostrou esse caminho maravilhoso da música. E, fora da música, Nelson Mandela, um ser humano absoluto!

Como o Luizinho 7 Cordas vê o seu futuro?

Meu futuro só o ‘Criador’ sabe. Enquanto viver, prestarei meus serviços à música, em qualquer lugar e tempo. ■



Luizinho 7 Cordas



COMO SABER SE MEU SISTEMA ESTÁ BEM AJUSTADO?

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Talvez esta seja a pergunta mais frequente que ouvi nos 23 anos da revista!

E ainda que nossos leitores tenham lido inúmeros artigos escritos e publicados aqui, participado de nossos cursos, comprado nossos CDs e enviado e-mails solicitando ajuda, sempre, lá no fundo, todo audiófilo acha que algo precisa ser melhorado para se chegar ao ajuste ideal.

Meu pai dizia que, quando o audiófilo começa a questionar a performance de seu sistema, ele foi picado pela insegurança. E acho que esta insegurança fará parte de sua trajetória, do começo ao fim desta jornada. Uma coisa, porém, deve ficar bem clara: este artigo é direcionado aos leitores que já possuem um sistema Diamante ou

Estado da Arte e consideram que o estágio em que esses sistemas se encontram já está muito satisfatório em termos de performance global. Não fazendo muito sentido aos que ainda estão nos primeiros degraus desta empreitada. Este texto ronda minha mente há alguns anos. Cheguei até a realizar alguns esboços e trocar ideias com alguns amigos e colaboradores mais próximos. Porém, faltava um 'click' para ele realmente ser escrito.

E este 'estalo' veio ao navegar pela internet e ler um artigo em um site, em que o seu editor afirma que a medida que ele aprimora seu sistema, ele teve que excluir grande parte de sua discoteca e se concentrar apenas nas gravações DSD, pois as PCM ficaram muito aquém do seu sistema!

Fiquei meses pensando neste artigo e lembrando de fatos que vi ocorrerem com centenas de audiófilos que, na sua busca pela reprodução perfeita, foram excluindo toda a sua coleção de discos, ficando apenas com uma dúzia de gravações que soavam corretamente no sistema.

Alguns de tão obcecados com esta busca, chegavam a ouvir apenas trechos dos discos escolhidos. Meu pai afirmava ser esta atitude a inversão total de valores, afinal um sistema só vale o dinheiro e tempo investido se for para dar mais prazer auditivo às músicas que tanto amamos, e não o contrário!

E como podemos nos livrar desta armadilha? Não deixando o sistema ser mais importante que a música que você escuta nele, foi a resposta que obtive do meu pai, quando lhe fiz essa pergunta aos 12 anos! Claro que sistemas top hi-end são absolutamente sedutores, e assistir a uma apresentação bem-feita com gravações tecnicamente impecáveis é implacavelmente sedutor.

Mas quantidade de gravações tecnicamente impecáveis não é tão numerosa assim, para 'justificar' um investimento tão vultoso, você não acha? E se formos avaliar pelo lado mais importante - o artístico - aí que nos encontramos em uma 'sinuca de bico'! Pois grande parte das gravações consideradas audiófilas, são artisticamente bem sofríveis.

Nunca me esqueço de uma sala no nosso Hi-End Show de 1998, em que na apresentação de uma bookshelf o expositor tocou uma gravação hi-end de Albinoni para solo de contrabaixo. Na book, o som era grandioso, como se a caixa tivesse o tamanho de uma coluna de três vias! Os visitantes ficaram extasiados com a performance da caixa, no entanto a performance do baixista era de um amadorismo completo. Pulando notas, desafinando, algo vergonhoso de se ouvir.

Intrigado em saber se a book realmente tinha um corpo harmônico de torres, levei no outro dia, antes do evento abrir, uma gravação solo do baixista Ron Carter, para tirar a dúvida, e a book ainda que correta, tocou com o corpo de uma bookshelf de dimensões reduzidas, faltando a primeira oitava, como teria que ser. Truques em gravação audiófilos tem aos montes e, em cada feira, todos os anos alguns desses discos são eleitos para estarem em todas as salas com todos os tipos de sistemas.

Infelizmente, essas gravações em sua esmagadora maioria artisticamente são ruins. Nas últimas edições da feira de Munique, uma cantora filipina que gravou obras do Led Zeppelin estava presente em centenas de salas. Consegui com um amigo o CD emprestado, na esperança de valer a pena conhecer o trabalho de uma cantora que, no mínimo, foi 'ousada' na escolha do repertório. Meu amigo,

depois de dois dias, me ligou perguntando o que havia achado da cantora, dos arranjos e da qualidade técnica e artística. Tentei ser o mais educado possível e procurei medir as palavras, afinal se ele tinha comprado o disco, ele havia gostado. Mas tamanha foi a sua insistência e, me conhecendo, ele foi me apertando até que deixasse as 'formalidades' de lado e fosse direto ao ponto - acabei confessando minhas observações, rs.

Disse que os músicos os arranjos e principalmente sua interpretação me lembraram a juventude quando peregrinávamos de bar em bar até amanhecer, ouvindo bandas cover em bares cheirando a mijo e cerveja. Ele soltou uma sonora gargalhada, e disse que foi essa a mesma impressão que teve depois de duas audições. Muito ruim, amador, técnica vocal limitada, pouca extensão para interpretar os maiores clássicos do Led. Enfim, um caça-níquel para arrancar uma grana dos audiófilos, que clamam por ouvir o Led Zeppelin original (mas que não soa bem em seus sistemas) então se sujeitam a ouvir cover de boteco!

A mesma coisa ocorreu quando peguei o disco da cantora Jacinta, muitos anos atrás, para fazer uma resenha na nossa seção CDs do Mês. Ruim, técnica vocal limitada, arranjos pobres, clássicos da música americana que merecem ser escutados em suas versões originais. Que não soarão tão 'assépticos' como no CD da Jacinta - que soa bem em qualquer sistema - mas que artisticamente ficam a dever.

Então, quando algum leitor me escreve que seu sistema está naquele ponto de 'escolher' as gravações que ficam e as que serão esquecidas na prateleira, fica evidente que este audiófilo atravessou a fronteira para o lado do 'sistema acima da música', e não o contrário.

Neste artigo não irei focar em dicas de como você pode saber para que lado seu sistema está indo. Não falarei de metodologia e nem tão pouco darei dicas de discos que você precisa escutar para saber se o sistema está bem ajustado. Falarei do óbvio, que se te disserem que um sistema hi-end irá excluir gravações tecnicamente limitadas, não acredite! Os sistemas evoluíram tanto nesta última década que discos que nos sistemas de dez anos atrás eram inaudíveis, hoje podem ser resgatados e escutados com enorme prazer auditivo. E você deve estar se perguntando o que melhorou para possibilitar este resgate tão desejável? Tudo melhorou em todos os componentes da cadeia na reprodução, dos cabos a toda eletrônica.

Com isso a 'folga' na reprodução macrodinâmica ganhou fôlego suficiente para reproduzir até mesmo aquelas gravações super comprimidas e que soavam frontalizadas e que causavam rápida fadiga auditiva.



Assim, se você deseja saber em que direção seu sistema está indo, faça um pente fino em sua discoteca e pegue aquelas gravações que você gosta tanto e que ficaram hibernado na prateleira desde quando, em alguma etapa de seus upgrades, aquela gravação foi recusada pelo sistema. Todos nós temos dezenas dessas gravações, que fomos aceitando resignadamente que, naquele novo setup, soavam desconfortáveis, então precisavam ser esquecidas.

Escolha uma ou duas, de preferência aquelas que sente mais saudade de escutar, e coloque na sua configuração atual. Se continuarem soando ruins, tenha a certeza que, ainda que seu esforço em termos de grana e tempo tenha sido grande, ainda não foi o suficiente para resgatar essas gravações.

E fique atento: pois se soaram ainda piores, o senhor começa a caminhar a passos largos para ir reduzindo cada vez mais sua discoteca. E acreditar que o sistema esteja 'expurgando' apenas o que está muito abaixo do padrão de qualidade alcançado, é um dos mais elementares equívocos que podemos cair. Pois se o sistema que caminha no sentido oposto, não exclui, e sim resgata!

Então duvide se algum audiófilo lhe apresentar uma dúzia de discos, ainda que ele tenha centenas de gravações espalhadas na sua sala de audição. Adoro dar a liberdade ao meu visitante de fuçar nas minhas prateleiras e escolher alguma gravação que o agrade artisticamente. São mais de 8.000 CDs com todos os gêneros musicais de bom nível (é claro), à disposição de todos que frequentam nossa Sala de Testes.

E, à medida de que nosso Sistema de Referência sobe de pontuação (hoje está em 101 pontos em nossa metodologia), até mesmo aquele CD de 'Best-Of' toca muito decentemente (ainda que tenha sofrido compressão e equalização), pois o sistema está correto em todos os quesitos da Metodologia de forma coerente e homogênea, assim a folga existente comporta até mesmo gravações tecnicamente bem limitadas. Aí não tem discussão de gosto subjetivo, ou se está certo ou errado, pois se no sistema toca sem fadiga auditiva e em outro sistema é inaudível, o que não consegue reproduzir bem é que está errado.

Essa equação até minha filha de 10 anos compreende. E, aí meu amigo, quando se entende o caminho que se deve tomar para que ►

um sistema hi-end esteja a serviço da música e não o contrário, a busca se torna muito mais clara.

Então, se você quiser realmente saber em que nível se encontra seu sistema, ouça seus discos de cabeceira, aqueles que ao escutar lhe emocionam ou lhe trazem lembranças que lhe são muito caras! E se o seu sistema tiver a folga e a ausência de fadiga tão desejada, nessas gravações tecnicamente mais limitadas, relaxe! Pois todo o seu esforço foi recompensado!

E se em meu sistema, a cada novo upgrade que realizo, diminui cada vez mais a quantidade de discos que dá prazer ouvir, o que faço? Diria para primeiro você tirar umas férias do seu sistema, deixá-lo de lado por algumas semanas, para você ter tempo de repensar e ver onde está o erro.

Todo sistema possui um elo fraco, e descobrir este(s) elo(s) é o primeiro passo, pois as vezes este elo é o que o fez caminhar na direção errada. Exemplo: excesso de grave na sala não tratada, qual a tendência?

Secar os graves. O problema que quando você seca os graves, o médio grave também é alterado. E com isto o equilíbrio tonal é seriamente afetado. Gravações tecnicamente ruins tendem a ter médio-grave com pouco corpo e, somando-se as deficiências da gravação com as da sala e do sistema, está explicado o caos sonoro. Ou, ao contrário, o problema encontra-se em uma sala muito viva e não tratada. As gravações remixadas (principalmente as de música pop ou também classificadas como 'comerciais' dos anos 60,70,80 e 90) sofrem muita equalização (os responsáveis por essas remixagens sempre querem dar seu 'toque de midas') e ficam com um brilho nos agudos que não existia na máster original. Em salas vivas, com muita janela, piso frio, etc, essas gravações sempre irão agredir os nossos ouvidos.

O que estou tentando dizer com esses dois exemplos é para você não entrar em pânico e querer começar do zero, pois o problema pode não ser integralmente do setup. Então descobrir o(s) elo(s) fraco(s) é o primeiro passo. Se for acústico, trate-o e ouça o sistema com essas gravações expurgadas e veja se melhorou. Se andamos, mas ainda está torto, mantemos o foco e vamos descobrir quais são os outros elos. Geralmente para compensar deficiências acústicas usamos como 'band-aid' os cabos. Então busque ver se os cabos estão 'amarrando' o sistema.

E só depois de checado toda a cabeção, se ainda estiver rejeitando as gravações tecnicamente limitadas, descubra qual eletrônica está impedindo de ouvir todos seus discos novamente. Um

detalhe importante: presume-se que os sistemas todos sejam Diamante Referência ou Estado da Arte, e os componentes tenham no máximo dez anos de uso. Pois se o setup for uma mistura de fonte digital ou caixas acústicas de mais de dez anos com amplificadores mais recentes, o ajuste nunca será possível.

Vendo o sistema do editor do site que expurgou todas as suas gravações PCM e que passou apenas a ouvir DSD (SACD), fica claro o motivo dele ter que partir para esta solução. Pois seu setup é uma mistura de produtos de classificações bem distintas (de Ouro Recomendado à Diamante de entrada) e ainda que ele tenha tido enorme cuidado com elétrica e acústica, existe o que chamo de pontas de elos fracos entre sinergia dos componentes, cabos, caixa, etc.

E quando o sistema se encontra neste patamar de pontas não 'amarradas', o índice de gravações que não soarão bem é gigantesca. O problema é que o audiófilo nesta situação culpa as gravações e não seu sistema, afinal é muito mais fácil culpar os discos do que a nós mesmos por não sermos capaz de detectar o óbvio. Ai o audiófilo entra naquela espiral de só mostrar aos amigos e a si mesmo gravações que não comprometam todo o dinheiro investido (como se pudéssemos empurrar o problema para debaixo do tapete e esquecermos que ele está ali na nossa cara).

Quem nunca usou desse expediente (de só mostrar as gravações que soam impecáveis), levantem a mão! Quando somos mais jovens temos a ilusão de que 'reinventaremos a lâmpada', que nossas soluções serão sempre certas e podemos cortar caminho achando atalhos. Não, meu amigo, este é um hobby que precisa de maturação, sapiência, paciência, ouvido e sensibilidade. Sem estes quesitos, iremos errar muito mais que acertar.

Como diz a letra da música "ouça um bom conselho que lhe dou de graça", se queres saber em que estágio está seu sistema, veja a quantidade de discos que ele rejeita. Se for menos de 20%, parabéns! Você está no caminho e todo o seu esforço está na direção certa. E se o seu sistema já rejeita mais de 30% dos seus discos, cuidado! Você está indo muito rápido na direção errada! E se o seu sistema Estado da Arte, que lhe custou um fígado, rejeita mais de 50% de sua discoteca, você anda a passos largos para ver sua tão estimada discoteca ser reduzida a uma dúzia de gravações.

E não me odeie por estar tocando na ferida de muitos de nossos leitores, mas este também é o meu papel como editor. O que desejo realmente é que o seu sistema lhe traga cada vez mais satisfação e beleza a sua vida. Pois ouvir música em um sistema de qualidade nos traz um bem-estar mental, emocional e espiritual. ■



TCL ANUNCIA O LANÇAMENTO DE TV COM RESOLUÇÃO 8K E PRESTA HOMENAGEM AO FUTEBOL BRASILEIRO

XX Jean Rothman
revista@clubedoaudio.com.br

A TCL, em evento exclusivo realizado dia 01 de Julho, anunciou o lançamento da TV 8K QLED para o Brasil. O modelo X10S é uma Android TV com Inteligência Artificial, com microfone embutido que responde a comandos de voz a distância, utiliza a tecnologia de QLED (a TCL é membro da QLED TV Alliance), possui tela ultrafina sem bordas, é equipada com um sound bar Dolby Atmos, desenvolvido pela Onkyo, conectividade por Bluetooth e Chromecast. O recurso do microfone por acionamento a distância (far field microphone) dispensa o uso do controle remoto para acessar o Google Assistant, permitindo que os usuários explorem conteúdos de entretenimento, informações, planejamento e controle de dispositivos domésticos inteligentes por comandos de voz em português.

“A Android TV TCL X10S impressiona pelos detalhes. Com o uso da tecnologia QLED para reproduzir cores e contrastes de forma precisa, a TV é compatível com conteúdos em Dolby Vision e HDR 10+. O sistema de Dolby Atmos utiliza tecnologia de última geração através de um sound bar integrado que foi desenvolvido pela Onkyo, marca tradicional de produtos de Audio High End. A inteligência artificial, além de facilitar toda busca de conteúdo e controle de automação através do Google Assistant, também tem um papel fundamental de otimizar a qualidade dos conteúdos que ainda não são 8K, para não limitar as possibilidades de entretenimento desse produto”, avalia João Paulo Rezende, gerente de produtos da SEMP TCL.

Com constantes investimentos para deixar as casas cada vez mais conectadas, a TCL traz funcionalidades que revolucionam e facilitam o dia a dia do usuário. O Google, responsável pelo sistema operacional Android das TVs TCL, reforçou os benefícios do Google Assistant: “através deste recurso, é possível controlar os conteúdos que surgem na TV e muitos outros dispositivos conectados no ambiente apenas por comandos de voz”, diz Flavio Ferreira, diretor de parcerias de Android para a América Latina.

A Android TV X10S 8K chega ao varejo com preço sugerido de R\$ 22.999 e estará disponível para pré-venda em agosto.

A TCL também anunciou o lançamento de três aparelhos 4K, todos com sistema operacional Android, Google Assistant, controle remoto acionado por comando de voz e Chromecast. O modelo C6 possui tela ultrafina e sem bordas, sistema de som Soundbar Harman Kardon e Bluetooth Audio.

A TV P8S, feita para consumidores de gosto refinado, se destaca com seu design em tela cheia e estrutura metálica, levando a experiência visual a um novo patamar. Comporta tecnologias visuais e de áudio avançadas, com qualidade de imagem vívida suportada pela nova tecnologia de tela HDR10+, além da tecnologia de ampla gama de cores, e vem com Áudio Dolby e áudio Bluetooth.

A TV P8S está disponível em telas de 50”, 55” e 65”.

Já a TV P8M, que possui as tecnologias de tela Micro Dimming, oferece aos usuários qualidade de som imersiva com seu Áudio Dolby e áudio Bluetooth. O modelo também está equipado com as mais avançadas funções inteligentes que ajudam os usuários a adotar uma vida mais prática e personalizada. A TV P8M chega às lojas em telas de 50”, 55” e 65”.

Patrocinadora oficial da Copa América, a TCL encerrou a programação oficial do evento com uma homenagem ao futebol brasileiro com o ídolo Cafu. O capitão do pentacampeonato destacou a visibilidade da marca durante Copa América 2019. “Essa tecnologia do VAR é uma ferramenta poderosa para auxiliar as decisões e minimizar os erros de arbitragem”, comentou o ex-jogador.

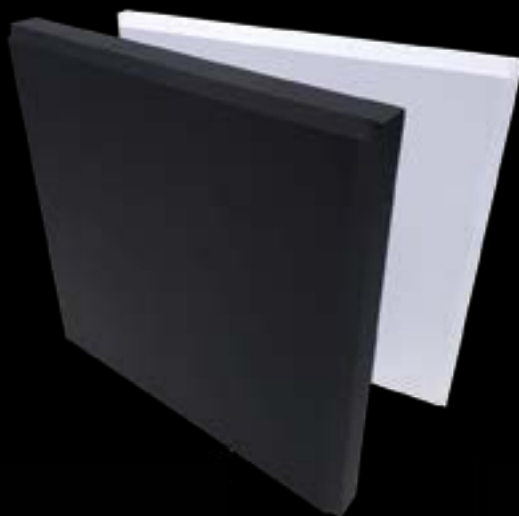
“Já somos a marca de TV que cresce mais rápido no mundo, atribuímos esse sucesso não só ao design, tecnologia e qualidade superiores dos nossos produtos, mas também a nossa conexão com o esporte que nos aproxima de uma das emoções mais fortes e genuínas dos consumidores. Ter a oportunidade de reunir esse astro, responsável por duas das cinco estrelas do escudo da Amarelinha foi muito inspirador, e nos motiva a continuar investindo e criando inovações para o esporte.”, comemora Patricia Vital, head de marketing da SEMP TCL. ■



P8M



Faça um upgrade seguro no seu sistema: Escute-o corretamente!



O novo painel acústico Pererĩ oferece funcionalidade, eficiência e requinte.

Também desenvolvemos ressonadores, difusores customizados, absorvedores, portas acústicas, racks, pedestais, entre outras peças e dispositivos para salas de audição, estúdios e home theaters.



hi-fi experience

www.hifiexperience.com.br



RANKING DE TESTES DA ÁUDIO VÍDEO MAGAZINE

Apresentamos aqui o ranking atualizado dos produtos selecionados que foram analisados por nossa metodologia nos últimos anos, ordenados pelas maiores notas totais. Todos os produtos listados continuam em linha no exterior e/ou sendo distribuídos no Brasil.

AUDIO
VIDEO
MAGAZINE

TOP 5 - AMPLIFICADORES INTEGRADOS

Hegel H360 - 95 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.235
Aavik U-300 - 94 pontos (Estado da Arte) - Som Maior - Ed.220
Luxman L-590AX MKII - 93 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.229
Mark Levinson N°585 - 93 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.221
Sunrise Lab V8 MK4 - 92,5 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.234

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES

CH Precision L1 - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.239
D'Agostino Momentum - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198
Audio Research Ref 6 - 98 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.243
Luxman C-900U - 98 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.232
Mark Levinson N°526 - 98 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.228

TOP 5 - AMPLIFICADORES DE POTÊNCIA

CH Precision M1 - 106 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.238
Goldmund Telos 2500 - 104 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.200
Audio Research 160M - 102 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed. 251
Hegel H30 - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.210
D'Agostino Momentum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.185

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES DE PHONO

Boulder 508 - 102 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.253
Tom Evans The Groove+ - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.204
Pass Labs XP-25 - 95 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.170
Gold Note PH-10 - 93 pontos (Estado da Arte) - Living Stereo - Ed.249
Esoteric E-03 - 92 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198

TOP 5 - FONTES DIGITAIS

MSB Select DAC - 106 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.252
dCS Rossini - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.250
dCS Scarlatti - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.183
Mark Levinson N°519 - 99 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.230
dCS Rossini - 94 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed. 226

TOP 5 - TOCA-DISCOS DE VINIL

Basis Debut - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.196
Transrotor Rondino - 103 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.186
Dr Feickert Blackbird (braço: Reed 3Q) - 95 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.199
AMG Viella V12 - 95 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.189
Transrotor Apollon - 95 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.167

TOP 5 - CÁPSULAS DE PHONO

MY Sonic Lab Ultra Eminent EX - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.202
Air Tight PC-1 Supreme - 105 pontos (Estado da Arte) - Alpha Audio & Video - Ed.196
Cápsula MC Murasakino Sumile - 103 pontos (Estado da Arte) - KW Hi-Fi - Ed. 245
vdH The Crimson SE - 99 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.212
Benz LP-S - 97 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.174

TOP 5 - CAIXAS ACÚSTICAS

Wilson Audio Alexandria XLF - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.200
Evolution Acoustics MMThree - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.176
Kharma Exquisite Midi - 99 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.198
Dynaudio Evidence Platinum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.193
Revel Ultima Salon 2 - 98,5 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.229

TOP 5 - CABOS DE CAIXA

Transparent Audio Reference XL G5 - 103,5 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.231
Crystal Cable Absolute Dream - 103 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.205
Sunrise Lab Reference Quintessence Magic Scope - 101 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.240
Sax Soul Ágata - 100 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul Cables - Ed.228
Nordost TYR 2 - 99 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.250

TOP 5 - CABOS DE INTERCONEXÃO

Transparent Opus G5 XLR - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.214
Sax Soul Ágata II - 103 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul - Ed.251
Sunrise Lab Quintessence - 102 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.244
van den Hul CNT - 100 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.211
Nordost TYR 2 - 99 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.250



GUIA BÁSICO PARA A METODOLOGIA DE TESTES

Para a avaliação da qualidade sonora de equipamentos de áudio, a *Áudio Vídeo Magazine* utiliza-se de alguns pré-requisitos - como salas com boa acústica, correto posicionamento das caixas acústicas, instalação elétrica dedicada, gravações de alta qualidade, entre outros - além de uma série de critérios que quantificamos a fim de estabelecer uma nota e uma classificação para cada equipamento analisado. Segue uma visão geral de cada critério:

EQUILÍBRIO TONAL

Estabelece se não há deficiências no equilíbrio entre graves, médios e agudos, procurando um resultado sonoro mais próximo da referência: o som real dos instrumentos acústicos, tanto em resposta de frequência como em qualidade tímbrica e coerência. Um agudo mais brilhante do que normalmente o instrumento real é, por exemplo, pode ser sinal de qualidade inferior.

PALCO SONORO

Um bom equipamento, seguindo os pré-requisitos citados acima, provê uma ilusão de palco como se o ouvinte estivesse presente à gravação ou apresentação ao vivo. Aqui se avalia a qualidade dessa ilusão, quanto à localização dos instrumentos, foco, descongestionamento, ambiência, entre outros.

TEXTURA

Cada instrumento, e a interação harmônica entre todos que estão tocando em uma peça musical, tem uma série de detalhes e complementos sonoros ao seu timbre e suas particularidades. Uma boa analogia para perceber as texturas é pensar em uma fotografia, se os detalhes estão ou não presentes, e quão nítida ela é.

TRANSIENTES

É o tempo entre a saída e o decaimento (extinção) de um som, visto pela ótica da velocidade, precisão, ataque e intencionalidade. Um bom exemplo para se avaliar a qualidade da resposta de transientes de um sistema é ouvindo piano, por exemplo, ou percussão, onde um equipamento melhor deixará mais clara e nítida a diferença de intencionalidade do músico entre cada batida em uma percussão ou tecla de piano.

DINÂMICA

É o contraste e a variação entre o som mais baixo e suave de um acontecimento musical, e o som mais alto do mesmo acontecimento. A dinâmica pode ser percebida até em volumes mais baixos. Um bom exemplo é, ao ouvir um som de uma TV, durante um filme, perceber que o bater de uma porta ou o tiro de um canhão têm intensidades muito próximas, fora da realidade - é um som comprimido e, portanto, com pouquíssima variação dinâmica.

CORPO HARMÔNICO

É o que denomina o tamanho dos instrumentos na reprodução eletrônica, em comparação com o acontecimento musical na vida real. Um instrumento pode parecer 'pequeno' quando reproduzido por um devido equipamento, denotando pobreza harmônica, e pode até parecer muito maior que a vida real, parecendo que um vocalista ou instrumentista sejam gigantes.

ORGANICIDADE

É a capacidade de um acontecimento musical, reproduzido eletronicamente, ser percebido como real, ou o mais próximo disso - é a sensação de 'estar lá'. Um dos dois conceitos subjetivos de nossa metodologia, e o mais dependente do ouvinte ter experiência com música acústica (e não ampliada) sendo reproduzida ao vivo - como em um concerto de música clássica ou apresentação de jazz, por exemplo.

MUSICALIDADE

É o segundo conceito subjetivo, e necessita que o ouvinte tenha sensibilidade, intimidade e conhecimento de música acima da média. Seria uma forma subjetiva de se analisar a organicidade, sendo ambos conceitos que raramente têm notas divergentes.

TESTE
1
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=90N-ZCZVUKW](https://www.youtube.com/watch?v=90N-ZCZVUKW)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=M3MBYOK0APY](https://www.youtube.com/watch?v=M3MBYOK0APY)

CAIXA DEVORE FIDELITY ORANGUTAN O/96



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Lembro-me da dificuldade que era conseguir, na década de 90 e no começo do novo século, uma caixa compatível com amplificadores valvulados de 8 a 25 Watts, no Brasil. Era uma peregrinação sem nenhum resultado eficaz! Pois a maioria das caixas importadas neste período possuíam sensibilidade incompatível com esses amplificadores. Uma caixa com 90 dB de sensibilidade era como achar um oásis no deserto!

A primeira Living Voice que chegou ao país, em 2002 (testada por nós), com os seus 90 dB de sensibilidade, foi saudada com todas as honras possíveis. E ela só aterrissou por aqui pelo fato do importador também ter fechado a representação de um amplificador de topologia OTL que necessitava, para tocar decentemente, de uma caixa de melhor sensibilidade.

Os tempos mudaram, felizmente, e atualmente os amantes de amplificadores valvulados 300B, com a 4 a 8 Watts de potência, já

podem sorrir pois a DeVore Fidelity, um renomado fabricante de caixas do Brooklyn, em Nova York, está de volta ao Brasil pelas mãos do Fernando Kawabe.

Aqui mesmo já testamos a bookshelf modelo Gibbon 3XL, na edição 238, e a torre modelo Gibbon 88 na edição 241 - que nos surpreendeu pela performance e pela sua alta compatibilidade com diversos amplificadores. John DeVore, antes de construir suas próprias caixas, trabalhou em lojas de som hi-end em Nova York, além de ser baixista. E nesse tempo foi consolidando suas ideias e observações, chegando à conclusão que as caixas hi-end que comercializava poderiam ser divididas em duas classes: as que soavam bem por algum par de horas e depois cansavam, e as que eram musicais porém não eram muito precisas em termos de timbre (claro que simplifiquei as coisas, pois certamente essas conclusões não foram extraídas da noite para o dia). John DeVore então começou a pensar ►



que as caixas hi-end ideais deveriam soar como um instrumento acústico, com todo o seu gabinete, trabalhando em conjunto com os falantes e não um gabinete morto e sem nenhuma relação com os drivers. John sempre repete em suas entrevistas que cada um de seus projetos é criado de uma folha em branco, começando do zero, tentando imaginar como podem ser úteis aos seus numerosos clientes. Isso declina longos períodos de maturação, antes de um novo produto ser considerado viável.

Tudo é pensado por John minuciosamente, a tal ponto que até a escolha do pano da tela da caixa que deve, quando utilizada pelo cliente, não comprometer de maneira alguma a performance da caixa. DeVore chegou à conclusão que o tecido das telas de suas

caixas não poderia ser como as de seus concorrentes (fios peludos e longos, quando se olha em um microscópio), e sim de fios de fibra de vidro finos - muito finos - envolvidos em vinil. Pois ele não desejava que, se o usuário ouvir com a tela de proteção, os agudos sejam atenuados.

Perfeccionismos? Sim John leva seus projetos ao limite do que imaginou em termos de performance, e no seu conceito de que caixas devem soar por inteiras e não apenas a sonoridade dos falantes e do crossover. A beleza do hi-end está justamente (no meu modo de ver) em ter múltiplas escolhas e caminhos, pois o ser humano é justamente assim. Essa pluralidade é que nos permite ir sempre mais além. ►



Murasakino

Musique Analogue

Cápsula MC Sumile

"Um conforto exuberante"



TD 203



3XL

ESTADO
DA ARTE



VA-ONE

THORENS®

**DeVORE
FIDELITY**

QUAD

the closest approach to the original sound

ACROLINK

**FLUX
HIFI**

JELCO
MADE IN JAPAN



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

fernando@kwhifi.com.br - (48) 3236.3385
(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

www.kwhifi.com.br



No desenvolvimento da DeVore O/96 (permitam-me abreviar), além de sua alta eficiência (96dB), ele desejava uma caixa que fosse bastante amigável e que nunca descesse abaixo de 8 ohms em toda a faixa de frequência. Definido todo o projeto, John apresentou aos seus dealers a caixa, e a resposta de muitos foi: "Nunca conseguirei vender esta caixa, com este design". John então fez um acordo com eles, que se as caixas não vendessem, ele as receberia de volta! Nenhuma voltou e, em apenas 8 meses, a O/96 tornou-se a caixa mais vendida da DeVore!

Todo leitor que participou de nossos Cursos de Percepção Auditiva irá se lembrar da primeira dica que dou para quem quer se aventurar em montar um sistema hi-end: a escolha deve começar pelas caixas acústicas! Pois elas serão a assinatura sônica de seu sistema. Independente da escolha dos cabos e eletrônica, o sistema terá a identidade final das caixas acústicas. E não me venham com a história de que o ideal é escolher uma caixa de sonoridade neutra, pois essa caixa ainda não foi fabricada e provavelmente nunca será! Então a escolha das caixas que mais lhe agradam é o passo inicial correto para quem começará do zero. E é óbvio que a escolha será trabalhosa e necessitará de perseverança e enorme paciência.

É um pormenor essencial, quando achar a caixa ideal: ouça-a com um sistema compatível com o seu orçamento. Pois de nada adianta ouvir a caixa que o seduziu com uma eletrônica muito acima do valor dela!

Quando desembalei a caixa, junto com o Fernando Kawabe (na verdade, com a minha mão no estado atual, só consigo emprestar a mão e o braço esquerdo - então todo o trabalho pesado foi feito pelo Kawabe), o design da O/96 me lembrou de cara as caixas da Audio Note. Muito semelhantes, inclusive no falante de médio-grave de cone azul de ambas. Porém, ao contrário das caixas da Audio Note, que trabalham sempre encostadas à parede, as DeVore precisam de respiro à sua volta para terem a melhor performance possível.

E depois de ouvir a DeVore, diria que as semelhanças entre ambas acabam realmente no design! O seu criador descreve sua criatura da seguinte maneira: "Uma caixa em que o essencial é a musicalidade e precisão para amantes de amplificadores valvulados de baixa potência. Um falante de 10 polegadas com cone de papel faz o trabalho no médio-grave e um tweeter de cúpula de seda com um poderoso sistema de motor de ímã duplo trabalha as altas frequências". Defensor de um par de plugues apenas, a DeVore tem as seguintes especificações, segundo o fabricante: 96dB de sensibilidade (há controvérsias em relação a esta sensibilidade, pois John Atkinson da revista Stereophile não a confirmou, para ele ficando mais próximo de 92dB - eu concordo com ele, pois em todos os amplificadores que utilizei, em comparação com a minha Kharma que tem uma sensibilidade de 91dB, segundo a Kharma, os volumes foram muito próximos, e isso não ocorreria se a DeVore tivesse realmente 96 dB) e a resposta de frequência é de 25Hz a 31kHz.

Seu gabinete utiliza uma placa defletora de bétula (onde estão afixados seus falantes) e dois tipos de MDF são usados para o restante, sendo um para o painel traseiro e outro para a parte superior e inferior e laterais. Os plugs são Cardas de puro cobre e o crossover (não especificado pelo fabricante) é baseado no circuito da Gibbon, e é proprietário da DeVore. As caixas são ligadas por baixo, por isto a necessidade dos pedestais proprietários para a realização da ligação, e no painel traseiro dois dutos em paralelo, na parte de baixo do gabinete, foram colocados. O gabinete, com o simples toque do nó dos dedos, nos permite ver que realmente as densidades do MDF e do painel frontal, soam diferentes. A frente soa mais seca, atrás um pouco menos, e nas laterais mais vivo.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. Amplificadores: power Air Tight 300B (leia teste na edição de junho/2019), Cambridge Audio Edge e Hegel H30. Pré-amplificadores: Dan D'Agostino e Edge da Cambridge Audio. Fontes digitais: MSB Select DAC (leia teste na edição de junho/2019), dCS Vivaldi (clock e DAC) e nosso sistema dCS Scarlatti. Cabos de caixa: Nordost Tyr 2, ►

Frey 2 (leia teste 4 nesta edição) e Sunrise Lab Quintessence. Cabos de interconexão RCA: Nordost Frey 2, Sunrise Lab Quintessence e Sax Soul Ágata 1. Cabos XLR: Transparent Opus G5, Sunrise Lab Quintessence e Sax Soul Ágata 2. Fonte analógica: pré de phono Boulder 508 (leia teste 2 nesta edição), toca-discos Basis debut IV, braço SME Series V, e cápsulas Clearaudio Stradivarius Mk2 e Transfiguration Protheus.

A DeVore O/96 veio com apenas 50 horas de amaciamento. Em todos os fóruns falam em, no mínimo, 480 horas para se começar a colocar a caixa em ordem para audição, alguns falam em 800 horas! Então, assim que fizemos nossa primeira audição, começou o longo processo de queima inicial de 250 horas para então realizarmos as primeiras anotações.

Com 50 horas, o palco é baixo como se os músicos estivessem tocando sentados, os graves são engessados e os agudos não possuem nenhuma extensão. É uma chuva de médios bidimensionais na sua cara. Então qualquer desavisado que ouvir esta caixa com 50 horas de queima, irá fatalmente descartá-la de imediato. Os seus fãs (que estão em todos os continentes) irão lembrar que, como um bom vinho, quanto mais velho melhor! E posso garantir que eles estão certos, com instrumentos musicais ocorre o mesmo fenômeno - aqui em casa meu filho tem um violão Fender e um Di Giorgio, e ambos mudaram muito quando amadureceram (felizmente para melhor).

O Fender, por mais de um ano possuía um som embotado que parecia não melhorar, nem com a escolha de cordas mais caras. Já o Di Giorgio tinha um som mais aberto e projetado desde quando chegou. E fosse com qualquer encordoamento, esta característica sempre se mostrou presente. Com quase dez anos de vida, ambos possuem uma assinatura sônica muito mais próxima. O Digorgio pouco mudou e o Fender cresceu exponencialmente! Abriu, ganhou corpo, maior presença mesmo em pianíssimo e tornou-se o violão da casa (todos preferem sua sonoridade, mais equilibrada e quente!). Boas caixas acústicas sofrem o mesmo processo, então é preciso que os desavisados ou os 'desesperados.com' levem isto em consideração ao escolher uma caixa zero, pois como diz o ditado popular: "quem tem pressa, come cru".

Com 250 horas, quase nada mudou. Um pouco mais de profundidade, largura no palco mas, nada dos músicos tocarem em pé! Os graves começaram a encorpar, mas não o suficiente para ouvir obras com baixo elétrico ou órgãos. Os agudos começaram a apresentar maior extensão, porém nada que animasse a ouvir obras sinfônicas. Tomei então uma atitude radical, e deixei as DeVore queimando por 400 horas. Enquanto isso, finalizei o teste do Select, pois o tempo com este aparelho tinha data e hora para terminar.

Finalmente, com o Air Tight 300B também já devidamente amaciado, coloquei-os para tocar em conjunto (o vídeo da DeVore foi feito exatamente com 408 horas de queima). Finalmente a altura veio, as extensões nas duas pontas apareceram e pude iniciar o teste do 300B e começar a entender as características sonoras da O/96. É uma caixa que requer muito cuidado com o posicionamento, e concordo com muitos de seus usuários que lembram que é uma caixa que necessita de respiro a sua volta para soar corretamente. Na nossa sala, dependendo do amplificador ligado à ela, as distâncias entre as mesmas e as paredes laterais e as costas da caixa, mudaram substancialmente. Com o 300B, o melhor resultado foi com elas a 3 metros uma da outra (de tweeter a tweeter), e 1,90 m da parede às costas das caixas, e com um pequeno toe-in apontado para o centro da sala. Com o Edge, de 100 Watts por canal em 8 Ohms, foi possível deixar as caixas mais distantes entre si (3,40 m) e com menos direcionamento para o centro da sala e 1,70 m da parede às costas delas. E com o H30 foi possível reposicionar a caixa abrindo mais, apontando menos para o centro, e a mais distante da parede às costas (1,95 m). Porém, a caixa se mostrou merecedora da queima bem mais longa, 'florescendo' totalmente após 600 horas de queima! Ai sim, pudemos conhecer todos os seus atributos sonoros.

É uma caixa que possui uma transparência invejável, e capaz de reconstruir todo tipo de microdinâmica existente na gravação. Sua região média é de uma apresentação física impressionante, e cantores e solos de instrumentos se materializam com enorme facilidade, seja nas gravações tecnicamente mais produzidas ou naquelas em que o engenheiro de gravação não comprimiu ou equalizou. Os graves, depois da caixa integralmente amaciada, possuem velocidade, peso e muito bom corpo. Falta-lhe aquela energia visceral, capaz de sentirmos o deslocamento de ar mas, convenhamos, nenhum amplificador de 8 Watts de potência oferece essa possibilidade.

Mas, para tirar a prova dos nove, tirei o 300B de 9 Watts e coloquei o Edge de estado sólido de 100 Watts. O grave está lá, mas nas passagens macrodinâmicas ele é muito mais comedido que em nossa caixa de referência, que desce a 22 Hz. A região alta é bem apresentada, com excelente extensão, naturalidade e decaimento. Senti pouco de corpo nos pratos de condução, mas nada que desabone a performance da O/96. Entendo o motivo do seus fãs sempre lembrarem de seu alto grau de musicalidade. E certamente parte dessa performance se encontra na apresentação das texturas, que são sempre muito naturais e precisas. Dá para observar tranquilamente a qualidade do instrumento, a captação e a virtuosidade do músico. Ouvi diversas obras de quartetos de cordas, música à capela e obras com instrumentos de época, e a O/96 se mostrou magistral na apresentação destes exemplos.

Você pode passar horas e mais horas sem nenhum resquício de fadiga auditiva! Os transientes também são excelentes, com enorme precisão e ritmo. Ouvi diversas obras de piano solo e percussão e a DeVore se saiu muitíssimo bem. O soundstage, tanto em relação a foco e recorte como os planos, dependerá muito do posicionamento das mesmas na sala. E quanto mais próximas entre si, menor será a sensação de planos entre os naipes, altura e profundidade. E, ao contrário, se elas puderem trabalhar mais distantes, os planos, foco e recorte serão muito mais precisos. O mais delicado será sempre conseguir a altura correta e, mesmo depois de inúmeras tentativas com os três amplificadores e com os cabos de caixa, a altura foi sempre ligeiramente mais baixa do que estou acostumado tanto com a Kharma (que não é uma coluna alta) como com a Dynaudio Evoke 50 que estamos testando. Isso parece um detalhe de gente chata, mas em audições com voz a altura pode fazer uma grande diferença em sistemas Estado da Arte em que desejamos enganar nosso cérebro.

A macrodinâmica da DeVore será uma com um amplificador valvulado de baixa potência e outra bem diferente com um amplificador de maior potência. Para ser honesto com você leitor, para este

quesito, montei o power Audio Research VT80SE que está entrando em teste, mas que já está amaciado ou quase que completamente (280 horas), que dá 75 Watts. No quesito macrodinâmica, tivemos um comportamento da DeVore com o 300B e outro completamente distinto com o VT80SE. Para o meu gosto, se tivesse esta caixa, e minha opção fosse por um valvulado, escolheria sem pestanejar o VT80SE com válvulas KT150. Principalmente pelo meu gosto musical ser tão eclético.

Fica aqui a dica. Se gostas de audições com volumes mais próximos do real, e tens uma vasta coleção de obras clássicas ou de Big Bands, a DeVore se sentirá muito mais à vontade com um valvulado de mais potência.

O corpo harmônico dos instrumentos é muito bem apresentado na DeVore, principalmente em analógico. Ouvi uma dezena de gravações de jazz dos anos 50 e 60 e fiquei muito impressionado com a capacidade da O/96 reproduzir de forma fidedigna saxofone, contrabaixo, vozes, trombone, etc.

E a organicidade (materialização física do acontecimento musical) se deu de forma exemplar nas gravações tecnicamente bem produzidas.



Sax Soul Cables

Extraia todo o potencial do seu sistema.



CONCLUSÃO

A DeVore Orangutan O/96 é um sucesso desde o seu lançamento, e conquistou diversos prêmios internacionais e segue sendo uma das caixas preferidas de quem tem eletrônica Shindo, Audio Note, Ongaku, Air Tight etc. Suas virtudes e compatibilidade confirmam que as caixas da DeVore Fidelity foram feitas sob medida para os usuários dessas marcas. Com o Air Tight 300B pudemos ter uma ideia do motivo deste sucesso, com audições intimistas, repletas de calor, naturalidade e musicalidade.

Porém a DeVore fica refém das limitações desses amplificadores de baixa potência, não podendo (na minha opinião) mostrar todo seu arsenal de qualidades. Com amplificadores de ao menos 50 Watts por canal, creio que muitos descobrirão mais virtude ainda, como uma maior veracidade nas escalas dinâmicas, maior peso em gravações que exigem maior energia e deslocamento de ar como: órgão de tubo, solos de bateria, as duas últimas oitavas da mão esquerda no piano, etc. Pois com a melhora estrondosa na captação de uma nova geração de microfones, esta é uma realidade já revelada nas gravações mais contemporâneas e que todo audiófilo e melômano deseja ouvir.

Pegue, por exemplo, as mais recentes gravações do saxofonista James Carter e o leitor terá uma ideia exata do que estou afirmando. E a DeVore O/96 possui condições de reproduzir essas gravações com méritos, desde que esteja ligada a um amplificador mais musculoso! Com um ar retrô, acredito que a DeVore não faz reféns: ou você ama ou odeia. E isso faz parte (cada vez mais) do universo hi-end.

Descrição	Caixas bass-reflex de duas vias com pedestal
Drivers	Tweeter domo de seda de 1 polegada, woofer de cone de papel de 10 polegadas
Resposta de Frequência	25 Hz a 28 kHz
Sensibilidade	96 dB/W/m
Impedância	10 Ohms nominal, 8.75 Ohms mínimo (em 200 Hz)
Dimensões (L x A x P)	460 x 910 x 310 mm (incluindo pedestais)
Peso	25 kg

Para quem deseja um som intimista, quente, sedutor e natural, a DeVore é uma das candidatas mais desejadas.

Se você se enquadra neste grupo, não deixe de escutá-la.

PONTOS POSITIVOS

Uma caixa de boa sensibilidade capaz de tocar amplificadores de baixa potência.

PONTOS NEGATIVOS

Um design retrô que não irá agradar a todos.

CAIXA DEVORE FIDELITY ORANGUTAN O/96	
Equilíbrio Tonal	10,5
Soundstage	10,0
Textura	11,5
Transientes	10,0
Dinâmica	9,0
Corpo Harmônico	10,0
Organicidade	10,0
Musicalidade	12,0
Total	83,0

[illegible]

KW Hi-Fi
(48) 3236.3385
US\$ 18.000

ESTADO DA ARTE



TESTE
2
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=JQAK2Z4CFEK](https://www.youtube.com/watch?v=JQAK2Z4CFEK)

PRÉ DE PHONO BOULDER 508

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Assim como meus prés de linha, dá para contar nos dedos das mãos os meus prés de phono também, nesses últimos 25 anos! Prefiro comprar o melhor pré de phono dentro do meu orçamento, que atenda as minhas necessidades para testes, e investir em cápsulas, toca-discos e braços. Meus últimos cinco prés de phono me serviram por longos períodos - foram eles: da Jeff Rowland, da ASR, os prés internos dos prés de linha da Accuphase e da dartZeel, e o Tom Evans, com o qual fiquei por quase sete anos! Como ele atendia praticamente a todas as minhas necessidades como articulista, e gostava imensamente de sua sonoridade e compatibilidade com tantas cápsulas distintas, foi ficando, ficando, até que, com a minha última decisão de realizar um upgrade consistente no sistema analógico, vendi meu toca-disco Air Tight, o pré Tom Evans e, provavelmente, também realize um upgrade em minha cápsula PC-1 Supreme, que está no estaleiro e só volta no final do próximo mês. O sistema analógico é de suma importância, tanto para o meu trabalho de articulista

como para minhas audições pessoais, já que 70% dos meus LPs não tenho versão em CD, e me são muito 'caros' emocionalmente, pois muitos estão na família desde os anos 60!

Um upgrade seguro em meu sistema analógico consiste em buscar soluções em diversas frentes. São elas: compatibilidade total com as diferentes prensagens, de 90, 100 e 180 gramas! Discos em condições de uso por décadas e alguns no limite! Diversos gêneros musicais e gravações tecnicamente do 'sofrível' ao 'impecável', em 33RPM e 45RPM! Então o sistema não pode ser analítico ao extremo, mas também não pode ser meloso, pois é antes de tudo uma ferramenta de trabalho. Então as pesquisas levam meses (às vezes até mais de um ano), aí começo a montar o quebra cabeça em minha mente, volto a ler os testes dos produtos que estão em meu radar mental e, se conheço alguém que tem o produto, e confio em seu ouvido, peço informações e, se possível me desloco para ouvir o produto.



Quando falo: “ouvido em que confio”, estou falando de gosto semelhante ao meu e não que seja um par de orelhas pior que o meu, que fique bem claro! Gosto deste trabalho de garimpo, e o faço com prazer nas horas vagas e sem pressa nenhuma. E no momento que bato o martelo, começo a anunciar os meus produtos, para poder realizar o upgrade, pois sem vender, não tenho como realizar o salto. Para continuar os testes, sempre recorro a um amigo, que possa emprestar o produto de que me desfiz até que o definitivo chegue. Pois se não tiver esta ‘solidariedade’ não consigo fazer o upgrade.

Para este teste, contei com a ajuda do Martin Ferrari, que disponibilizou o Basis Debut 4 e, para a instalação no meu braço SME Series V (este não venderei), das cápsulas: Grado Statement Master 2 (leia teste na edição 252), Clearaudio Stradivarius Mk2 (empresada gentilmente pelo André Maltese) e a Transfiguration Protheus. Antes que me perguntem qual será meu novo toca-discos, peço que aguardem até agosto/setembro que aí eu conto!

Agora, voltemos ao pré de phono. Escutei uma única vez o pré de phono da Boulder, o 1008, e lembro que a impressão foi a melhor possível. Pois senti que sua assinatura sônica ia na direção do que mais busco em termos de pré de phono: o equilíbrio entre transparência e musicalidade.

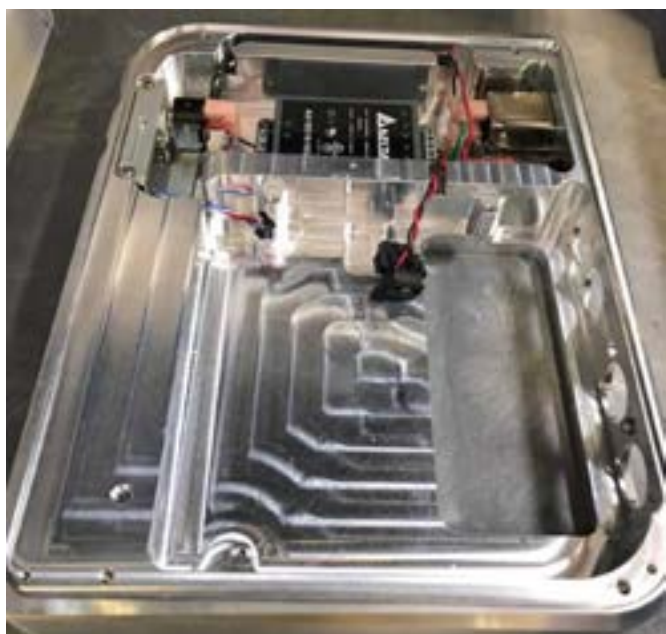
Ouvi quatro gravações com qualidades técnicas bem distintas, e o Boulder teve autoridade para conduzir as gravações com um grau de neutralidade (quando o sistema não impõe sua assinatura), mostrando todas as diferenças técnicas de cada disco, sem nos fazer perder o interesse na música. Muitos audiófilos e melômanos recorrem à topologia de tubo (válvula), para galgar esse compromisso de extrair musicalidade de gravações tecnicamente inferiores, com certo sucesso. Mas se você ganha por um lado, é muito fácil você perder de outro (quando as gravações já são tecnicamente boas e a sonoridade começa a ficar melosa acima do ponto). O que mais eu gostava no Tom Evans era sua capacidade de dar vida mesmo a gravações sem graça, como que jogando luz onde precisava. Com isso o ouvinte nunca perde o fio da meada, seja em passagens sutis, seja em complexas resoluções de macrodinâmica. Mas, com

cápsulas também ‘acesas’, o casamento para acontecer tinha que passar pela escolha de cabos de puro cobre, menos acesos, etc! Como sempre falo, não existe o sistema ideal, 100%! Sempre haverá que se fazer concessões, independente do patamar em que o setup esteja.

E se não for a eletrônica, será a sala ou elétrica, os vizinhos, cachorro, etc! Ou seja, são desafios para toda uma existência. Então, ou você se mune de paciência oriental, ou irá perder o prazer neste hobby facilmente! No Boulder 1008 descobri uma característica que não havia percebido com tanta intensidade em nenhum outro pré de phono - um grau de neutralidade capaz de dar ao ouvinte exatamente o que foi captado, masterizado, mixado e prensado no LP. Mas sem ser analítico ao ponto de você jogar fora os discos tecnicamente sofríveis, pois a música era ainda assim interessante.

Fiquei com essa sensação por anos e, como o produto estava totalmente fora do meu alcance financeiramente, tirei do meu radar mental. Ouvir então o 2008, nem pensar, ainda que muitos articulistas com ‘bala na agulha’ o tenham como referência em seus sistemas e o coloquem como o melhor pré de phono existente na atualidade. Claro que sempre haverá controvérsias, pois os que possuem o Audio Research dirão que o trono é dele, os que escolheram o CH Precision reivindicarão este direito, transformando rapidamente esta questão na ‘Guerra dos Tronos’ de prés de phono top de linha, sem fim, rs. Então refaço minha frase, colocando o 2008 no top five dos prés de phonos de referência, e não desagrado a nenhum dos felizardos que adquiriram qualquer um desses prés de phono. O 1008 já foi recentemente substituído pelo 1108, e deve vir na sequência um upgrade também no 2008 (creio eu). Mas, quando toda a ‘filosofia’ Boulder parecia apenas favorecer os audiófilos mais abastados, eis que a empresa dá uma guinada e lança um pré de phono batizado de 508, para mais mortais! Quando soube da novidade, há alguns anos, novamente meu radar ligou e comecei a colecionar todo tipo de informação e testes que apareceram internacionalmente.

Segundo o fabricante, ao escrever o primeiro teaser a respeito do 508, o apresentou da seguinte maneira: “Onde o 2008 foi puro ►



excesso, o 508 é pura eficiência. Como o menor Boulder em mais de duas décadas, o 508 possui uma enorme quantidade de desempenho em um único chassi, que pesa apenas 5 kg! Esculpido em um bloco de metal na mesma máquina CNC em que são feitos todos os outros produtos da Boulder.”

Seu design minimalista e seu acabamento é de encher os olhos! Todas as entradas e saídas são XLR (vem com um adaptador, caso na saída para o pré de linha seja necessário a conversão para RCA). No lado direito do painel frontal você tem a chave de liga/desliga e uma chave de acionar o Mute. No painel traseiro, uma pequena chave para a escolha de MM e MC e a entrada e saída XLR, e o terra, e do lado esquerdo entrada IEC e o porta fusível. Internamente o 508 é dotado de um filtro low-cut que remove informações de baixa frequência excessiva de registros distorcidos ou danificados (que possam danificar o woofer das caixas). E vem ajustado de fábrica para MM em 47 kOhms e 44 dB de ganho, e MC com impedância de 1000 Ohms e 70 dB de ganho.

Caso o usuário necessite de uma outra impedância para melhor casamento com sua cápsula, o importador pode fazer o ajuste. No meu caso não será preciso pois todas as cápsulas MC que tenho como referência casam perfeitamente bem com a impedância ajustada de fábrica. Nos meus sete anos de convivência com o Tom Evans, uma única cápsula MC em teste precisei refazer o ajuste de impedância (MySonic Lab), as outras sempre trabalharam perfeitamente com 1000 Ohms. Olhando o coração do aparelho, mesmo a um leigo é possível notar o esmero e o esforço na construção da placa em um gabinete tão reduzido e, ainda que a placa de circuito ocupe mais de 2/3 da área útil, os engenheiros conseguiram um espaço para a fonte de alimentação auto regulável separada do cir-

cuito para minimizar qualquer tipo de ruído e interferência na seção analógica. O fabricante sinaliza 100 horas de amaciamento, o que convenhamos é bem pouco para um pré de phono (o ASR pedia quase 500 horas!).

O Boulder - além das cápsulas já citadas, o toca-disco e o braço SME V - teve como companhia os powers Hegel H30, Cambridge Edge e Air Tight 300B. Caixas: DeVore O/96 (leia teste 1 nesta edição), Dynaudio Evoke 50 e Kharma Exquisite Midi. Prés de linha: Cambridge Edge e Dan D’Agostino. Cabos de interconexão: Sunrise Lab Quintessence e Sax Soul Ágata 2 (XLR). Cabos de força: Reference SE e Transparent PowerLink MM2.

Ainda que o fabricante solicite 100 horas de amaciamento, o 508 já sai tocando divinamente bem! Quando pegamos produtos com essa capacidade de já sair de um patamar elevado, o prazer das primeiras horas é muito especial. Ainda assim, como estávamos em fechamento de dois testes, fiz uma audição de 4 horas, preenchi duas folhas de observações e decidi que a queima do Boulder seria feita nas últimas duas horas de minha jornada diária de quase 10 horas! O que mais tinha curiosidade em saber, era se aquela característica tão evidente no 1008 de neutralidade seu irmão mais novo também herdara! Pois se tivesse, ainda que em menor grau, já seria um consistente candidato a substituir meu Tom Evans! E essa característica ficou evidente no primeiro LP escolhido para as primeiras impressões: The Police, Ghost in the Machine, que tenho em uma prensagem americana e uma nacional. E de tão ruim a nacional, quando a mostro aos amigos, brinco que a nacional é um cover da banda e não o original. E o Boulder mostrou com precisão milimétrica todos os problemas de prensagem, extensão, equalização, etc. Com um detalhe que meu Tom Evans nunca concedeu: de conseguir perceber que a música estava ali, apesar de todos os crimes sonoros feitos na prensagem nacional!



Seria redundante descrever como tocou a prensagem importada, mas resumirei em um único adjetivo: sublime! Animado, busquei versões do mesmo trabalho, do Tutu do Miles Davis (nacional e importado), do piano de Bill Evans, de Dexter Gordon, Duke Ellington, e até da Ella e Frank Sinatra.

O Boulder 508 lhe dá uma 'radiografia' exata de todos os danos e diferenças de cada disco, mas consegue manter sua atenção na música, não fazendo o ouvinte descartar o disco, ainda que as imprecisões sejam criminosas, rs. A música se sobrepõe às deficiências técnicas. Falando com um amigo dessa característica, ele me questionou qual era o milagre? Expliquei a ele que o milagre se encontra na folga que este pré tem, no seu silêncio de fundo e principalmente na sua neutralidade.

Muitos audiófilos em sua peregrinação por upgrades, costumam ir descartando aquelas gravações que tanto gostam musicalmente, mas que tecnicamente soam sofríveis. Por muitos anos, vendedores de hi-end, afirmavam que à medida que você ia evoluindo nos sistemas, fatalmente você teria que abrir mão de muitos dos seus discos, pois o sistema mostraria todos os erros e imprecisões. Felizmente, este tempo de 'inquisição sonora' terminou. Em sistemas corretos tonalmente e com folga, você pode (desde que nos volumes corretos da gravação) ouvir todos os discos expurgados pela 'audiofilia ortodoxa', rs. Ainda que alguns 'formadores de opinião' em seus sites proclamem que em seus sistemas atuais só conseguem escutar SACD! Isso é uma balela, e de uma estupidez sem fim.

Você quer saber, amigo leitor, se o seu upgrade foi consistente, ouça as gravações expurgadas e jogadas ao pó nas prateleiras. Se o prazer em escutar voltou, e as deficiências, antes tão audíveis, diminuíram, você realmente está na direção certa. Do contrário, você acabará como centenas de audiófilos, que reduziram sua discoteca à uma dúzia de discos, ou pior: a simples trechos ou faixas! Isso é insano, pois o sistema não pode estar acima do prazer em escutar seus discos, ele não pode definir o que você deve ou não escutar! O 508 é desta nova geração de equipamentos que devolvem a

você o prazer de ouvir todos os seus LPs (até os de 'Best-Of, tão caça-níqueis).

Com 50 horas, os extremos ganharam corpo e maior extensão, o que permitiu começar a ouvir gravações nacionais de música clássica. Foi um deleite colocar a versão do Adágio de Albinoni do maestro Karajan, com a orquestra de cordas ampliada, para fazer frente ao órgão de tubo. Ainda que Karajan não seja o meu preferido para música barroca, esta gravação é primorosa, mesmo a prensagem nacional. O corpo do naipe de cordas e a sustentação das notas graves do órgão de tubo, sobem pelas pernas. Tenho essa versão também em CD, e a diferença é gritante em termos de corpo harmônico. No CD parece um quarteto de cordas e não um naipe completo de cordas. Enfim, essa discussão das diferenças de tamanho dos instrumentos entre LP e CD já foi longe demais - e para quem nunca comparou, deixo minha dica que o faça, e irá entender a razão de tantos melômanos e audiófilos não abrirem mão do analógico. O que mais encanta no 508 é como ele distribui a energia ainda que cada instrumento esteja a tocar em uma dinâmica distinta. Você não perde nenhum detalhe, e o foco no todo permanece sempre no primeiro plano. Mas a maior e mais deslumbrante surpresa veio com a 100 horas pedidas pelo fabricante de queima: a fidelidade na apresentação das texturas!

Tenho duas versões em LP do Tutu, do Miles Davis. A nacional tem um agudo tão brilhante nas passagens do trompete do Miles com surdina que chega no limite do incômodo. A prensagem importada, também tem um brilho irreal nos agudos com surdina, mas não incomoda. Mas em nenhum tempo, com nenhum setup, havia percebido com tanta naturalidade e precisão detalhes da embocadura ou do ar injetado em cada nota. Achei que essa captação só estava presente na versão importada, e lá estava também no nacional.

A técnica de sustentação das notas do Miles era exuberante (mesmo já nessa fase final de sua carreira), pois ele dava o ataque da nota e a sustentação e o decaimento eram mantidos graças ao ataque inicial - o 508 nos mostra a intencionalidade e o efeito que o



Miles utilizava para manter a nota limpa, mesmo no final do decaimento. Técnica ainda mais aprimorada pelo Wynton Marsalis, que leva a perfeição à limpeza e a afinação de cada nota.

O nosso colaborador Juan só veio a ouvir o Boulder 508 em nossa sala, no final do teste, com ele já amaciado (quase 200 horas). E coloquei para ele escutar o LP do Paco de Lucia, John McLaughlin e o Al Di Meola, Friday Night In San Francisco. Ele ouviu e no final, pensativo, descreveu a sensação que ele teve pela primeira vez de ouvir e compreender o grau de entrega que cada um se doou ao solo do outro, este grau de intencionalidade jamais havia notado em nenhum outro setup de nossa Sala de Referência tocando esta faixa.

Conto esse detalhe de bastidor para que o amigo tenha uma descrição do 508 por uma outra pessoa, e não apenas pelas minhas observações.

Sempre exploro que as texturas vão muito além de apresentar características de um instrumento (se ele é áspero, ardido, suave, etc), as texturas em um sistema Estado da Arte nos permite entender como cúmplices uma série de outras observações como: intencionalidade do músico, qualidade do instrumento, grau de virtuosidade e complexidade de execução! Foi-se o tempo em que descrever texturas em equipamentos de áudio se limitava a ser quente ou frio.

E o Boulder 508 consegue, ainda que tenhamos uma prensagem limitada, extrair música daquele sulco. Se isso não é mágica, eu realmente não sei o que é. Se tinha uma qualidade que admirava muito no Tom Evans era a sua resposta de transientes. Seu timing, precisão e ritmo eram simplesmente matadores.

Na mesma faixa do Al Di Meola e Paco de Lucia, cansei de apresentar em nossos cursos como era fácil acompanhar cada nota dos solos alucinantes destes dois virtuosos. Sem esforço, sem atropelos - este muito comuns em cápsulas e prês de phonos que não sejam perfeitos em resposta de transientes. O Boulder não acrescenta nada em relação ao Tom Evans neste quesito, não em termos de velocidade, ou inteligibilidade dos solos, porém vai adiante ao nos mostrar a técnica de digitação de cada um dos dois que é bem distinta, já que ambos são de escolas muito diferentes - Paco de Lucia toca com os dedos, e o Al Di Meola toca com palheta.

Essa apresentação torna a inteligibilidade maior e nos permite ver o que estamos ouvindo, o que nosso cérebro simplesmente agradece. Parece que estamos falando de sutilezas quando vistas de forma pontual, mas junte cada plus em cada um dos quesitos da metodologia, e o resultado final em termos de prazer auditivo cresce, nos levando a um novo patamar de referência (lembre-se que, após subir de patamar, quando ouvir aquela gravação que você tanto aprecia, ao voltar atrás seu cérebro imediatamente irá te cobrar). O mesmo ocorre ao compararmos a macrodinâmica no Tom Evans com o 508

- é um dos quesitos em que são muito semelhantes. É admirável a capacidade do Tom Evans em responder do piano ao fortíssimo sem nunca dobrar as pernas e nem dar saltos inexistentes.

A distribuição de energia entre as caixas também é muito semelhante. O que o 508 tem de diferente é que sua folga permite que o grau de inteligibilidade seja muito mais confortável aos ouvidos. Fazendo com que você não tenha que correr o dedo ao controle remoto para diminuir o volume (desde que haja o respeito à o volume da gravação). Exemplo? Bolero de Ravel. Como é uma obra que começa em pianíssimo, o sujeito para escutar os primeiros compassos senta o volume lá no 'meio-dia'! Depois, com o crescendo, mas ainda apenas no forte, julga que no fortíssimo o sistema irá suportar e aí tem que correr para baixar o volume na parte final da obra. Em uma boa gravação desta obra, o Boulder até irá suportar (graças à sua folga) se o volume não estiver a exceder 10% do correto, mas milagre mesmo ninguém faz. Mas em gravações em que o volume está correto, esta folga adicional do Boulder permite esses pequenos arroubos sem endurecimento.



Sinceramente, não tenho a menor ideia de quantos de vocês leitores desejam ter um pré de phono neutro em seus sistemas. Pois o que mais escuto de quem defende sua escolha por manter o analógico é que o faz por ser um som mais quente, musical, etc.

Meu primeiro upgrade de 2019 está realizado!



Excelente construção, minimalista e com uma performance digna de produtos Top Five.

Para os que necessitam ou gostam de inúmeras possibilidades de ajustes é um pré inviável.

ESPECIFICAÇÕES

VOCAL	[Barra decorativa]
ROCK . POP	[Barra decorativa]
JAZZ . BLUES	[Barra decorativa]
MÚSICA DE CÂMARA	[Barra decorativa]
SINFÔNICA	[Barra decorativa]



ÁUDIO CLASSIC em novo endereço. Venha nos visitar!



A Áudio Classic possui as melhores opções em produtos High-End novos e usados. Seu upgrade é nosso objetivo!



DVDs - CDs - LPs - AUDIÓFILOS

REVENDEDOR AUTORIZADO:

- Accuphase • ASR • Audio Flight • Audio Physic
- Audiopax • Avance • B&W • Burmester • darTZeel
- dCS • Dr. Feickert Analogue • Dynaudio • Esoteric
- Evolution • Goldmund • Jeff Rowland • Kharma
- Krell • Kubala-Sosna • McIntosh • MSB Technology
- Pathos • Sonus Faber • Transparent • Von Schweikert Audio
- VTL • Wilson Audio • YG Acoustics

Praça Alpha de Centauro, 54 - conj. 113 - 1º andar - Alphaville/SP
Centro de Apoio 2, em frente ao Alphaville Residencial 6
Tel.: 11 2117.7512 / 2117.7200 / 11 99341.5851



WWW.AUDIOCLASSIC.COM.BR
AUDIOCLASSIC@AUDIOCLASSIC.COM.BR

TESTE
3
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=1GW0TKLW_5S](https://www.youtube.com/watch?v=1GW0TKLW_5S)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=KZZIFWC-1LQ](https://www.youtube.com/watch?v=KZZIFWC-1LQ)

CAIXAS ACÚSTICAS DYNAUDIO EVOKE 10

 Juan Lourenço
revista@clubedoaudio.com.br

A Impel, importadora oficial da marca Dynaudio no Brasil, trouxe a mais nova linha de caixas acústicas da marca, a Evoke. A linha Evoke é composta por cinco caixas: as bookshelf Evoke 10 e 20, as duas torres 30 e 50, além do central 25C. A linha utiliza tecnologia avançada herdada das caixas topo de linha, bem como seu acabamento primoroso.

Cada parte foi analisada a partir do zero. Todos os drivers foram otimizados na sala de medições Jupiter, de última geração, da Dynaudio. Este laboratório merecia fazer parte das locações da série de Star Trek, de tão futurista que é!

O primeiro contato que tivemos foi com a Evoke 10. Uma caixa de pequeno porte, como toda book de entrada - mas não se engane, ela possui muito poder de fogo. O acabamento em preto alto brilho tem a delicadeza e a profundidade de preto das caixas topo de linha da marca, sem jamais roubar a cena ou chamar tanto a atenção ao

ponto de admirarem-la mais como uma peça de decoração do que a caixa acústica competente que é.

As Evoke vieram para amparar os órfãos das Focus que, por algum tempo, observaram a gama ser canibalizada por outros modelos da marca. Devo dizer que as Evoke não apenas substituem as Focus com dignidade, elas nos fazem esquecer-se do prefixo 200x da antiga Focus como uma modelo capa de revista nos faz esquecer o próprio nome, e nos faz até gostar da simplicidade do novo numeral adotado pela marca.

A Dynaudio desenvolveu um novo tweeter Cerotar com domo interno Hexis, já utilizado também na Special 40. Baseado nos tweeters da linha Confidence, este novo tweeter de 28mm com bobina de alumínio e ferrite de carbonato de estrôncio, possui um sistema de difusor que melhora o fluxo de ar trazendo uma resposta de frequência mais equilibrada, melhorando significativamente a transição ►



entre ele e o woofer de 14 cm. O novo woofer ESOTEC+, feito em MSP (Polímero de Silicato de Magnésio), uma tecnologia proprietária da marca, possui bobina de alumínio e ferrite de carbonato de estrôncio e ímã de cerâmica.

A linha Evoke possui acabamento em preto, branco - ambos em verniz alto brilho - walnut e Blonde Wood.

Para o Teste utilizamos os seguintes equipamentos e acessórios. Fontes: toca-discos de vinil Technics SP10 com braço Linn e cápsula 2M Bronze, Pré de phono The Phonostage (interno do Sunrise Lab V8), CD-Player Luxman D-06, DAC Hegel HD30. Amplificação: PS Audio S300, Sunrise Lab V8 Mk4. Cabos de força: Transparent MM 2, Sunrise Lab Reference II Magic Scope, Sunrise Lab Premium, Sunrise Lab Quintessence Magic Scope. Cabos de interconexão: Sunrise Lab Reference Magic Scope RCA e Coaxial digital, Sunrise Lab Quintessence RCA e Coaxial digital, Sax Soul Zafira III XLR. Cabos de Caixa: Transparent Reference XL, Sunrise Lab Reference II Magic Scope, e Sunrise Lab Quintessence Magic Scope.

A queima ou amaciamento da Evoke 10 levou 360 horas. Neste período ela sai de um grave engessado e pouco articulado, com médios proeminentes e agudos tímidos, para uma caixa realmente exuberante. A única coisa que, de cara, chama muito atenção é o tamanho dos instrumentos e vozes reproduzidos por este pequeno presente dinamarquês.

É uma caixa que não se intimida com salas médias, e tem um poder de deslocamento de ar digno de uma torre.

A região média é última parte a se encaixar ao final do amaciamento, e é no final dos '45 do segundo tempo', mesmo. Até lá você tem a nítida sensação de que a caixa será azeda nos médios. A caixa é ótima, tem um baita palco enorme, extensão de agudos corretos até demais para o seu nível - mas que não vai ter jeito, parece que vai ter de conviver com os médios que destoam do resto. Até que um belo dia, já acostumado com aquela aspereza que dá um nó no cérebro, pois todo o resto é fabuloso e você cansou de xingar a Dynaudio por ter 'comido bola', tudo se encaixa e o sorriso vai de orelha a orelha, quase chegando à nuca!

Com a maior disposição do mundo, voltamos a ouvir todos os discos que, até aquele momento, não passavam de horas de audição, mas que agora seriam momentos de puro prazer!

A compatibilidade da Evoke 10 com cabos e amplificadores é de tirar o chapéu. Por ela ser bastante neutra, não teve trabalho com posicionamento nem com o cabeamento que a acompanhava. Esta é, sem dúvida, uma ótima qualidade desta pequenina, pois as chances de comprar às cegas e se dar mal são quase nulas. Ela vai muitíssimo bem em sistemas quentes, ao mesmo tempo em que tolera sistemas mais abertos, pois seu equilíbrio tonal é realmente diferenciado. Ela não permite que um amplificador ou cabo gritalhão ►

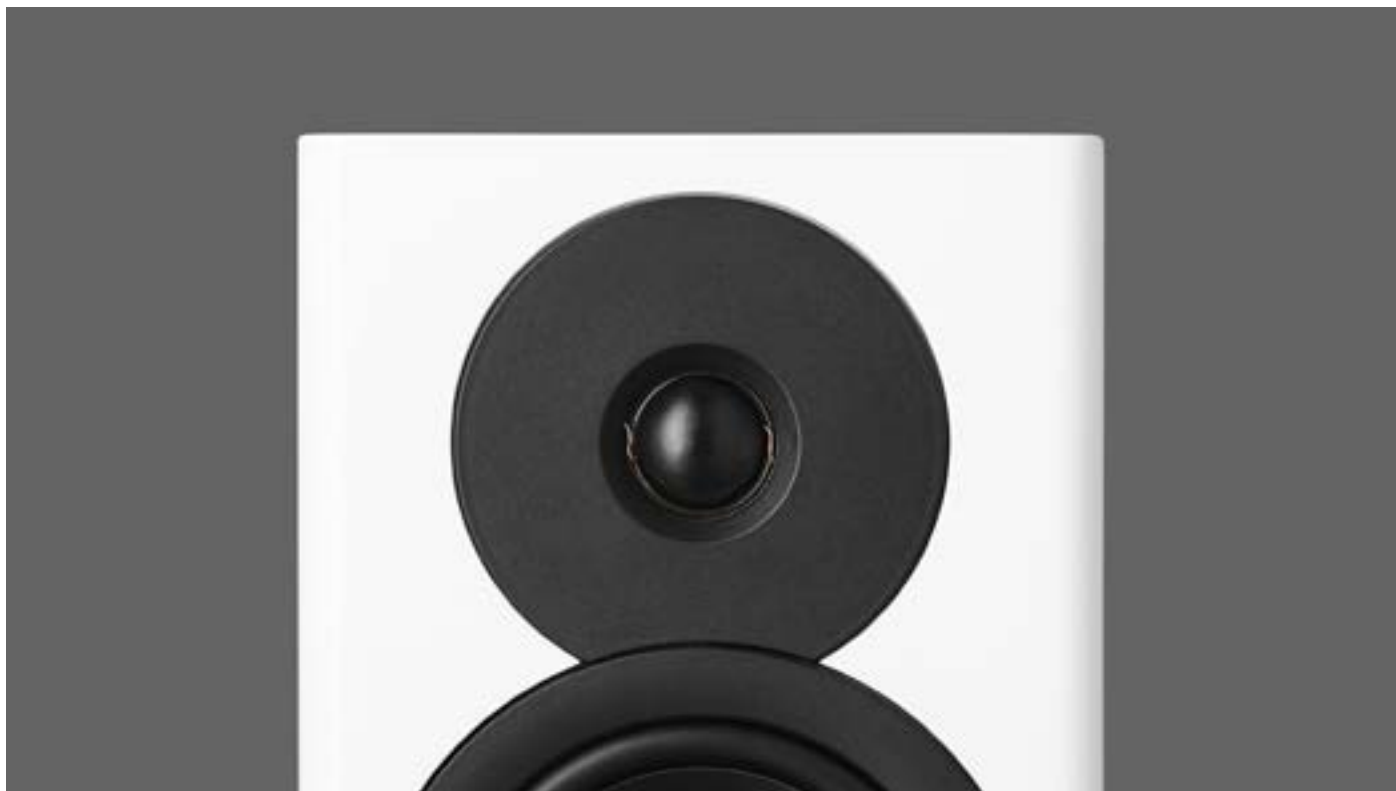
deturpem sua docilidade, nem permite que o inverso aconteça, que um amplificador fechado tire sua vivacidade e velocidade.

A Evoke 10 casou muito bem com o integrado S300, que possui uma gostosura e gordurinhas que a fizeram aceitar melhor cabeamentos de patamares mais baixos, sem comprometer o equilíbrio tonal de forma a estragar a audição.

O palco sonoro produzido por ela é gigante. A lateralidade e a localização dos instrumentos são de cair o queixo. Ela é de um foco e recorte que nos faz esquecer que ali toca uma bookshelf.

Querendo ou não, a linha Excite acabou por assumir o papel de padrasto da linha Focus, pois daí para cima os valores, para subir de nível dentro da marca, exigiam um pouco mais de disposição. Como tinha à mão um par de Excite X14, não me contive e coloquei lado a lado para comparação. Caro leitor, imagine a surra que o Rocky Balboa levou do grandalhão russo sem a virada triunfante no final - esta é a imagem que me veio ao comparar as duas caixas acústicas.

A Excite perto da Evoke sequer parece ser Dynaudio, de tão distante que ficaram. Graves duros sem extensão e sem timbragem, agudos que passam do ponto e desaparecem antes do tempo ao decair. Os médios são parecidos com os da Evoke (quando as Evoke ainda estavam nos '45 do segundo tempo'), só neste período é que elas tinham algo de semelhante. Fora este momento, parecem caixas de fabricantes diferentes de tão distantes.



Equilíbrio majestoso. Tamanho de palco gigante. Toca bem em salas médias. Acabamento refinado.

Nenhum.

Sensibilidade	84 dB (2.83V/1m)
Potência	160 W
Impedância	6 Ω
Resposta de frequência (±3dB)	47 Hz a 23 kHz
Tipo de gabinete	Bass-reflex com duto traseiro
Tipo de crossover	2-vias
Frequência de corte	1400 Hz
Topologia de crossover	2ª ordem
Woofers	14 cm - cone MSP
Tweeter	28 mm - Cerotar com Hexis
Dimensões (L x A x P)	180 x 315 x 277 mm
Peso	6.7 kg

Equilíbrio Tonal	10,0
Soundstage	10,0
Textura	10,0
Transientes	10,0
Dinâmica	10,5
Corpo Harmônico	10,0
Organicidade	10,0
Musicalidade	10,5
Total	81,0

VOCAL																			
ROCK . POP																			
JAZZ . BLUES																			
MÚSICA DE CÂMARA																			
SINFÔNICA																			

Impel
(11) 3582.3994
R\$ 12.096

DIAMANTE
REFERÊNCIA



A EVOLUÇÃO MAIS QUE ESPERADA DE UM BEST BUY



A Sunrise Lab tem o prazer de apresentar o V8 MK4, nossa maior obra prima!! Deixemos a palavra com os nossos clientes:

Minha história com o V8 é antiga. Conheci o V8 MKI na casa de um amigo, gostei bastante e acompanhei o crescimento de seu sistema com diversos upgrades em volta. Tempos depois, numa troca recebi um MK II no qual acabei atualizando para MKIII, onde o ganho foi grande em muitos aspectos e valeu cada centavo.

Comprei um toca-discos e levei para o Ulisses regular. Ao buscar e ouvi-lo no seu sistema com caixas do mesmo fabricante que as minhas, casou perfeitamente. Era um caminho sem volta.

Encomendei um! Que sensação falar diretamente com o fabricante, com possibilidade de personalizar, futuros upgrades e principalmente a garantia de reparo, sem qualquer dor de cabeça.

Estou plenamente satisfeito, o resultado foi acima da minha expectativa e elevou muito meu sistema. O MKIV está num outro patamar, se equiparando a importados de valor muito acima.

Agora é curtir e juntar uma graninha para meus futuros cabos, que estão sensacionais! Mais um acerto do Ulisses.

Dario, São Paulo.

Setup & Upgrade de Toca-Discos de Vinil • Upgrades & MODs • Acessórios • Consultoria • Assistência Técnica



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=K10ZDKW_87A](https://www.youtube.com/watch?v=K10ZDKW_87A)

CABOS NORDOST FREY 2 DE INTERCONEXÃO E DE CAIXA

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Seguindo o script, após testar o cabo Tyr 2 de caixa e de interconexão (leia o teste na edição 250 de abril de 2019), agora passamos para vocês nossas observações sobre o modelo Frey 2. Assim como o Tyr 2, o Frey 2 pertence à linha Norse, a segunda série deste conceituado fabricante de cabos da terra do Tio Sam. Sugiro para todos que estejam interessados em conhecer mais detalhes da série Norse, lerem também nossas observações do Tyr 2.

Em inúmeros fóruns, quando se trata de realizações de upgrades dentro da mesma série de cabos da Nordost, acalorados debates são travados sobre se as diferenças entre um e outro cabo logo acima, serão audíveis para justificar o investimento.

Claro que todo este questionamento é importante, afinal dinheiro não é capim, e pesa no bolso em qualquer lugar do planeta em que o vil metal é utilizado.

No entanto, o que pouco observo nesses embates é se o sistema está à altura do investimento de um cabo de nível superior (claro

que estou imaginando que estejamos falando de dúvidas de quem acredita que cabos fazem diferença), pois muitas vezes, passando os olhos no setup, fica evidente que não haverá melhoras audíveis. O que gostei muito na série Norse 2 é que os três cabos (Heimdall 2, Frey 2 e Tyr 2), atendem a um leque de sistemas que vai (dentro de nossa metodologia), dos Diamantes na fronteira com o Estado da Arte, até sistemas definitivos (de 98 pontos no caso do Tyr 2) - possibilitando a todos que possuem sistemas bem ajustados (em termos de sinergia e assinatura entre os componentes eletrônicos), um upgrade seguro e muito satisfatório em termos de upgrade nos cabos.

O cabo Frey 2 utiliza o mesmo design central da série de entrada da linha Leif, ao mesmo tempo que na série 2 introduzem tecnologias de ponta utilizados na linha Valhalla e Odin, como a tecnologia Dual Mono Filamento, comprimentos ajustados para evitar perda de transmissão de sinal, conectores MoonGlo projetados e patenteados pelo fabricante.

A construção Dual Mono Filamento cria um dielétrico de ar virtual com um sistema de suspensão de difícil construção mas grande eficiência. Os condutores de núcleo sólido OFC são revestidos de prata e isolamento. O Frey 2 de interconexão possui as seguintes características técnicas: isolamento de propileno etileno fluorado (FEP), construção duplo filamento mono, condutores 5x 24AWG, material de núcleo sólido de OFC 99,999999%, capacitância de 28.0pF/ft, velocidade de propagação de 85%.

Sua capa protetora possui a cor lilás, e tanto o cabo de caixa como de interconexão (RCA) enviados pela AV Group, vieram zerados. Paralelamente ao teste do Tyr 2, o Frey 2 também foi sendo amaciado para podermos realizar um aXb com total segurança que ambos estariam com as mesmas 300 horas de queima. Foram

dezenas de produtos em que os cabos de interconexão e de caixa foram avaliados, então fatalmente alguns equipamentos nem serão relacionados.

Para o fechamento das notas, utilizamos nosso sistema de referência e também os produtos em teste nos últimos três meses. As caixas acústicas foram: DeVore O/96 (leia teste 1 nesta edição), Revel Perfoma3 M105 (leia teste na edição de Maio, número 251), Dynaudio Evoke 10 (leia teste 3 nesta edição), Dynaudio Evoke 50 e Kharma Exquisite Midi. Amplificadores: Audio Research 160M, Cambridge Audio Edge e Hegel H30. Pré-amplificadores: Audio Research Ref 6, Cambridge Audio Edge e Dan D'Agostino. Prés de phono: Tom Evans Groove+ e Boulder 508 (leia teste 2 nesta edição). Fontes digitais: dCS Scarlatti, dCS Vivaldi e MSB Select DAC.



Em minhas anotações escrevi: o Tyr 2 precisa de muito maior tempo de amaciamento para mostrar suas virtudes que o Frey 2. Será a quantidade de fios? Pois foi isto que aconteceu. Tirar da embalagem o Tyr 2 e esperar que já saia tocando magistralmente, será uma decepção. Já o Frey 2 parece já sair da embalagem muito mais próximo do que você irá apreciar depois das 300 horas de queima. Deixarei o comparativo entre os dois cabos para o final.

A assinatura sônica de toda a série Norse 2 é muito semelhante. Cabos com uma precisão e velocidade estonteante, muito detalhados tanto na recuperação de nuances de microdinâmica, como na apresentação de arejamento e silêncio de fundo. São cabos que deixam a música fluir com enorme controle e prazer auditivo.

O equilíbrio tonal no Frey 2 se estabilizou com 180 horas de queima. Daí em diante o que mudou foi a melhora na apresentação do corpo na região do médio-grave e no corpo também nos agudos superiores. Você saberá nitidamente que o amaciamento chegou ao fim quando os planos e a abertura e profundidade do palco sonoro se estabilizarem.

A sensação é que, entre as 200 e 300 horas, o palco vai se alargando gradativamente até termos a capacidade de apreciar um foco e recorte dos planos de uma orquestra sinfônica para além do limite das caixas, e para muito além da parede às costas das caixas. Para os amantes de soundstage, tanto o Frey 2 como o Tyr 2 são excelentes!

Muitos audiófilos reclamavam que a sonoridade da linha original Norse, em muitos sistemas, soava um pouco seca em tamanho de corpo dos instrumentos e no timbre, mostrando muito mais das notas fundamentais, do que o invólucro harmônico. Nesta nova geração, essas características problemáticas não existem. Ambos possuem corpos muito corretos (tanto em CD como em LP) e não se ouve nenhum resquício de secura ou falta do invólucro.

Achei o Frey 2 até mesmo mais quente e musical, com alguns gêneros musicais, que o Tyr 2 (talvez pelo fato do piso de silêncio do Tyr 2 ser muito maior), me parecendo o cabo certo para aqueles que desejam um toque a mais de calor nas vozes e instrumentos de cordas e sopro.

A pergunta óbvia que todos que possuem bala para adquirir qualquer um dos dois, é: qual eu escolho? E a resposta que darei, é: depende do sistema que você tem, do seu gosto musical e do que você deseja. O Tyr 2 possui um silêncio de fundo que é superior ao Frey 2, e com isto o ouvinte ganha em transparência e resolução maior. Sua assinatura sônica também é mais refinada e muitas de suas qualidades já estão muito mais próximas das linhas Valhalla e Odin.

Já o Frey 2 possui uma sonoridade mais quente, com excelente transparência, mas que não possui a mesma resolução em microdinâmica e nem a mesma transparência. Na nossa metodologia, sem-

pre lembramos que 4 pontos é uma distância considerável, não em compromissos, mas em performance. O que quero dizer com isto? Que em termos de metodologia, ambos já atendem com grande margem de segurança a todos os quesitos de forma coerente e homogênea. E que as diferenças se encontram no grau de refinamento (ou, se quiserem, de lapidação). Exemplos: em uma passagem com três saxofones montando um acorde, o Tyr 2 dará ao ouvinte a possibilidade de distinguir cada um dos saxofones, como as alturas e se o acorde foi tocado de forma precisa. O Frey 2 mostrará que estamos escutando um acorde de saxofones, mas os detalhes passarão batidos. Ou aquele triângulo no meio de um crescendo da orquestra: o Tyr 2 permite mesmo com a entrada de inúmeros instrumentos, acompanhar o decaimento do triângulo, até o silêncio. No Frey 2, haverá um esforço para tentar observar este decaimento, já que muitos outros instrumentos entraram.

Detalhes que para muitos são irrelevantes e não merecem o custo que se paga para se ouvir, e para outros são de suma importância para justificar todo o dinheiro investido. Não serei eu o juiz desta questão - a mim só cabe esclarecer a você, leitor, onde se encontram as diferenças e como elas serão ou não relevantes para a escolha de um ou outro cabo.

CONCLUSÃO

Gostei muito do Frey 2, e acho que sua relação custo/performance agradará a um número maior de usuários (tanto melômanos como audiófilos) que tenham um sistema Estado da Arte e chegaram à conclusão que aquele sistema é o definitivo (ou, se não é, será por muito tempo utilizado), e só querem 'lapidar' com cabos as 'arestas' ainda existentes.

Muito bem construído, e de enorme compatibilidade com todos os produtos utilizados no testel, com excepcional velocidade para respostas de transientes, um equilíbrio tonal preciso e muito musical. Atende perfeitamente desde o usuário que aprecia um único gênero musical aos que (como eu) escutam de tudo.

O cabo Frey 2 de caixa possui as seguintes especificações: 22 condutores 22AWG, material de núcleo sólido OFC 99,999999% prateado, capacitância de 10,3 p.f./pé, indutância de 0,135uH/pé, propagação de 96%, terminações banhadas à ouro (spade ou plug Banana).

Comparado também com o Tyr 2, o cabo de caixa Frey 2 se portou de maneira distinta do cabo de interconexão (será questão da quantidade de fios condutores apenas?). Interessante que misturar os cabos não deu o equilíbrio teoricamente imaginado. Exemplo: usar o RCA Tyr 2 com o cabo de caixa Frey 2, na tentativa de manter certas características na performance como corpo e silêncio de fundo. Ou o inverso: RCA Frey 2 com cabo de caixa Tyr 2. Aqui se aplica ►



a lei do elo mais fraco (como em todo sistema hi-end bem ajustado), mostrando que a distância entre os cabos de caixa Tyr 2 e Frey 2, é maior que a dos de interconexão.

Cheguei a achar que seria uma questão de um maior amaciamento ou que havia feito os cálculos errados de quanto cada um ficou em queima. Mas, revendo minhas anotações, confirmei que ambos fizeram as 300 horas em conjunto na Kharma, e que o tempo em que foram utilizados separados já estavam totalmente amaciados.

Em todas as caixas utilizadas no teste as diferenças no corpo harmônico, no tamanho de palco e no silêncio de fundo foram audíveis. Nestes quesitos as diferenças são significativas. Estou a falar nas colunas utilizadas (Kharma, Dynaudio Evoke 50 e DeVore O/96). Nas books Evoke 10 e Revel Concentra, é muito menos perceptível essa diferença.

Em termos de assinatura sônica são muito semelhantes. Excelente equilíbrio tonal, com ótima extensão nas duas pontas, velocidade e arejamento. Região média com enorme naturalidade e transparência. Texturas impecáveis e transientes matadores! Micro e macrodinâmica capazes de nos prender à cadeira, e uma materialização física palpável!

O corpo harmônico, se comparado diretamente com o Tyr 2, é audivelmente menor, e os planos na largura e profundidade também são mais concentrados entre as caixas.

Estamos, sempre é bom lembrar, falando de um aXb com um cabo acima, da mesma série, e que custa quase o dobro! Então quero deixar claro que o Frey 2 de caixa é um excelente cabo e com uma relação custo/performance muito competitiva com os cabos concorrentes da mesma faixa de preço.

Então se você possui um sistema Estado da Arte na faixa de 95 a 98 pontos, o ideal será investir no Tyr 2 de caixa (principalmente se

you deseja um Valhalla 2, mas falta crédito para tanto). Já os leitores que possuem um sistema entre 90 e 94 pontos Estado da Arte, e desejam um cabo de caixa com uma assinatura sônica correta, natural e de uma musicalidade cativante, o Frey 2 é uma excelente indicação.

Não conheci a série Norse anterior de cabos de caixas para saber o quanto evoluiu para a Norse 2. O que posso dizer, após passar cinco meses com esses cabos da Nordost, é que esta nova geração oferece um grau de performance surpreendente. E é capaz de atender a uma legião de audiófilos que sempre desejou ter em seus sistemas as séries logo acima (Valhalla e Odin), mas que pelo preço proibitivo precisam achar uma outra solução para este desejo.

Afirmo que as melhorias implementadas nesta nova geração da série Norse permitem a todos os que desejam subir mais alguns degraus, realizarem seu sonho.

O Frey 2 está na fronteira, permitindo ao usuário ter uma ideia do que a série superior pode fazer pelo seu sistema.

Altamente recomendado, ambos: de interconexão e de caixa. ■

PONTOS POSITIVOS

Excelente compatibilidade e custo/performance de cabos Estado da Arte

PONTOS NEGATIVOS

Para os que desejam detalhamento ao extremo, devem procurar o modelo acima



Circus Horse (1964) - Marc Chagall

A MÚSICA RUSSA E NORTE-AMERICANA DO SÉCULO XX

XX Omar Castellan
omarcastellan@clubedoaudio.com.br

A Rússia do século XX criou uma geração de músicos ecléticos que rejeitaram o 'modernismo', ou, então, que foram obrigados a rejeitá-lo, como é o caso de **Sergei Prokofiev** (1891-1953). Ele foi, simultaneamente, classificado de revolucionário e neoclássico, soube fundir as formas tradicionais, os acentos românticos e alguns empréstimos da linguagem contemporânea no seio de um estilo perfeitamente pessoal. Glorificador do regime comunista, Prokofiev é o descendente direto dos músicos da antiga Rússia. Segundo a data e a circunstância da composição, as suas obras serão geniais ou decadentes, e cada um dos seus gestos será interpretado como

sinal indubitável da filiação em uma doutrina. Apesar da evolução inerente a todo artista, a sua obra apresenta, no plano estético, uma unidade admirável, e embora esta seja mascarada por tomadas de posição política, as mudanças de regime nunca eclipsaram a sua inspiração - a 'grande mãe' chamada Rússia. Para compreender a música de Prokofiev, é preciso não esquecer esse dado crucial.

Depois da Revolução de 1918, Prokofiev se afastou da Rússia durante quinze anos, acreditando que a vida musical soviética não podia ser propícia ao reconhecimento dos seus talentos, tanto de pianista quanto de compositor. Viveu, então, entre a França, os EUA ►

e a Alemanha; além das óperas *O Amor das Três Laranjas* e *O Anjo de Fogo*, esse período foi o de muitos balés escritos para os espetáculos de Diaghiev (*Chout, Pas d'Acier, O Filho Pródigo*), das *Segunda, Terceira e Quarta Sinfonias* e dos três últimos *Concertos para Piano*. Porém, a partir de 1927 começa a renovar seus contatos com a URSS, para onde fez várias viagens, antes de voltar definitivamente para lá, em 1936 (durante os mais terríveis expurgos stalinistas). De 1938 em diante, não teve mais autorização para sair da União Soviética, e se tornou compositor oficial, sob as ordens do regime. A partir de então, seu estilo musical se aplaina, e é marcado por um retorno cada vez mais claro em direção à tonalidade e emprego do folclore; torna-se um músico progressivamente clássico na forma e profundamente imaginativo no plano harmônico, capaz de arrebatamentos implacáveis ou de um lirismo inefável e 'inocente', que fará a glória dos seus bailados 'soviéticos', *Romeu e Julieta* e *Cinderela*. A sua causticidade juvenil e a verve iconoclasta cederam terreno perante um sopro épico que marca o valor das suas partituras 'de guerra' - a *Quinta Sinfonia* e as *Sonatas para Piano n.ºs 6, 7 e 8*. Em 1948, no contexto da campanha 'antiformalista', Prokofiev e vários músicos soviéticos (Shostakovich, Khachaturian) enfrentaram ataques violentos e injustificáveis, de modo que os pouquíssimos espaços que tinham sobrevivido às duras exigências de uma burocracia obtusa secaram de vez, apagando os seus fulgores musicais anteriores. Até mesmo a morte de Prokofiev, em 1953, foi eclipsada pela de Stalin, no mesmo dia.

Algumas das obras-primas de Prokofiev fizeram dele um dos grandes músicos do século XX, e sua música corresponde, de todo o grande repertório moderno, à mais próxima da sensibilidade popular. A análise de suas composições concertantes constitui um começo apropriado, pois ilustram claramente as mudanças de ponto de vista criador causadas pelo impacto dos seus anos fora da URSS e do seu regresso. Os *Dois Concertos para Violino* são trabalhos dramaticamente contrastados, compostos com um intervalo de 18 anos, e com um raro significado autobiográfico. O *Concerto n.º 1* (1917), angular e enérgico, apresenta extraordinário potencial melódico, incorporando, entretanto, uma certa dose de ironia, humor e um toque de grotesco. Essa partitura marcou uma época de singular lirismo na obra de Prokofiev, que, um ano antes, já tinha assombrado o mundo com sua *Suíte Cita*, cópia de *A Sagração da Primavera*, com conglomerados de massas sonoras, ritmo alucinante e delírios mitológicos. O *Concerto n.º 2* (1934) constitui um reflexo da vida nômade que ele levava, pois foi composto em uma variedade de lugares devido às digressões de concertos que realizava pelo mundo. O seu expressivo segundo andamento parece um prenúncio daquilo que virá a ser a magnífica música de amor de *Romeu e Julieta*, e o movimento final, com ritmo de uma rústica dança campestre é, provavelmente, o mais russo de todos os seus andamentos. Pianista de

altíssimo nível, Prokofiev dedicou ao instrumento algumas das suas páginas mais memoráveis, entre as quais sobressaem os *Cinco Concertos para Piano e Orquestra*. Um traço notório distingue o *Concerto n.º 3* - seus acentuados aspectos sardônicos e paródicos; as excepcionais inovações melódicas e rítmicas transformaram-no, sem dúvida, no mais popular de todos os concertos de Prokofiev.

O ciclo sinfônico de Prokofiev representa uma visão bastante completa da sua evolução pessoal. As sinfonias refletem, claramente, as preocupações técnicas e estéticas que teve a cada momento. Entre a *Primeira*, obra de um autor polêmico, e a *Sétima*, escrita às portas da morte, há todo um mundo de vaivéns ideológicos e um atribulado desenvolvimento vital. As mais famosas são a *Primeira* e a *Quinta*, e figuram entre as suas melhores obras. Concebida segundo os modelos formais de Haydn, a célebre *Primeira Sinfonia* (1917), denominada '*Clássica*', foi considerada, durante certo tempo, um dos melhores exemplos do Neoclassicismo. Na realidade, Prokofiev escreveu essa sinfonia para desafiar aqueles que o acusavam de maquinismo futurista, iconoclastia, radicalismo revolucionário e de se refugiar no novo, a todo o custo, porque era incapaz de obter resultados originais com os meios habituais. Por isso, concentrou nessa composição toda a sua capacidade de fino humorismo, vertiginosa alegria e despreocupada utilização de motivos de dança galante, mesclados de nostalgia e sorriso irônico. A *Quinta Sinfonia* (1944) é uma das partituras mais famosas da música soviética; Prokofiev escreveu que 'nela quisera cantar o homem livre e feliz'. Embora não haja referências explícitas à guerra, a crítica não deixou, desde a primeira execução, de apontar o clima dramático e épico da obra, o sopro lírico, a vastidão das linhas construtivas e o alegre otimismo do final ('um hino à humanidade e à civilização'), e de relacioná-los com a confiança da vitória do Exército Vermelho sobre os nazistas.

O Amor das Três Laranjas (1921), difícil de encenar, é a ópera mais célebre de Prokofiev, certamente por causa da suíte sinfônica que dela extraiu. Escrita nos EUA, recebeu uma acolhida entusiástica em Chicago, mas foi duramente criticada nos jornais de Nova York, que comentaram ser uma obra de 'quinze minutos de jazz com variações bolchevistas'. Nessa ópera insólita, mistura de narrativa, comédia e sátira, a música parece rebentar de rir a cada nota, viva, colorida e expressiva, evocando a arte do desenho. No entanto, Prokofiev não se encontrava feliz e confessou a um amigo da pátria distante: 'O ar de terras estrangeiras não dá alento à minha inspiração, pois sou russo. Tenho que voltar para a minha pátria'. Quando isso ocorreu, no início dos anos 30, extravasou seu júbilo compondo obras repletas de inventividade e beleza. No balé *Romeu e Julieta* (1935), a ironia, ingrediente fundamental da 'receita' de Prokofiev, tão útil para manter a inspiração livre dos excessos retóricos, é acompanhada pelo idílio sentimental, contido, mas autêntico, ternamente efusivo. A beleza das ideias melódicas ►

BIBLIOGRAFIA

23
ANOS
AMAG

é complementada pela elegância dos ritmos e das colorações instrumentais. Assim, obteve uma síntese entre a brilhante aridez das primeiras obras e o envolvente caráter poético. Foi durante a espera pela estreia do balé, que Prokofiev realizou as duas primeiras suítes para orquestra e, posteriormente, uma terceira. Suas cenas não são delimitadas rigidamente, e cada regente pode, com efeito, constituir ainda outra nova, escolhendo a seu gosto os extratos do balé. Cheia de vida, alegre e emocionante é a sua peça infantil **Pedro e o Lobo** (1936), um ‘conto sinfônico para orquestra’, com o objetivo de fazer as crianças conhecerem os instrumentos musicais. O narrador conta uma história fantástica, cujos personagens são interpretados musicalmente por motivos que atravessam toda a composição. Imponente e perpassada pela grandeza, a cantata **Alexander Nevsky** apresenta uma arte com objetivos sociais e nacionais precisos. Durante sua última viagem pelos EUA, em 1938, interessou-se, em Hollywood, pelas técnicas da música de cinema. Nesse mesmo ano teve a oportunidade de aplicá-las, quando o cineasta soviético Sergei Eisenstein lhe pediu que compusesse a trilha sonora para o filme *Alexander Nevsky*; a colaboração entre os dois foi exemplar. O mérito fundamental dessa partitura reside na originalidade dos temas e ideias musicais: por um lado, o povo russo, presente na riqueza e profundidade dos seus cantos, sem retórica e sem ênfase; por outro, os Cavaleiros da Ordem Teutônica, cujo fanatismo místico e sede de poder são expressos por um canto coral isoritmico, raramente medido, obsessivo, mesmo quando se desenvolve nas mais leves sonoridades, melodicamente estático, desprovido de impulsos líricos. Também, harmônica e instrumentalmente fica bem evidente a diferença entre russos e invasores: ao tonalismo popular dos primeiros, contrapõem-se a politonalidade cruamente dissonante e os duros acordes dos metais, que caracterizam os segundos.

Uma das partes mais relevantes e originais na totalidade das obras de Prokofiev corresponde à sua produção pianística. O piano inconfundível desse compositor reúne os momentos mais típicos e significativos nas obras em que o caráter imediato instintivo se traduz em reluzente mecânica - o tratamento do piano como um instrumento de percussão e a impetuosa força do ritmo a que o timbre seco confere o impulso eletrizante de alta tensão. Não foi por acaso que a denominação de ‘música cubista’ foi aplicada às suas nove sonatas para piano. Três delas foram inspiradas pela Segunda Guerra Mundial (**‘Sonatas de Guerra’**: a 6ª, 7ª e 8ª), das quais a mais famosa é a **Sétima**, que foi considerada como uma das mais originais composições russas escritas em 1943. É a mais curta, porém, em alguns aspectos, a mais dura, não somente por retratar os horrores da invasão alemã, como também a insegurança da vida na Rússia de Stalin. O estilo dessa sonata apresenta a característica mista de aspereza e lirismo, mas com uma nova intensidade derivada do agitado espírito da época.

Ecléticos, também, são os russos contemporâneos de Prokofiev como o armênio **Khatchaturian** e **Shostakovich**. A carreira de **Aram Khatchaturian** (1903-1978) representou o modelo soviético da ligação do folclorismo regional com a tradição da Rússia Central - a herança armênia está bem nítida em suas melodias de grande vitalidade, mas com a forma disciplinada. Apesar de sua linguagem bastante tradicional, suas maiores forças residem no colorido e virtuosidade da orquestra e na ênfase pictórica. Causou sensação com suas três sinfonias e concertos teluricamente selvagens (para piano, de 1936, e para violino, de 1940) e, sobretudo, com os balés **Gayaneh** (1942), que proporcionou a criação de três suítes para orquestra, e **Spartacus** (1955-1957). De *Gayaneh*, são bastante apreciadas e conhecidas a *Dança dos Sabres* (com seu ritmo enérgico, tema compacto e cromático, e sua pontuação feita de curtos glissandos) e *Invenção* (música de caráter nostálgico, utilizada na trilha sonora do filme ‘2001, Uma Odisseia no Espaço’, de Stanley Kubrick); o famoso *Adagio de Spartacus*, uma dança amorosa plena de sensualidade; e alguns trechos da **Suíte Masquerade** (*Valsa e Galope*), que frequentemente são apresentados em concertos.

Talvez as palavras que melhor resumem a vida de **Dimitri Shostakovich** (1906-1975), escritas em uma carta um pouco antes de sua morte, foram: ‘Não posso viver sem compor’. Contraditório, ambivalente, carregado de honras e reconhecimento, mas também cheio de amarguras, dissabores, desprezos e saltos estilísticos forçados, Shostakovich foi o músico fundamental da Rússia soviética - porta-voz da vida artística oficial de seu País, ‘Artista do Povo’, várias vezes Prêmio Stalin, secretário da União dos Compositores e detentor de outros vários títulos. Era uma posição difícil de conservar, pois os dirigentes soviéticos tinham muita desconfiança dos artistas em geral, e consideravam o experimentalismo e o modernismo como ‘hostis aos interesses da classe trabalhadora’. No campo da música, em particular, gostavam que ela fosse ‘patriótica’, isto é, dominada por temas populares, com harmonias que todos pudessem compreender, e contivesse, sempre que possível, a glorificação do espírito e das realizações revolucionárias. Shostakovich, no entanto, admirava o modernismo agudo, e a sátira de compositores como Milhaud e Prokofiev. Na década de 20, dedicou-se a estabelecer uma ligação entre o estilo parisiense, jazzístico, e os motivos soviéticos, permitindo-lhe chegar à realização de uma obra tolerada pelas autoridades e, também, gratificante para ele. Nesse período, ele procurou, sem restrições, a sua linguagem musical. Nada o afastava e de tudo se serviu: do maquinismo, onomatopeias, atonalismo livre, serialismo, dissonâncias explosivas, ritmos sincopados das danças da moda, farrapos de *jazz* e marchas paródicas. Mas os tempos estavam a mudar na União Soviética: falecido Lenin, aumentava, progressivamente, a influência de Stalin. A ‘Nova Política Econômica’ foi dada por terminada e voltou-se, com implacável dogmatismo, ►

para os postulados econômicos estritamente comunistas. As portas da Rússia, abertas à Europa durante vários anos, fecharam-se novamente. Em 1936, o sonho transformou-se em pesadelo para Shostakovich, ocorrendo-lhe o desastre que tanto temia e evitava - Stalin irritou-se com sua ópera *Lady Macbeth do Distrito de Mtsensk*, achando-a dissonante e com montagem decadente, e, assim, o compositor caiu oficialmente na desgraça. Depois de algum tempo, e à custa de laboriosos esforços, ele reconquistou seu prestígio com a *Sinfonia nº 5*, com o subtítulo 'Reação construtiva de um artista soviético às merecidas críticas que recebeu', e consolidou sua nova reputação com cantatas patrióticas e música de fundo para filmes heroicos (páginas ocas, otimistas, com vulgaridade embaraçosa e falso brilho). Apesar disso, sua aceitação jamais chegou a ultrapassar os limites da precariedade, vivendo no ostracismo até a sua morte.

A música de Shostakovich oscila entre o inspirado e o trivial, atingindo uma estatura notável e vasta amplitude de expressão nas suas quinze sinfonias e nos quinze quartetos de cordas, mostrando todos os aspectos de sua ciência musical; os seus seis concertos (dois para piano, dois para violino e dois para violoncelo) também contêm música de qualidade, refletindo a evolução de seus vários estilos. Nas sinfonias, apresenta influências de Tchaikovsky, Borodin, Glazunov e, particularmente, de Mahler, que foram assumidas e colocadas à disposição de uma personalidade multiforme, alternadamente épica, lacerante ou sarcástica. Como muitos compositores soviéticos de sua geração, tentou reconciliar as revoluções musicais de sua época com a necessidade de dar voz ao socialismo revolucionário, de forma mais evidente nas *Sinfonias nº 2 (Ao Outubro)* e *nº 3 (O Primeiro de Maio)*, ambas com finais corais. A *Sinfonia nº 4* já possui a dimensão, intensidade e complexidade mahlerianas, e embora já tivesse sido concluída em 1936 (só foi executada em 1961), foi colocada de lado para não despertar novas críticas ferozes (no mesmo ano já tinha sido rejeitada sua ópera *Lady Macbeth*). Em vez disso, no ano seguinte compôs a *Sinfonia nº 5*, muito mais convencional em sua forma e veia melódica. Trata-se de uma obra autobiográfica que apresenta o drama vivido e superado pelo compositor, e que se conclui pelo grito final de vitória ou de desafio. Em pleno período de expurgos stalinistas, em que a angústia coletiva estava no seu auge, a tensão emocional da sinfonia foi percebida pelo auditório com uma acuidade excepcional. Embora tenha voltado às boas graças das autoridades e continuasse a ser popular, nessa obra pode-se detectar uma mensagem subjacente repleta de ironia no seu heroísmo. Das quatro sinfonias seguintes, a *nº 7 (Leningrado, 1941)* corresponde a uma obra épica, com um programa enaltecendo de vitória bélica (foi iniciada quando Leningrado, atual São Petersburgo, estava sob cerco alemão), enquanto as outras exibem mais abertamente uma dicotomia entre otimismo e dúvida introspectiva, expressa

com gradações variadas de ironia. A morte de Stalin, em 1953, abriu caminho para uma estética menos rígida com a *Sinfonia nº 10*, a mais bela criação de Shostakovich - constitui um magnífico exemplo de sua música 'particular', em que as passagens mais sentidas e comovedoras chegam a utilizar um motivo baseado em letras de seu próprio nome (DSCH, que correspondem, na notação musical alemã, a ré, mi bemol, dó e si natural). Diz-se que o seu demoníaco segundo movimento representa o compositor a dançar ao ritmo de Stalin. As *Sinfonias nºs 11 e 12* são programáticas sobre os anos cruciais da história revolucionária (1905 e 1917), mas, em seguida, a *nº 13*, de 1962, se revelaria sua obra mais francamente crítica, expressando em tons dilacerantes o genocídio de Babi Yar, durante a Segunda Guerra Mundial. A *Sinfonia nº 14* (1969) marca o ponto mais elevado da criatividade sinfônica de Shostakovich, através de um ciclo de canções sobre a mortalidade. Aquilo que na obra anterior era evocação do passado por um indivíduo em atitude de vida, nessa é meditação de uma experiência por um protagonista em atitude de morte. Nunca a voz 'privada' do compositor foi tão explícita em uma obra sinfônica. Ele recorre a uma série de doze sons, não com caráter estrutural, mas expressivo. Na *Sinfonia nº 15* (1971), com suas flagrantes citações de Rossini e Wagner, Shostakovich evoca, sem amargor e rancor, o seu passado e sua obra.

A música de câmara de Shostakovich, durante muito tempo menosprezada em relação às suas sinfonias, revela-se como o essencial de sua herança espiritual. Ela exige um realismo sonoro assim como um poderio espiritual por parte do ouvinte, o que ainda limita a sua penetração no Ocidente. Contudo, a sua autenticidade, tanto humana quanto étnica, permite-lhe fazer figurar entre grandes *ensembles* internacionais. À parte dos quartetos, talvez a sua melhor obra, seja o quase clássico *Quinteto para Piano e Cordas* (1940), leve, atraente e admirável - ele começa com toda a solenidade, mas logo surge um dos seus esfuziantes *scherzi* de dança russa e um *finale* que evoca uma parada circense; aqui, os dois aspectos da personalidade de Shostakovich estão brilhantemente justapostos. O *Quarteto nº 7*, de 1960, é uma de suas partituras mais íntimas, e foi dedicado à memória de sua primeira esposa, com tom pacífico e tranquilo. Ainda mais íntimo é o *Quarteto nº 8*, também de 1960, que apresenta algo de autobiográfico, citando outras obras do autor e explorando musicalmente as letras de seu nome, como na *Sinfonia nº 10*; dedicou essa famosa e comovente composição 'à memória das vítimas da guerra do fascismo', satirizando os dramas bélicos no feroz segundo movimento e na sardônica valsa que se lhe segue. Os cinco últimos quartetos do ciclo são dominados, como quase todas as obras da última fase de Shostakovich, pela ideia de morte, expressa em suas texturas rarefeitas, com lentidão e gravidade. ►

Sendo ele próprio excelente pianista, Shostakovich conheceu o instrumento tão intimamente como só é possível a um virtuose. Sua música para piano solo é robusta, direta e enfática. Sem jamais carecer de expressão nova, escreveu páginas de efeitos extraordinários como os **Vinte e Quatro Prelúdios para Vinte e Quatro Tonalidades, Op. 34** (1933) e os **Vinte e Quatro Prelúdios e Fugas, Op. 87** (1951). Desde há muito tempo, o artista não pode escapar de seu papel na história e na sua sociedade. É triste que um homem como Shostakovich, de tal gênio e com tanto a dizer, não conseguisse atingir o verdadeiro apogeu de sua capacidade por uma questão de desaprovação política. Foi um belo compositor que poderia ter atingido alturas ainda maiores, em algum outro lugar ou época. Nenhum músico, exceto Mahler, conseguiu tornar-nos tão participantes e 'cúmplices' de seu tempo, mundo, vida e experiências como ele. Na sua música está quase toda a história do século XX - revolução, liberalismo, guerra, alterações sociais, emancipação da mulher, totalitarismo, desencanto, marxismo, antissemitismo, tomada de consciência, realização pessoal, absurdo da morte e psicanálise. Shostakovich provou que a música é infinitamente flexível e pode adaptar-se a qualquer propósito, mas os seres humanos não. Nele havia um grande espírito que sobrevivia no mais puro brilho. Se um criador se distingue pela sua voz, isto é, pelo assumir de um estilo e pelo desenvolvimento do mesmo por meio de uma linguagem, Shostakovich, com a sua 'voz' inconfundível, das primeiras às últimas obras, será sempre considerado como um dos criadores mais pessoais e proeminentes do século XX.

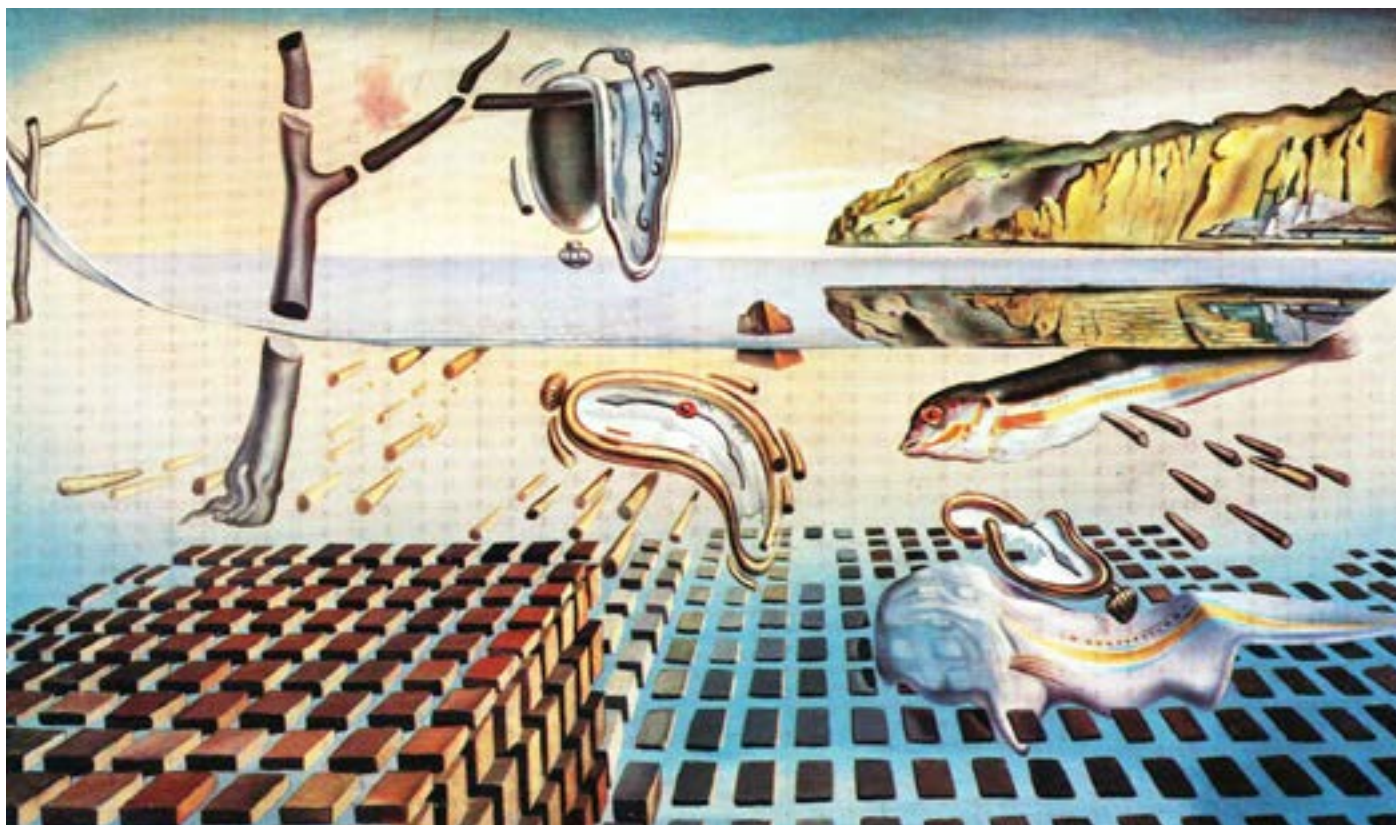
Na América, a influência conjunta de Stravinsky e de Debussy originou uma quarta onda de nacionalismo (a primeira foi impulsionada por Weber, despertando a Rússia de Glinka, a Polônia de Moniuszko, a Hungria de Erkel, a Dinamarca de Gade; a segunda onda, influenciada por Schumann e Liszt, chegou à Rússia dos 'Cinco', à Boêmia e Morávia de Smetana e Dvorák, à Escandinávia de Grieg; e a terceira, sob a égide de Debussy e do impressionismo, provocou a renascença musical na Inglaterra e na Espanha). À música 'bárbara' de Stravinsky (até então desprezada, porque era incompatível com o sistema tonal em vigor) foi acrescentado o elemento de requinte civilizado de Debussy, despertando o neonacionalismo nos novos Países americanos, que tiveram a coragem de empregar os 'modos' e melodismos daqueles compositores europeus. Os Estados Unidos, na música, não produziram nada de comparável com a sua grande literatura, apesar de apresentarem as melhores orquestras do mundo e casas de óperas famosas, ou de acolherem compositores e maestros famosos (Dvorák e Mahler) e refugiados (Toscanini, Stravinsky, Bartók, Schoenberg e Hindemith). Os autores do fim do século XIX tinham os olhos postos no romantismo europeu e que, por vezes, se viam a professar um nacionalismo que só viria a dar frutos no século seguinte. Um compositor representativo dessa

tendência ingênua seria **John Philip Souza** (1854-1932), autor de marchas populares como **Stars and Stripes**, **Washington Post** ou **The Liberty Bell**, que captou em sons a América poderosamente ambiciosa: aí soam as caravanas dos pioneiros do Oeste, o canto dos colonos diante da ilimitada terra fértil, o galope dos cowboys conduzindo boiadas e lutando contra os índios. Pecaram nessa ingenuidade muitos outros compositores, com o agravante da ausência de uma espontaneidade semelhante. É o caso de **Ferde Grofé** (1892-1972), com a sua **Suite Grand Canyon**, obra do estilo 'jazz sinfônico', sem muitas pretensões. Apesar de limitado, nela ele demonstrou perícia no que tentou fazer - aliou mestria técnica ao frescor do idioma e ao vigor, tornando-a uma obra de interesse para o grande público.

Depois do estímulo da presença de Dvorák na virada do século, a verdadeira música norte-americana vai ser criada por compositores nascidos no fim do século XIX: Roy Harris, Virgil Thomson, Walter Piston, George Gershwin e Aaron Copland, quase todos discípulos de Nadia Boulanger, em Paris, que traria a força e a sabedoria das formas clássicas. Decano do classicismo e um dos críticos musicais norte-americanos mais aguçados (escreveu para o *Herald Tribune*, de New York, durante 14 anos), **Virgil Thomson** (1899-1984), que sofreu enorme influência de Satie, é o mais 'francês' desse grupo, nunca se afastando da mais estrita concepção formal. Ocupou lugar de destaque na ópera norte-americana (*Four Saints in Three Acts*, *The Mother of us All*), mas também abordou outros gêneros musicais: mostrou-se nacionalista em obras orquestrais significativas, na **Symphony on a Hymn Tune** (1928), cujo tema procede da música religiosa da seita batista sulista, e produziu música para filmes documentários como **The Plow that Broke the Plains** (1936), **The River** (1937) ou **Louisian Story** (1948), peças da maturidade, escritas no mais deliberado diatonismo e com base no folclore norte-americano. O nacionalismo de **Roy Harris** (1898-1979) apresenta raízes no pós-romantismo. Em sua obra destacam-se importantes sinfonias, sendo a **Terceira** (1937) a mais famosa, uma autêntica arte musical norte-americana. Mesmo apresentando apenas um movimento (de 15 a 17 minutos de duração), essa obra expressa grande energia, rigor e poder dramático. Um nacionalismo e folclore mais evidentes são ilustrados no belo scherzo, **Kentucky Spring** (1949). Destacou-se, também, na música de câmara e vocal, as quais lhe asseguraram um lugar honroso na história da música norte-americana. **Walter Piston** (1894-1976) foi um dos mais ilustres e típicos discípulos de Nadia Boulanger, sendo, desse modo, um decidido adepto do neoclassicismo, também presente no seu conhecido manual de orquestração (*Harmony*), ainda amplamente utilizado. Sua música não procura novas cores, ritmos ou harmonias, e ele não é nem um experimentador ou desbravador. Ao contrário, decodifica em vez de inventar. Sua imaginação expõe excelentes ideias, e com ►

esse material constrói sua música sem palavras, títulos descritivos ou literários. Corresponde a um compositor norte-americano que fala o idioma internacional da música pura. Entre as suas obras é bastante conhecido o pequeno balé *The Incredible Flutist* (1938), que sugere a chegada do circo a uma aldeia. Podem-se encontrar os elementos característicos de sua criatividade em sua **Segunda Sinfonia** (1943), herança da forma clássica com ecletismo entre o cromatismo e o diatonismo pós-romântico - deliberados contrastes de tempos (desde *adagios* cheios de lirismo até *vivaces* coloristas), grande domínio da escrita contrapontística e temas com aspectos folclóricos e nacionalistas. **Howard Hanson** (1896-1981) é considerado, juntamente com Chadwick e Charles Ives, o 'pai' da sinfonia norte-americana, apresentando influências de Sibelius, Grieg e Respighi (seu professor em Roma, no início dos anos 20). Suas sete sinfonias, impregnadas de um elegante toque de beleza, apresentam um intenso lirismo e uma linguagem diatônica comovente que não chegam a camuflar a sua estrutura bem elaborada. Hanson foi um compositor de preferências conservadoras pelos estilos e formas aceitas, não se interessando em abrir novos caminhos. O seu credo artístico consistia na crença da necessidade de uma absoluta liberdade de expressão criadora. A sua obra-prima é a **Quarta Sinfonia**, partitura elegíaca dedicada à memória de seu pai - expressão musical altamente pessoal e emocional, concisa e muito sucinta, levando apenas vinte minutos para ser executada.

Dos compositores norte-americanos, foi **George Gershwin** (1898-1937) o primeiro a dar um salto para a fama mundial. Ficou famoso através de suas canções de grande sensibilidade, extremamente melódicas, de sua música de concerto e folclórica negra, e da ópera, contribuindo muito para criar a síntese entre o jazz e as tradições clássicas. Durante sua vida, por apresentar cultura musical pobre, Gershwin foi vítima de um preconceito muito comum entre os músicos e o público dos concertos 'clássicos': como levar a sério este 'fabricante' de operetas e de cançõezinhas populares? Ravel não pensou assim, quando respondeu ao compositor norte-americano, que lhe tinha pedido conselhos de composição: 'Não tenho nada para lhe ensinar'. A obra de Gershwin é um exemplo cristalino dos sentimentos humanos em uma mescla perpétua, renovando a si mesma. O espírito de sua obra está impregnado em tudo o que fez, e a sua síntese está concentrada em algumas peças. Seu dom excepcional de melodista resultou na produção de cerca de 500 canções, com a colaboração de seu irmão, Ira, autor das letras. De seus musicais da Broadway, surgiram obras-primas como *S Wonderful*, *Funny Face*, e *The Man I Love* e *Fascinating Rhythm*, de *Lady, Be Good*. A lista é enorme e inclui verdadeiros clássicos de ouro como *Embraceable You*, *I Got Rhythm*, *Somebody Loves Me* e *Someone to Watch Over Me*, todos, também, oriundos da Broadway. Em 1924, atingiu a fama com ***Rhapsody in Blue***, para piano e orquestra,



The Disintegration of the Persistence of Memory (1954) - Salvador Dalí

obra na forma de concerto para a *jazz band* de Paul Whiteman, cuja instrumentação esteve a cargo de seu amigo Ferd Grofé. Apesar de seus defeitos técnicos, a música transborda de tão inexaurível vitalidade, que até hoje permanece viva e cheia de encanto como no dia de sua estreia. A *Rapsódia* apresenta grande variedade de estados de espírito e atmosfera. Ora, brilhantemente espirituosa e satírica, ora, com momentos de drama intenso ou de meditação, como nas cadências do piano, nela há, também, passagens de terna beleza, como o *glissando* da abertura para clarinete e o inesquecível movimento lento. As páginas de alegria e jovial abandono encontram-se idealmente contrabalanceadas por outras de graça e encanto raro. No ano seguinte, Gershwin apresentou seu **Concerto em Fá**, para piano e orquestra, que despertou de imediato a admiração de Ravel, que afirmaria, mais tarde, que essa obra teve enorme influência em sua música. Obra 'eslavizante' sob inúmeros aspectos, como nos temas líricos semelhantes aos de Tchaikovsky ou Rachmaninov, esse concerto conjuga, com clareza, o espírito modernista (a influência do jazz) com o clássico (a divisão em três movimentos - vivo, lento, vivo, quase como uma sonata). Na primavera de 1928, Gershwin foi passar as férias na Europa e lá compôs o poema sinfônico, **Um Americano em Paris**, que foi aplaudido pelo público dos cinemas e pelas elites. Nessa obra ele teve um duplo propósito: interpretar a agitação e alegria de Paris e, também, sugerir as saudades da pátria que um norte-americano sente enquanto passeia pelos bulevares parisienses. O programa implicou uma importante disciplina de tratamento dos diversos temas sob a forma sinfônica. O seu êxito inicial foi uma das muitas ilusões de uma época que em breve iria despertar e com não pouca brutalidade. A indiscutível obra-prima de Gershwin é a ópera **Porgy and Bess** (1935). Encontram-se aí todas as condições para o seu triunfo: uma ação humana cativante que ocorre no bairro negro Catfish Row, em Charleston, em que sexo e crime se transformam em amor e humanidade; a conjugação de Spirituals, blues e o canto operístico tradicional, entrelaçados de uma maneira genial, e acompanhados por uma grande orquestra de jazz que cintila em centenas de cores; e melodias encantadoras de fácil assimilação (*Summertime*; *Oh, I Got Plenty o'Nuttin'*; *Bess, You Is My Woman Now*; *My Man's Gone Now*; e *It Ain't Necessarily So*). Talvez Gershwin soubesse que aquilo que escreveu ficaria, para sempre, enraizado na alma de seu povo e de todos que alguma vez escutassem suas músicas. Suas canções fazem parte da memória coletiva do século XX. E é impossível imaginar New York sem a *Rhapsody in Blue*, da mesma maneira que é impossível imaginar os Estados Unidos sem *Porgy and Bess*.

Assim como Gershwin, **Aaron Copland** descende de uma modesta família de emigrados russos (1900-1976). Considerado um típico representante do vitalismo nacionalista ianque, tonal e classicista, foi, entretanto, um dos mais inquietos músicos de seu País. Com os

ensinamentos de Nadia Boulanger, em Paris, após a Primeira Guerra Mundial, desenvolveu sua vocação de compositor e conheceu o mundo sonoro de Ravel, Stravinsky e dos músicos do Grupo dos Seis. De volta aos Estados Unidos, Copland adotou um estilo 'cosmopolita', com toques de neoclassicismo, apoiando-se em reminiscências do jazz, do folclore norte-americano e sul-americano, bem como da politonalidade, permeados, frequentemente, por um lirismo vigoroso. Ele compôs as suas grandes obras de caráter deliberadamente norte-americano quando os Estados Unidos se convertiam em uma grande nação, orgulhosa de sua exígua história, do seu conceito de liberdade e do indivíduo e do seu pragmatismo filosófico e ético; na mesma época, o cinema empreendia as diversas revisões idealizadas do passado norte-americano, com a cristalização e aperfeiçoamento do *western*. Copland escreveu música para esses filmes e compôs, para o teatro, obras de louvor à sua paisagem e aos seus habitantes: a ópera **The Second Hurricane** (1936) e os bailados **Billy the Kid** (1938), **Rodeo** (1942) e, sobretudo, **Appalachian Spring** (1944), os quais são conhecidos, mais frequentemente, em sua forma de suítes de orquestra. Obras como *Appalachian Spring* e a **Terceira Sinfonia** representam o culminar desse período populista-nacional do compositor. Inicialmente concebida para balé, **Appalachian Spring** é mais apresentada, atualmente, em salas de concerto, em sua grande formação orquestral (a partitura original foi criada para um pequeno grupo de 13 instrumentos), e muitos a consideram a melhor dentre todas as escritas de Copland. O enredo relata a vida austera e prosaica dos *Shakers* (uma variante da seita *Quaker*) na região montanhosa dos Apalaches, e a música incorpora várias de suas canções e hinos religiosos, como *The Gift to be Simple is the Gift to be Free*. Com exceção da vigorosa quadrilha rústica, a obra é predominantemente tranquila, meditativa e luminosamente bela. A **Terceira Sinfonia** foi estreada, em 1946, pela Orquestra Sinfônica de Boston, sob a batuta do famoso maestro Serge Koussevitzky, que a considerava 'a maior sinfonia norte-americana - sai do coração para o coração'. Em quatro movimentos, Copland incorporou trechos de outras obras suas: no primeiro movimento há uma ideia tonal tirada de *Appalachian Spring* e, no último, uma citação de sua *Fanfare for the Common Man*. Além dessas partituras, merecem destaque as trilhas sonoras para os filmes *Ratos e Homens*, de Ford, ou *A Herdeira*, de Wyler, como também o *Concerto para Clarineta* (1948) destinado a Benny Goodman.

As obras dos compositores desse período populista-nacional ainda permanecem no acervo criador norte-americano como das mais significativas de um período que se justifica por elas mesmas. No entanto, os elementos regionalistas, alguns até provincianos, tornavam-se, cada vez mais, limitantes. Tinha chegado a hora dos profetas da renovação e da vanguarda. A união de estilo suave e uma técnica elegante fizeram de **Samuel Barber** (1910-1981) uma das

principais vozes da música norte-americana. Apresentando um lirismo espontâneo e espírito neorromântico, ele se aproxima mais das tradições europeias do que as de seu próprio País. A partir de 1940, o compositor ousou mais, particularmente com o balé **Medea**, chegando a empregar uma linguagem dissonante com uma politonalidade à maneira de Milhaud. Também realizou uma rápida incursão no dodecafonismo, mas até o seu término, a obra de Barber evitou grandes audácias. A sua partitura mais conhecida é o **Adágio para Cordas** (1936), que foi escrita, originalmente, como o movimento lento de um quarteto de cordas, mas o orquestrou por sugestão de Toscanini, transformando-o em uma das mais apreciadas obras para cordas do século XX. Sua melodia solene, passional, passa de um grupo de cordas para outro, alcançando um tocante clímax. O seu **Concerto para Violino** (1940), também, raramente desaponta: uma obra agradável, harmoniosa, eficientemente concebida e extremamente lírica, com alguns toques jazzísticos. Discípulo de Roy Harris, **William Schumann** (1910-1992) mostrou uma sólida formação clássica e uma vocação sinfônica com influências do jazz, Stravinsky e Hindemith. Suas dez sinfonias são fundamentais em sua obra: incorporam um impulso vigoroso, ritmos febris e atitudes orquestrais e musicais expansivas, com uma ampla linha melódica em um idioma geralmente tonal. Além disso, quase toda a sua obra possui imaginação, gosto, emoções habilmente controladas e, por vezes, um insinuante humorismo, como em *Newsreel* (1941). Famosa é a **American Festival Overture** (1939): as três primeiras notas dessa peça são reconhecidas como 'o toque de chamada para brincar' da infância e, na cidade de New York, a *Overture* é gritada com as sílabas 'We-Awk-Ee', a fim de reunir a turma para algum jogo ou acontecimento festivo de qualquer espécie. De origem italiana, **Giancarlo Menotti** (1911-2007) possui algumas peças orquestrais de valor, no entanto, a sua habilidade despontou no teatro e na ópera (tendo sido um dos mais notáveis e bem sucedidos compositores de ópera depois de Puccini), exprimindo todos os tons e matizes da comédia, sátira, drama e tragédia. Com a representação na Broadway, em 1947, de **The Medium**, tragédia sobrenatural notável por sua natureza sinistra, e a comédia **The Telephone**, Menotti ficou definitivamente consagrado como compositor. O êxito dessas óperas foi superado, em 1950, por **The Consul**, que ganhou o Prêmio Pulitzer e foi traduzida para doze idiomas - melodrama político completo, em um estilo verista pós-Puccini. Inteiramente diferente é a ópera natalina para crianças, **Amahl e os Visitantes da Noite** (1951), que, com finíssima poesia e genuíno espírito humanitário, conta o milagre da cura de um menino.

O grande inovador da música norte-americana na primeira metade do século XX foi **Charles Ives** (1874-1954). As suas primeiras e, talvez, mais significativas lições de música foram dadas pelo pai, um regente de banda e de coral de extraordinária curiosidade

experimental, de uma pequena cidade da Nova Inglaterra. Como no caso de Mahler, as impressões 'sonoras' da infância influenciariam profundamente a arte de Ives. Ele foi autodidata em composição e apresentava pouca formação 'clássica'. Quando estudante em Yale (1894-98), recebeu lições de harmonia do conservador Horatio Parker. Seu estilo original chocava-se com o academicismo tradicional daquele. Uma bem-sucedida carreira no ramo de seguros salvou-o da necessidade de ganhar a vida com música, o que teria comprometido seus princípios artísticos e filosóficos. Retirou-se dos negócios em 1930; a saúde precária e desapontamentos políticos levaram-no a praticamente abandonar a composição uns dez anos antes. A maior parte de sua música foi escrita sem perspectivas de execução, e só perto do final da vida começou a ser tocada com frequência e apreciada. A música das pequenas cidades foi a sua maior influência, e é a principal responsável por suas radicais inovações. As bandas dessas cidades raramente tocavam afinadas e corretamente e, assim, Ives assimilou esse estranho aglomerado de dissonâncias e dele fez um dos elementos de estilo musical. Sua música prenuncia, frequentemente, o desenvolvimento de técnicas de composição como o serialismo, a politonalidade e a organização espacial de som, as quais só mais tarde surgiriam na Europa com Schoenberg e outros. Ives é um mago que apresenta certos elementos que parecem inconciliáveis, e com eles tece uma unidade de propósitos e impulsos, agregando-os tanto pelo seu senso de coesão quanto pela lógica de seu sistema, que é suficientemente amplo para poder reunir elementos totalmente diferentes. O único aspecto consistente de sua obra é a emancipação das regras convencionais. Há peças inteiramente atonais, enquanto outras são no simples estilo harmônico de um hino ou canção folclórica. Algumas são bastante sistemáticas e abstratas na sua construção, outras carregadas de citações de músicas de sua juventude: hinos, canções populares, danças de ragtime, marchas etc. Há, também, peças explicitamente nostálgicas, como a famosa **Three Places in New England** (1905-14), uma das evocações mais vivas e assombrosas da juventude de Ives, e, algumas, impulsionadas pela visão de uma democracia idealista (**Quarta Sinfonia**). De suas quatro sinfonias, a mais famosa é a **Terceira (The Camp Meeting)**, de 1911, uma delicada obra em três movimentos, inspirada e intelectualmente sedutora, baseada em hinos religiosos. Aqui, Ives reuniu, como nenhum outro compositor, a simplicidade doméstica e a dignidade do século XIX. Ives escreveu, também, muitas peças para orquestra, isoladas ou integradas nas mais vastas composições. Entre as mais conhecidas encontra-se **Central Park in the Dark** (terceira parte de um conjunto intitulado *Three Outdoor Scenes*), de 1906, que corresponde a uma 'contemplação' musical para a qual Ives fez questão de esclarecer que ela levaria o ouvinte a um recuo no tempo de mais ou menos 40 anos, enquanto que, abrigado das poluições da civilização ►

BIBLIOGRAFIA

23
ANOS
MAG

urbana, o passeador poderia usufruir da quietude do Central Park durante as noites de verão. Formando com esta obra anterior um par de 'contemplações', *The Answer Question*, também de 1906, é ainda mais exótica: assim como na Quarta Sinfonia, faz o questionamento da 'existência'. No plano metafísico, a contemplação, dessa vez, é de 'uma coisa séria: uma paisagem cósmica', segundo os próprios termos do compositor. Obra extremamente difícil de executar, a *Segunda Sonata para Piano*, a '*Concord*' (1911-15), considerada por muitos como a melhor criação de Ives, corresponde a uma evocação musical de figuras do passado da Nova Inglaterra, como Hawthorne, Thoreau e os Alcotts. Dotada de imaginação e grandeza espiritual, ela apresenta sabedoria, beleza, profundidade e compreensão do terror e do esplendor que dominam a vida e o destino da humanidade - uma compreensão daqueles mistérios que são, ao mesmo tempo, humanos e divinos.

Famoso como compositor, maestro, pianista e acadêmico, **Leonard Bernstein** (1918-1990) foi uma das maiores e mais completas figuras musicais do século XX. Estudou teoria musical na Universidade de Harvard e direção de orquestra com Fritz Reiner e Sergei Koussevitzky. Em 1943, ganhou fama como regente quando substituiu, de última hora, Bruno Walter, que estava doente. A partir daí, esteve particularmente associado à Orquestra Filarmônica de Israel (a partir de 1947), à Orquestra Sinfônica de Boston e à Orquestra Filarmônica de New York (1958-69), regendo frequentemente em Viena e no La Scala. Simultaneamente, seguiu a carreira de compositor, desenvolvendo um estilo eclético que se inspirava em tudo. Rompeu as barreiras entre as culturas erudita e popular, mesclando Mahler, Stravinsky, Britten, Ives e Broadway, Copland e Bach. Suas raízes penetram na atonalidade dodecafônica, na harmonia do

romantismo do século XX, no jazz e no swing. A maior parte de suas obras teatrais é no estilo da Broadway, como o balé *Fancy Free* (1944) e os musicais *On The Town* (1944), *Wonderful Town* (1953), *Candide* (1956) e *West Side Story* (1957). Com *West Side Story*, Bernstein conheceu a glória no mundo inteiro, explorando a virulência dos problemas raciais entre brancos, negros e porto-riquenhos, dos bairros proletários da cidade cosmopolita de New York: um drama naturalista cheio de agudeza e crueldade, que é transfigurado pela doçura e nostalgia de um amor tipo Romeu e Julieta, o qual triunfa sobre ódio e a morte; a repulsiva realidade é elevada tanto pelo prazer estético da dança quanto pela música maravilhosa, permeada com elementos da ópera romântica e do balé jazzístico. As *Danças Sinfônicas* desse musical são, frequentemente, executadas em concerto. Na melhor tradição das aberturas musicais, a *Abertura Candide* é arrebatadora, contrastando quatro minutos de verdadeiro delírio orquestral com uma passagem zombeteira. Entre suas composições para a tela, encontra-se a música do filme de Elia Kazan, *On The Waterfront* (1954), da qual existe uma suíte para orquestra. A música não teatral de Bernstein é, geralmente, de inspiração religiosa e metafísica, testemunhando uma pesquisa espiritual de profunda sinceridade, expressa em um idioma pós-mahleriano intenso e ricamente cromático, com a utilização de grandes efetivos, solistas vocais e coros. Nesse estilo, encontram-se as suas obras mais ambiciosas: a *Sinfonia Jeremiah*, com mezzo-soprano (1942), a *Sinfonia Kaddish*, com solistas e coros (1963), em que usou técnicas serialistas, os *Chichester Psalms* (1965), para vozes infantis, e a peça teatral *Mass* (1971), grande oratório cênico, encomendado por Jacqueline Kennedy, para a inauguração do John Kennedy Fine Arts Center de Washington. ■



The Mysteries of the Horizon (1955) - René Magritte

CAIXA ESPECIAL VILLA-LOBOS



Confira o mais novo lançamento da OSESP, em parceria com a Naxos e Movieplay, em comemoração ao encerramento das gravações da integral *Sinfonias de Villa-Lobos*. Foram sete anos de trabalho, que incluiu resgate e revisão das partituras, ensaios e gravação para o lançamento em CD.

Heitor VILLA-LOBOS - Sinfonia nº1 e 2



Um método característico de construção sinfônica já está aqui em operação: o ornamentado acorde inicial dá a largada para motivos principais e um ostinato, que provavelmente veio da imaginação do compositor, mas que "registra" em nossos ouvidos como ritmo folclórico, serve de pano de fundo a uma sucessão de novas ideias, reunidas em grupos temáticos bem delineados, que alternam contemplação, lirismo e atividade frenética.

OUÇA TRINTA SEGUNDOS DE CADA FAIXA, DO NOVO CD HEITOR VILLA-LOBOS, SINFONIAS Nº 1 E 2:

- ▶ Faixa 01
- ▶ Faixa 02
- ▶ Faixa 03
- ▶ Faixa 04
- ▶ Faixa 05
- ▶ Faixa 06
- ▶ Faixa 07
- ▶ Faixa 08

www.movieplay.com.br
movieplay@movieplay.com.br

f /movieplaydigital
t @movieplaybrasil
m "movieplaydigital"

(11) 3115-6833

movieplay
DIGITAL MUSIC

Já disponível nas melhores lojas do Brasil.

DISCOGRAFIA SELECIONADA

**Prokofiev**

- **Concertos para Piano:** Toradze / Gergiev / Kirov O. (**completos**) - 'Double' Decca 4783952 (2 CDs) ou Lang Lang / Rattle / Berliner Phil. (**nº 3**) - Sony 373226-2 ou Kissin / Abbado / Berliner Phil. (**nºs 1 e 3**) - DG 'First Choice' 4790369 ou Li / Ozawa / Berliner Phil. (**nº 2**) - DG 4776593 ou Richter / Rowicki / Warsaw Phil. (**nº 5**) - DG 4497442.

- **Concertos para Violino:** Shaham / Previn / London SO (**nºs 1 e 2**) - DG 447758-2 ou Vengerov / Rostropovich / London SO (**nºs 1 e 2**) - Warner Elatus 49567-2 ou Jansen / Jurowski / London PO (**nº 2**) - Decca 4783546 ou Heifetz / Munch / Boston SO (**nº 2**) - RCA SACD 66372-2.

- **Concertos (completos):** Ashkenazy / Bell / Harrell / Previn / Dutoit / Royal SO; London SO e Montreal SO - Decca 'Trio' 473259-2 (3 CDs).

- **Sinfonias:** Gergiev / London SO (**completas**) - Decca 747655 (4 CDs) ou Rostropovich / O. N. de France (**completas**) - Erato 2564696755 (4 CDs) ou Orpheus Chamber Orchestra (**1ª**) - DG 423624-2 ou Karajan / Berliner Phil. (**5ª**) - DG 'Originals' 463613-2 ou Kitaenko / URSS TV and Radio SO (**5ª**) - Audiophile 101.505.

- **Romeu e Julieta:** Gergiev / Kirov O. (**completo**) - Philips 464726-2 (2 CDs) ou Previn / London SO (**completo**) - EMI 4783100 (2 CDs) ou Maazel / Cleveland O. (**completo**) - 'Double' Decca 4529702 (2 CDs) ou Salonen / Berliner Phil. (**suítes**) - Sony 752991-2 ou Levi / Cleveland O. (**suítes**) - Telarc 80089 ou Abbado / Berliner Phil. (**suítes**) - DG 453439-2.

- **Tenente Kijé (Suíte):** Abbado / Chicago SO (+ **Suíte Cita**) - DG 'Originals' 447419-2 ou Temirkanov / San Petersburg PO - RCA 623192 ou Szell / Cleveland O. - Sony 48162.

- **Pedro e o Lobo:** Abbado / CO of Europe - DG 429396-2 ou Richardson / London SO - Decca 433612-2 ou Lanchbery / Melbourne SO - Naxos 8.554170.

- **Alexander Nevsky:** Jarvi / Royal Scottish SO - Chandos 8584 ou Ancerl / Czech PO - Supraphon 36962 ou Muti / London SO (+ **Ivan, o Terrível**) - EMI 'Double' 573353-2.

- **O Amor das Três Laranjas:** Gergiev / Akimov / Netrebko / Kirov Chorus and Orch. (**ópera completa**) - Philips 462913-2 (2 CDs) ou Markevitch / ONR Française SO (**suíte**) - EMI 569674-2.

- **Sonatas para Piano:** Raekallio (**completas**) - Ondine 94723 (3 CDs) ou Nissman (**completas**) - Pierian 19182 (3 CDs) ou Richter (**nºs 6, 7 e 8**) - Philips 'Great Pianists of the 20th Century, Vol. 82' 456946-2 (2 CDs) ou Pletnev (**nºs 2, 7 e 8**) - DG

457588-2 ou Pogorelich (**nº 6**) DG 463678-2 ou Pollini (**nº 7**) - DG 447431-2.

Khatchaturian

- **Concerto para violino:** Kogan / Monteux / Boston SO - RCA 63708-2 ou Oistrakh / Khatchaturian / Philharmonia O. - EMI 615712-2 ou Fischer / Kreizberg / Russian NO - Pentatone SACD 5186059.

- **Concerto para Piano:** Servirian-Kuhn / Tjeknavorian / Armenian SO - ASV 964 ou Yablonskaya / Yablonsky / Russian SO - Naxos 8.550799.

- **Spartacus (suíte) e Gayaneh (suíte):** Khatchaturian / Wiener Phil. - Decca 'Legends' 460315-2 ou Lazarev / Bolshoi SO (+ **Suíte Masquerade**) - Warner Apex 92372 ou Khatchaturian / London SO - EMI 769866-2.

Shostakovich

- **Sinfonias (completas):** Kondrashin / Moscow PO - Melodya 1001065 (11 CDs) ou Haitink / Concertgebouw O. - Decca 4757413 (11 CDs) ou Kitayenko / Gürzenich-Orchester Köln - Capriccio 71029 (12 SACDs) ou Rozhdestvensky / Leningrad PO; Moscow PO e USSR Ministry of Culture SO - Melodya 72915-2 (14 CDs).

- **Sinfonias:** Sanderling / Berliner SO (**nºs 1, 5, 6, 8, 10 e 15**) - Berlin Classics 90009 (6 CDs) ou Jansons / Bavarian RSO (**nº 4**) - EMI 557884-2 ou Previn / London SO (**nº 5**) - RCA 55493-2 ou Bernstein / New York PO (**nº 5**, 1979 - Tóquio) - Sony 66937 ou Hofman / Beethoven O., Bonn (**nº 7**) - MDG SACD 1203-2 ou Mravinsky / Leningrad PO (**nº 8**) - Philips 422442-2 ou Karajan / Berliner Ph. (**nº 10**, versão 1982) - DG 439036-2 ou Rostropovich / London SO (**nº 11**) - LSO Live 0030 ou Jansons - Bavarian RSO (**nº 13, 'Babi-Yar'**) ou Haitink / Concertgebouw O. (**nº 14**) - Decca 425074-2 ou Ormandy / Philadelphia O. (**nº 15**) - RCA 63387-2.

- **Concertos:** Ozawa / Previn / Ashkenazy / Mullova / Kremer / Schiff / Jablonski / Ortiz / Royal PO / Boston SO / Bayerischen SRO (**completos**) - Decca 'Trio' 475260-2 (3 CDs) ou Argerich / Faerber / Wurtemberg CO (**Conc. nº 1 para Piano**) - DG 439864-2 ou Shostakovich / Cluytens / ONR Française (**Conc. para Piano nº 2**) - EMI 562648-2 ou Vengerov / Rostropovich / London SO (**Conc. para Violino nºs 1 e 2**) - Warner 'Apex' ou Mörk / Jansons / London SO (**Conc. para Violoncelo nº 1**) - Virgin 45145-2.

- **The Jazz Album:** Chailly / Masseurs / Brautigam / Concertgebouw O. - Decca 433702-2 ou Rozhdestvensky - Ministry of Culture URSS SO (**Suíte para Jazz Band nº 1**) - Olympia 156.

DISCOGRAFIA SELECIONADA

- **Quartetos para Cordas (completos):** Fitzwilliam Quartet - Decca 455776-2 (6 CDs) ou Borodin Quartet - Melodya 10 01077 (6 CDs) ou Emerson Quartet - DG 463284-2 (5 CDs).

- **Quinteto para Piano e Cordas:** Leonskaja / Borodin Quartet - Warner 'Elatus' 60813-2 ou Berman / Vermeer Quartet - Naxos 8.554830-2.

- **Música para Piano e Obras de Câmara:** Ashkenazy / Ziberstein / Mustonen / Harrell / Beaux Arts Trio / Fitzwilliam Quartet - Decca 4757425 (5 CDs).

- **Vinte e Quatro Prelúdios para Vinte e Quatro Tonalidades, Op. 34:** Nikolayeva - Hyperion 66020 ou Apekisheva - Onyx 4085.

- **Vinte e Quatro Prelúdios e Fugas, Op. 87:** Nikolayeva - Regis 3005 (3 CDs) ou Ashkenazy - Decca 466066-2 (2 CDs).

Souza

- **Marches:** Fennell / Eastman Wind Ens. - Mercury SACD 475618-2 ou Philip Jones Brass Ens. / Howarth - Universal 217902-2.

Grofé

- **Suíte Grand Canyon:** Dorati / Detroit SO - Decca 410110-2 ou Kunzel / Cincinnati PO - Telarc 80086.

Thomson

- **Sinfonias:** Sedares / New Zealand SO - Naxos 8.559022.

- **Trilhas Sonoras para Cinema:** Ordóñez / Post-Classical Ens. - Naxos 8.559291 ou Marriner / Los Angeles CO - EMI 747715-2.

Harris

- **Sinfonia nº 3:** Bernstein / New York PO - Sony 60594-2 ou Alsop / Colorado SO - Naxos 8.559227.

- **Kentucky Spring; Sinfonia nº 5; Concerto para Violino:** Mester / Louisville O. - First Edition FED 0005.

Piston

- **Fantasy (Balés e Suítes):** Schwarz / Seattle SO - Delos 3126.

- **Sinfonias:** Schwarz / Seattle SO - Naxos 8.559161 (nºs 2 e 6) ou Naxos 8.559162 (nº 4 e outras obras).

Hanson

- **Sinfonias:** Schwarz / Seattle SO (Completas) - Delos 3150 (4 CDs) ou Naxos 8.559703 (nºs 4 e 5).

Gershwin

- **Rhapsody in Blue; Um Americano em Paris:** Levine / Chicago SO - DG 431625 ou Wild / Fieldler - RCA SACD 61393-2 ou Bernstein / Columbia SO - Sony 63086 ou Tilson Thomas / Los Angeles PO - Sony 60028 ou Previn / London SO (+ **Concerto em Fá**) - EMI 566943.

- **Porgy and Bess:** Rattle / White / Haymon / London PO - EMI 476832-2 (3 CDs).

- **Canções:** Feinstein - Atlantic 82833-2.

- **Música para Piano:** Brownridge - Hyperion 55006 ou Gibbons - ASV 2082.

Copland

- **Appalachian Spring; Rodeo; Billy The Kid e Outras Obras:** Tilson Thomas / San Francisco SO - RCA 65840-2 ou Bernstein / Los Angeles PO - DG 413324 ou Spano / Atlanta SO - Telarc 80596 ou Dorati / Detroit SO - Decca 430705-2 ou Copland / Columbia SO e outras orquestras (+ **Concerto para Clarinete** / Benny Goodman) - Sony 46559 (3 CDs).

- **Appalachian Spring (versão para treze instrumentos):** Orpheus CO - DG 427335-2 ou Schenk / Atlantic Sinfonietta - Koch 37019-2.

- **Sinfonia nº 3:** Bernstein / New York PO - DG 419170-2 ou Oue / Minnesota O. - Reference Recordings 93.

Barber

- **Adágio para Cordas:** Schippers / New York PO - Sony 94793 ou Bernstein / Los Angeles PO - DG 413324 ou Zinman / Baltimore SO - Argo 436288-2.

- **Concerto para Violino:** Bell / Zinman Baltimore SO - Decca 4757710 ou McDuffie / Levi / Atlanta SO - Telarc 80441.

W. Schumann

- **American Festival Overture:** Bernstein / Los Angeles PO - DG 413324.

- **Sinfonias nºs 3 e 5:** Bernstein / New York PO - Sony 63163.

- **Concerto para Violino. New England Triptych:** Serebrier / Bournemouth SO - Naxos 8.559083.

Menotti

- **The Consul:** Hickox / Bullock / Spoleto Festival O. - Chandos 9706 (2 CDs).

- **Amahl e os Visitantes da Noite:** Hickox / Melinek / Spoleto Festival O. - Chandos 9971 (2 CDs).

BIBLIOGRAFIA

23
ANOS
AMAG

DISCOGRAFIA SELECIONADA

Ives

- *Sinfonias (1 a 4); Central Park in The Dark; New England Holidays Symphony; The Unanswered Question; Hymns:* Tilson Thomas / Chicago SO / Concertgebouw O. - Sony 87746 (3 CDs).

- *Sinfonia nº 2; Central Park in The Dark; The Unanswered Question etc.:* Bernstein / New York PO - DG 429220-2.

- *Sinfonia nº 3; Central Park in The Dark; The Unanswered Question etc.:* Sinclair / Northern Sinfonia - Naxos 8.559087.

- *New England Holidays Symphony; Three Places in New England; They Are There!:* Zinman / Baltimore SO - Decca 476153-2.

- *Sonata para Piano nº 2 ('Concord'):* Hamelin - Hyperion 67469 ou Aimard - Warner 02972.

Bernstein

- *Bernstein Conducts Bernstein (musicais, balés, sinfonias,*

obras corais e canções): New York PO - Sony 88697880862 (7 CDs).

- *West Side Story:* Bernstein / Kanawa / Carreras / Broadway Chorus and Orch. - DG SACD 471631-2 ou Trilha Original do Filme - Sony 88725424772.

- *On The Town:* Tilson Thomas / Hampson / Ollman / Von Stade - DG 4767145.

- *Wonderful Town:* Rattle / Criswell / McDonald / Hampson / Birmingham Contemporary Music Group - EMI 556753-2.

- *Candide:* Bernstein / Hadley Anderson / London Chorus and Orch. - DG 474472-2 (2 CDs).

- *Candide (abertura); West Side Story (danças sinfônicas); On The Waterfront (suíte sinfônica); Fancy Free:* Bernstein / New York PO - Sony 63085.

- *Sinfonias (1 a 3); Serenata:* Bernstein / Israel SO - DG 445245 (2 CDs).

Calibração de TVs e Projetores

Quer ver aquela imagem de Cinema em sua casa?

Comprou a TV dos seus sonhos e está decepcionado com a imagem de fábrica? Foi ao cinema e está se perguntando por que a qualidade da imagem é muito melhor?

Faça uma calibração profissional de vídeo e deixe sua TV ou projetor nos mesmos padrões dos estúdios de cinema! Assista seus filmes preferidos com cores mais vibrantes e naturais, menor fadiga visual, muito mais contraste e percepção de detalhes. Afinal, sua imagem também merece ser hi-end.

NAO CALIBRADO



CALIBRADO



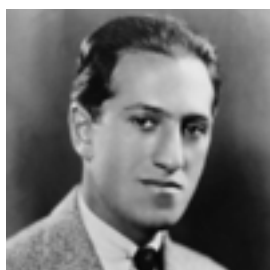
Mais informações (11) 98311.8811
e agendamentos: jlrot2020@gmail.com



A MÚSICA RUSSA E NORTE-AMERICANA DO SÉCULO XX

XX Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

PRINCIPAIS COMPOSITORES



George Gershwin: nascido no Brooklyn, em Nova York, em 1898, filho de imigrantes judeus russos. Foi criado na comunidade judaica de Nova York e, aos dez anos, fascinado pelo som do violino, interessou-se por música e começou a estudar no piano que fora comprado para o irmão Ira Gershwin. Teve como mentor o pianista Charles Hambitzer, da Beethoven Symphony Orchestra, que ensinou a Gershwin técnica de piano e música clássica europeia. Seu primeiro emprego foi como demonstrador de música, e logo algumas de suas canções fizeram sucesso. A seguir, foi arranjador e gravar em uma empresa que fazia rolos de música para pianolas e, depois, compôs para musicais da Broadway e começou a colaborar com seu irmão Ira. Após compor *Rhapsody in Blue*, passou um tempo em Paris, onde escreveu a célebre obra *Um Americano em Paris*. Logo em seguida, compôs sua mais famosa ópera, *Porgy and Bess*, da qual se originaram canções famosas como *Summertime*. Em seus últimos anos, foi trabalhar em Hollywood, onde teve um longo relacionamento com a compositora Kay Swift. Em 1937, sofrendo de dores de cabeça e problemas de coordenação, foi diagnosticado com um tumor no cérebro, falecendo aos 38 anos, em 1937, após uma tentativa de cirurgia.



Sergei Prokofiev: nascido em Sontsovka, na Ucrânia, em 1891, então parte do Império Russo. Sua mãe dedicava dois meses por ano a aprender piano, o que inspirou Prokofiev. Aos nove já havia composto sua primeira ópera. Aos 11 anos, teve como mestre o compositor Reinhold Glière em 1902 e 1903, cujos ensinamentos foram considerados por Prokofiev como 'quadrados'. Depois conheceu o compositor Alexander Glazunov, que incentivou sua entrada no Conservatório de São Petersburgo, tendo como professores Lyadov e Rimsky-Korsakov, e onde foi considerado um rebelde musical. Em 1911, foi a Paris e Londres, onde conheceu os Ballets Russes, de Sergei Diaghilev, que encomendou seu primeiro balé: *Chout (The Fool)*. Durante a guerra retornou ao conservatório, mas sem espaço para sua música mais experimental, deixou a Rússia em 1918, para os EUA, onde não obteve trabalho estável, mudando-se finalmente para Paris dois anos depois, onde compôs óperas, balés e sinfonias. Na década de 1930, estava tendo mais encomendas na União Soviética do que em Paris, mudando-se para lá em 1936, onde seu trabalho passou então pelo escrutínio da União dos Compositores Soviéticos. O período levou a obras com temática soviética e russa, e a vários embates antistalinistas, chegando a ter obras suas banidas pelo regime. Faleceu em 1953, aos 61 anos, de hemorragia cerebral.



Dmitri Shostakovich: nascido em São Petersburgo, na Rússia, em 1906, descendente de siberianos e poloneses. Criança prodígio musical, começou a aprender piano com sua mãe aos nove anos de idade. Aos 13, entrou para o Conservatório de Petrogrado, cujo diretor era Alexander Glazunov. Sua *Primeira Sinfonia* chegou a ser apresentada por Bruno Walter em Berlim, e por Leopold Stokowski nos EUA. Passou a dedicar-se à composição, com influências como a obra de Gustav Mahler, entre outros, escrevendo óperas e trilhas sonoras de filmes. Dois anos após a estreia de sua ópera *Lady Macbeth of the Mtsensk District*, em 1936, sua obra caiu no desfavor de Stalin e do Politburo, em um período de perseguição artística na União Soviética, e passou a compor praticamente só música para filmes - o que era favorecido por Stalin. Voltou a ser favorecido com sua *Quinta Sinfonia*. Não pode lutar na Segunda Guerra, mas sua *Sétima Sinfonia 'Leningrado'* serviu de incentivo patriótico às tropas. Em 1948, foi denunciado por escrever música inapropriada, perdendo privilégios. Sua recuperação política foi ajudada pela morte de Stalin e por sua entrada no Partido Comunista. Com a saúde há anos debilitada, faleceu de câncer do pulmão em 1975, em Moscou.



Samuel Barber: nascido em West Chester, na Pensilvânia, nos EUA, em 1910. Sua mãe, que era uma pianista, sua tia, uma contralto do Metropolitan Opera, e seu tio, um compositor de canções, foram grandes influências. Começou a estudar piano aos seis anos, e escreveu sua primeira composição aos sete. Aos 14, entrou para o Curtis Institute of Music para estudar piano e composição, onde conheceu seu companheiro de vida e parceiro de composição, Gian Carlo Menotti. Aos 20 e poucos anos já era um compositor requisitado e de sucesso, sendo desse período o famoso *Adágio para Cordas*, estreado em 1938. Barber serviu o exército na Segunda Guerra Mundial, durante a qual compôs a *Symphony Dedicated to the Air Forces*, cuja partitura destruiu anos depois. Após a rejeição à sua ópera *Antony and Cleopatra*, em 1966, Barber passou a sofrer de depressão e suas composições até o fim de sua vida passaram a ser consideradas contemplativas, porém não tristes. Faleceu em 1981, aos 70 anos, de câncer, em Nova York.



John Philip Sousa: nascido em Washington DC, nos EUA, em 1854, descendente de portugueses e alemães. Começou aprendendo violino com John Esputa, quando se descobriu que ele tinha ouvido absoluto. Na infância estudou violino, canto, flauta, piano e trompa, entre outros. Na adolescência alistou-se no Corpo dos Fuzileiros Navais como aprendiz, já que seu pai era trombonista na Banda dos Fuzileiros, onde permaneceu até os 20 anos de idade. Depois, em uma orquestra de fosso de teatro aprendeu regência. Em 1880, assumiu como regente da Banda dos Fuzileiros, depois permanecendo como regente da Banda Presidencial durante o mandato de cinco presidentes norte-americanos. Em 1892, organizou a Sousa Band, com a qual se apresentou até o fim de sua vida, chegando a apresentar-se em paradas, passando pelo Arco do Triunfo, em Paris. Sousa casou-se em 1879, tendo duas filhas e um filho, John Philip Jr. Faleceu em 1932, do coração, em um quarto do Abraham Lincoln Hotel, na Pensilvânia.



Leonard Bernstein: nascido em Lawrence, no Massachusetts, em 1918, filho de judeus ucranianos. Batizado Louis, era chamado pela família de Leonard. Começou a aprender música no piano adquirido de uma prima. Estudou música na Universidade de Harvard, tendo como influências Dmitri Mitropoulos e Aaron Copland, depois regência no Curtis Institute of Music, com Fritz Reiner, e em Tanglewood com Serge Koussevitzky, de quem se tornou assistente. Tornou-se famoso ao substituir Bruno Walter, que estava doente, frente à Filarmônica de Nova York. Após a Segunda Guerra, sua carreira como maestro e compositor deslanchou internacionalmente, regendo estreias mundiais de obras de Messiaen, Britten, Ives, entre outros, ao mesmo tempo palestrando e ensinando em várias instituições, atuando como educador de música até o fim de sua vida. Em 1958, substituiu Mitropoulos como diretor artístico da Filarmônica de Nova York, ficando até 1969. Depois, continuou a compor e a apresentar-se com várias orquestras norte-americanas e europeias, regendo tanto ópera quanto música de concerto, fazendo gravações por vários selos e produzindo documentários para TV sobre música. Sofrendo de enfisema pulmonar, faleceu de ataque cardíaco aos 72 anos, em Nova York, em 1990.



Aaron Copland: nascido no Brooklyn, em Nova York, em 1900, de uma família de judeus de origem lituana, cujo sobrenome original era Kaplan. Sua mãe, que cantava e tocava piano, providenciou aulas de música para todos os filhos. Sua primeira composição foi aos sete anos, mas só aos 15 que resolveu que seguiria a carreira de compositor, estudando com Rubin Goldmark, que lhe deu uma base sólida, e depois com Victor Wittgenstein. Na década de 1920 foi a Paris estudar com Nadia Boulanger, além de ser influenciado pela cena literária e artística de Paris dessa época. De volta aos EUA, estabeleceu-se em Nova York, onde passou a viver frugalmente, em contato com vários artistas de ideal democrático, formando alianças e amizades com diversos compositores contemporâneos, compondo prolificamente. Na década de 1950, foi estudar em Roma e ter contato com compositores de vanguarda, viajando extensamente à Europa e indo até o Japão. Em seus últimos anos, passou a dedicar-se à regência, frente a várias orquestras norte-americanas e inglesas. Faleceu em 1990 de Mal de Alzheimer, em North Tarrytown, no Estado de Nova York.



Aram Khachaturian: nascido em Tbilisi, na Geórgia, em 1903, então Império Russo. Apesar de mostrar grande talento, aprendendo sozinho a tocar piano e tuba ainda na infância, não veio de uma família musical e começou a estudar violoncelo e, depois, composição, somente na década de 1920. Em 1929, foi estudar orquestração com Sergei Vasilenko e composição com Nikolai Myaskovsky no Conservatório de Moscou. Sua maior influência foi a música folclórica, principalmente de seu País ancestral, a Armênia, por onde viajou e pesquisou música extensamente. Apesar de fazer parte do Partido Comunista e do Sindicato dos Compositores, teve problemas no fim da década de 1940, juntamente com Shostakovich e Prokofiev, com o Comitê Central do Partido, que denunciou sua música como inapropriada e a mesma foi banida. Nos anos seguintes, voltando a ser favorecido pelo partido, suas obras ganharam os Prêmios Stalin e Lenin, entre outros. Faleceu em Moscou em 1978, pouco antes de completar 75 anos.



Ferde Grofé: nascido em Nova York, em 1892, descendente de uma família de franceses a qual já havia tido quatro gerações de músicos. Seu pai era um barítono, e sua mãe, Elsa, uma violoncelista profissional que começou a ensinar violino e piano a Grofé, cujo avô fazia parte da orquestra do Metropolitan e o tio era spalla da Sinfônica de Los Angeles. Em 1899, foi estudar piano e composição em Leipzig. Seu domínio sobre vários instrumentos levou Grofé a ser o primeiro arranjador de obras dos outros, antes de compor suas próprias. Fugido de casa aos 14, teve vários tipos de empregos até conseguir trabalhar como músico e compor. Trabalhou em programas de música no rádio, regeu diversos concertos no Carnegie Hall e, em 1937, um concerto tributo a Gershwin no Estádio Lewisohn. Serviu como juiz em vários concursos musicais. Depois se tornou regente e professor da prestigiosa Juilliard School of Music, e compôs várias trilhas para filmes. Foi casado três vezes e teve quatro filhos. Faleceu em Santa Monica, na Califórnia, aos 80 anos, em 1972.

LINHA DO TEMPO

1854 - Nasce o compositor norte-americano John Philip Sousa, em Washington DC.

1891 - Abre o Carnegie Hall, em Nova York. Nasce Sergei Prokofiev, na Ucrânia.

1892 - Nasce Ferde Grofé, em Nova York.

1898 - Nasce George Gershwin, em Nova York.

1900 - Nasce Aaron Copland, em Nova York.

1903 - Nasce Aram Khachaturian, em Tbilisi, na Geórgia.

1906 - Nasce Dmitri Shostakovich, em São Petersburgo, na Rússia.

1909 - Stravinsky compõe o balé *O Pássaro de Fogo*.

1910 - Nasce Samuel Barber, em West Chester, na Pensilvânia.

1918 - Falece Debussy, em Paris. Nasce Leonard Bernstein, nos EUA.

1924 - Gershwin compõe *Rhapsody in Blue*.

1931 - Grofé compõe sua *Suíte Grand Canyon*.

1932 - Falece Sousa, aos 77 anos, em Reading, na Pensilvânia.

1936 - Prokofiev compõe *Pedro e o Lobo*. Barber compõe seu *Adágio para Cordas*.

1937 - Pablo Picasso pinta seu famoso quadro *Guernica*. Carl Orff compõe *Carmina Burana*. Falece Gershwin, em Los Angeles. Shostakovich compõe sua *Quinta Sinfonia*.

1942 - Khachaturian compõe seu balé *Gayane*. Copland compõe a *Fanfarra ao Homem Comum*.

1953 - Falece Prokofiev.

1971 - Falece Stravinsky, em Nova York.

1972 - Falece Grofé, em Santa Monica, na Califórnia.

1975 - Falece Shostakovich, em Moscou.

1978 - Falece Khachaturian, em Moscou.

1981 - Falece Barber, em Nova York.

1990 - Falece Bernstein, em Nova York. Falece Copland, em North Tarrytown.

CURIOSIDADES

- Por sua habilidade na composição de marchas, Sousa foi chamado de 'O Rei das Marchas' ou, algumas vezes, de 'O Rei Americano das Marchas', devido ao inglês Kenneth J. Alford também ser chamado de 'O Rei das Marchas'.

- Apesar de Sousa ter entrado na adolescência para a Banda dos Fuzileiros Navais, por um breve período ele tocou percussão em uma banda de circo do célebre showman PT Barnum, cujo circo depois originou o conhecido Ringling Bros.

- Um fabricante de instrumentos musicais da Filadélfia, J. W. Pepper, fabricou a pedido de Sousa um instrumento da família da tuba que ficasse apoiado no ombro esquerdo, podendo ser tocado enquanto se caminha. O instrumento acabou levando o nome de Sousaphone.

- Após sua morte, Sousa foi inserido no Hall da Fama dos Grandes Americanos, uma honra dada a apenas 102 pessoas até hoje.

- Durante seu longo período como aprendiz e, depois, frente à Banda dos Fuzileiros Navais dos Estados Unidos da América, Sousa chegou à patente de Sargento. Apenas com a entrada dos EUA na Primeira Grande Guerra que Sousa foi promovido a Tenente da reserva e, depois, a Tenente-Comandante. Sousa, por ser financeiramente independente, doava todo seu salário - menos um dólar - todo ano para o fundo de ajuda aos marinheiros e fuzileiros.

- Sousa era completamente contra a indústria fonográfica, chegando a declarar ao Congresso Americano que essas máquinas arruinariam o desenvolvimento musical do País, e que logo as cordas vocais seriam eliminadas dos seres humanos pelo processo evolutivo.

- A irmã de George Gershwin, Frances, foi a primeira da família a ganhar dinheiro com seus talentos musicais, porém casou-se e passou a dedicar-se a ser mãe e dona de casa. Ao desistir da música, canalizou sua criatividade artística para a pintura - atividade a qual também era um hobby do irmão George Gershwin.

- Na década de 1920, Gershwin passou um tempo em Paris tentando estudar com Maurice Ravel e com Nadia Boulanger, que o rejeitou como pupilo com medo de que o rigoroso estudo da música clássica arruinasse seu estilo naturalmente influenciado pelo jazz.

- Começando na década de 1920, Grofé trabalhou longamente como arranjador na orquestra de Paul Whiteman. Um de seus mais célebres arranjos foi da obra *Rhapsody in Blue* de Gershwin, estabelecendo a reputação de Grofé entre os jazzistas, sendo esse o

arranjo mais ouvido hoje em dia. Porém, um mal-entendido ocorreu entre Grofé e Gershwin, quando a obra apareceu registrada em nome de Grofé.

- Em 1932, porque Paul Whiteman era muitas vezes chamado de 'Rei do Jazz', começaram a chamar Grofé ironicamente de 'Primeiro Ministro do Jazz'.

- Devido à quantidade de obras arranjadas por Grofé, e pelo pouco conhecimento da música norte-americana, o célebre maestro alemão Wilhelm Furtwängler chegou a reclamar que a América não tinha compositores, apenas arranjadores.

- Aos nove anos de idade, Barber escreveu para sua mãe que estava muito preocupado, que era para ela não chorar, pois a culpa não era dela do fato de que ele não havia nascido para ser um atleta, e sim um compositor, e pedia que não o fizessem deixar isso de lado e ser mandado a jogar futebol.

- Várias das composições de Barber foram encomendas de grandes nomes artísticos, como Vladimir Horowitz, Leontyne Price, Francis Poulenc e Dietrich Fischer-Dieskau.

- Quando Barber tinha 28 anos, seu *Adágio para Cordas* foi apresentado pela Sinfônica da NBC sob a regência de Arturo Toscanini. O fato é que Toscanini, que raramente apresentava música de compositores norte-americanos, declarou que essa obra de Barber era 'semplice e bella' - simples e bonita.

- Barber ganhou o Prêmio Pulitzer duas vezes: uma em 1958, com a ópera *Vanessa*, e outra em 1963, com o *Concerto para Piano e Orquestra*.

- Aos sete anos de idade, Prokofiev também já havia aprendido a jogar xadrez, que se tornou uma de suas paixões, inclusive levando-o depois a jogar uma partida com o campeão mundial José Raúl Capablanca.

- O segundo *Concerto para Piano* de Prokofiev causou certo escândalo em sua estreia em 1913, levando parte da plateia a sair no meio da apresentação com exclamações tipo 'Ao inferno com essa música futurista!' 'Os gatos no telhado fazem música melhor!'.

- Em 1914, Prokofiev finalizou sua participação no conservatório entrando na chamada 'Batalha dos Pianos', uma competição aberta aos cinco melhores alunos de piano. Prokofiev venceu com seu *Concerto para Piano nº 1*.

- Na estreia bem-sucedida do primeiro balé de Prokofiev, em 17 de maio de 1921, em Paris, entre os admiradores na plateia estavam

CURIOSIDADES

Jean Cocteau, Igor Stravinsky e Maurice Ravel. Inclusive, Stravinsky chamou a obra de 'uma peça de música moderna que eu posso ouvir com prazer', e Ravel chamou-a de 'uma obra de gênio'.

- Prokofiev faleceu no dia em que a morte de Joseph Stalin foi anunciada, em março de 1953. Como ele vivia perto da Praça Vermelha em Moscou, durante três dias a multidão que velou Stalin tornou impossível que o cadáver de Prokofiev pudesse ser levado para o serviço funerário. O periódico de música da época noticiou a morte do compositor com uma nota breve na página 116, sendo que as primeiras 115 páginas da edição foram dedicadas à morte de Stalin.

- Leonard Bernstein não era parente do compositor de Hollywood Elmer Bernstein, apesar de serem amigos. No mundo da música, geralmente eram diferenciados como 'Bernstein do Oeste' (Elmer) e 'Bernstein do Leste' (Leonard, que era radicado em Nova York).

- Apesar de ser conhecido por ter tido relações tanto com homens como com mulheres, a bissexualidade de Bernstein era, à época, mais uma questão de especulação do que outra coisa qualquer. O fato é que ele acabou casando-se com a atriz costa-riquenha Felicia Cohn Montealegre em 1951, o que muitos consideravam ser pelas aparências. Em 1976, não mais escondendo sua homossexualidade, Bernstein separou-se de Felicia, porém no ano seguinte ela foi diagnosticada com câncer, e ele voltou para casa para cuidar dela até seu falecimento em 1978.

- Bernstein esteve em sua vida envolvido em várias causas e organizações consideradas como de esquerda, chegando a ir parar na lista negra do Departamento de Estado dos EUA, apesar de nunca ter ido depor no infame Comitê de Atividades Não-Americanas do Senado.

- Em 25 de dezembro de 1989, Bernstein reger a Nona Sinfonia de Beethoven em um concerto em Berlim Oriental, como parte da celebração pela queda do muro de Berlim. Ele havia regido a mesma obra no dia anterior na Berlim Ocidental. O concerto foi transmitido ao vivo para mais de vinte Países e uma audiência estimada de cem milhões de pessoas. Para a ocasião, Bernstein substituiu, na letra do coral, a palavra 'Alegria' pela palavra 'Liberdade'.

- Shostakovich foi conhecido pela sua falta de zelo político, tanto que inicialmente não passou no seu exame de Metodologia Marxista, em 1926.

- Em 1939, antes das forças soviéticas invadirem a Finlândia, o Secretário do Partido Comunista, Andrei Zhdanov, encomendou a

Shostakovich uma peça de celebração, que seria tocada enquanto as tropas soviéticas marchassem por Helsinque. Porém, a campanha militar foi uma humilhação para o Exército Vermelho, e a peça *Suíte sobre Temas Finlandeses* foi apresentada somente em 2001, e Shostakovich nunca chegou a assumir sua autoria.

- Em 1962, Shostakovich casou-se pela terceira vez, com Irina Supinskaya. Depois, o compositor disse a um amigo que o único defeito dela era ter 27 anos de idade, e que em todos os outros quesitos ela era esplêndida: alegre, esperta e adorável.

- Em Paris, Copland procurou ter aulas com a célebre Nadia Boulanger, que tinha então apenas 34 anos. Sua primeira reação foi: 'Até onde eu sei, ninguém pensa em estudar com uma mulher'. Depois de conhecê-la e ter aulas, acabou declarando: 'Essa amazona intelectual não apenas é professora no conservatório, não apenas tem familiaridade com toda a música desde Bach até Stravinsky, como está preparada para qualquer coisa pior, como dissonâncias. Não se enganem... Mulher mais encantadora jamais viveu'.

- Copland durante um tempo desempenhou um papel de liderança na Aliança dos Compositores Americanos, com intuito de regularizar os cachês das apresentações de música nos EUA e estimular essas apresentações. Depois, Copland acabou migrando para a entidade rival, a ASCAP. Através de royalties de seus grandes sucessos como compositor, de 1940 até sua morte, ele acabou juntando uma fortuna de vários milhões.

- Por causa do clima político da época, e da suspeita de simpatias comunistas por parte de Copland, sua obra *A Lincoln Portrait* foi retirada do concerto inaugural do Presidente Eisenhower. Naquele mesmo ano, Copland foi chamado a depor frente ao Congresso, onde testemunhou que nunca havia sido comunista.

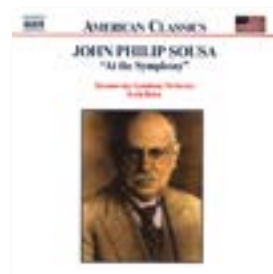
- Copland influenciou o estilo de compor de vários compositores norte-americanos, incluindo seu amigo Leonard Bernstein, que por sua vez era também considerado o melhor regente das obras de Copland.

- Apesar de ser membro do Partido Comunista, Khachaturian foi vítima da ira do mesmo com sua *Terceira Sinfonia*, considerada como inapropriada. Ironicamente, Khachaturian via a obra como uma expressão da alegria e orgulho do povo soviético e de seu grande País. O compositor, junto com Shostakovich e Prokofiev, teve suas obras banidas e foi obrigado a pedir desculpas públicas. O episódio deixou Khachaturian tão desgostoso com a injustiça, que pensou seriamente em mudar de profissão.



A MÚSICA RUSSA E NORTE-AMERICANA DO SÉCULO XX - VOL. 15

XX Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br



Tão variado em estilos e formas é o **século XX**, com sua pluralidade de ideias e gêneros culturais, cujos resultados chegam a diferir bastante dentro de uma mesma sociedade. O que dizer então das grandes diferenças musicais entre a produção erudita norte-americana, com suas influências de, entre outras fontes, o jazz e os musicais, e a produção russo-soviética, com seu isolamento forçado do formalismo e do resto do mundo, além das suas temáticas político-sociais? É um dos meus CDs preferidos da nossa coleção História da Música Clássica.

FAIXA 1 - JOHN PHILIP SOUSA (1854-1932) - MARCHA: THE STARS AND STRIPES FOREVER (1896) - (NAXOS 8.559013, FAIXA 15)

Obra-prima de Sousa, foi composta no dia do Natal de 1896, quando o compositor estava em um navio de cruzeiro retornando das férias que tinha ido passar na Europa com sua esposa, e havia acabado de receber a notícia da morte do empresário de sua Sousa Band, David Blakely. Sousa compôs e guardou-a na memória, registrando-a em partitura apenas quando chegou em terra firme. Em um ato do Congresso Norte-Americano, em 1987, *The Stars and Stripes Forever* - aqui apresentada ►

EM COMEMORAÇÃO AOS 23 ANOS DA REVISTA,
SELECIONAMOS ESSA MATÉRIA DA EDIÇÃO 197

em sua versão orquestral - passou a ser a Marcha Nacional Oficial dos Estados Unidos da América. Sua primeira apresentação, recebida com entusiasmo do público, foi em maio de 1897, em Willow Grove Park, próximo à Filadélfia.



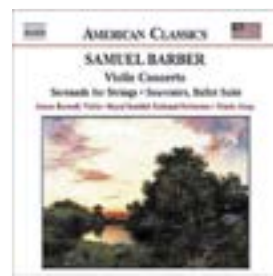
FAIXA 2 - GEORGE GERSHWIN (1898-1937) - CONCERTO PARA PIANO EM FÁ MAIOR - III. ALLEGRO CON BRIO (1925) - (NAXOS 8.559705, FAIXA 3)

Obra encomendada a Gershwin pelo maestro Walter Damrosch, que havia assistido a estreia de *Rhapsody in Blue* e contou o compositor no dia seguinte, pedindo um concerto para piano em forma clássica, orquestrado pelo próprio Gershwin, para ser apresentado pela Orquestra Sinfônica de Nova York. Como ainda não tinha recebido treinamento formal em orquestração, harmonia e composição, Gershwin comprou livros sobre o assunto e estudou-os sozinho, finalizando a obra perto do fim do prazo (1925), passando apenas revisões após sugestões do próprio Damrosch. A realização dessa obra foi responsável por um desenvolvimento enorme na técnica de composição de Gershwin, recebendo elogios de outros compositores.



FAIXA 3 - FERDE GROFÉ (1892-1972) - SUÍTE GRAND CANYON - III. ON THE TRAIL (1931) - (NAXOS 8.571205, FAIXA 4)

Finalizada em 1931, foi inicialmente chamada de 'Cinco Retratos do Grand Canyon', cada uma das cinco partes evocando uma cena típica do Grand Canyon, parque natural formado pelo Rio Colorado no Estado de Arizona, nos EUA. Sua estreia foi em 22 de novembro de 1931, no Teatro Studebaker, em Chicago, sob a regência de Paul Whiteman, para quem Grofé trabalhava como arranjador.



FAIXA 4 - SAMUEL BARBER (1910-1981) - CONCERTO PARA VIOLINO - I. ALLEGRO (1939) - (NAXOS 8.559044, FAIXA 1)

Obra encomendada pelo industrial e filantropo da Filadélfia Samuel Simeon Fels, para ser tocada pelo violinista Iso Briselli, aluno do Curtis Institute of Music. Barber viajou para a Suíça para trabalhar na obra, mas foi interrompido pelo início das hostilidades da Segunda Guerra Mundial e pelo aviso para que todos os norte-americanos da Europa deixassem o continente. Retornou à América em setembro, para finalizar a obra. Quando recebeu a partitura do movimento final, Briselli ficou decepcionado, achando que não explorava o virtuosismo do instrumento, sugerindo que fosse refeito, o que Barber se recusou a fazer. Briselli acabou por desistir da obra, a qual foi tocada por Herbert Baumele na temporada seguinte da orquestra do Curtis Institute sob a regência de Fritz Reiner. O *Concerto para Violino* de Barber logo entrou para o repertório padrão de violino e orquestra, sendo frequentemente tocado até hoje.



FAIXA 5 - SERGEI PROKOFIEV (1891-1953) - ALEXANDER NEVSKY - V. THE BATTLE ON ICE (1939) - (NAXOS 8.555710, FAIXA 5)

Uma das principais obras de Prokofiev do período após seu retorno à União Soviética em 1936, *Alexander Nevsky* é a adaptação do compositor de sua trilha dramática feita para o filme épico de mesmo nome, dirigido por Sergei Eisenstein em 1938, para a forma de uma grande cantata para mezzo-soprano, orquestra e coro. O rearranjo em forma de cantata é uma das obras mais gravadas de Prokofiev, sendo que em 1993 a trilha do filme foi regravaada para um relançamento e, em 2003, uma gravação da trilha completa reconstruída a partir dos manuscritos originais foi feita pela Orquestra Sinfônica da Rádio de Berlim. A estreia original da cantata foi em 17 de maio de 1939, com o próprio compositor regendo a Filarmônica de Moscou.

DISCOGRAFIA

23
ANOS
AMAG



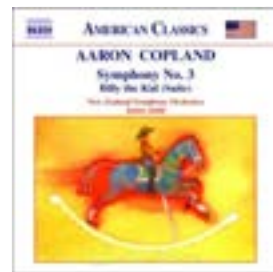
FAIXA 6 - LEONARD BERNSTEIN (1918-1990) - SINFONIA Nº 1, 'JEREMIAH' - II. PROFANATION (1942) - (NAXOS 8.559100, FAIXA 2)

Composta logo no início da carreira de Bernstein, quando ele já havia estabelecido certa fama como regente e estava começando a emergir como compositor, a *Primeira Sinfonia* é uma obra programática, para orquestra e mezzo-soprano, sobre a história bíblica do profeta Jeremias, e usa texto do Livro das Lamentações, da Bíblia Hebraica. Estreou em Pittsburgh em janeiro de 1944, com a Orquestra de Pittsburgh sob a regência do próprio Bernstein, com a mezzo-soprano Jennie Tourel como solista. Ganhou o Prêmio dos Críticos de Nova York como a melhor obra norte-americana do ano de 1944.



FAIXA 7 - DMITRI SHOSTAKOVICH (1906-1975) - SINFONIA Nº 8 - III. ALLEGRO NON TROPPO (1943) - (NAXOS 8.572392, FAIXA 3)

Uma das obras de conteúdo mais melancólico e violento de Shostakovich, chegou em um momento onde o Exército Vermelho não estava indo bem, e o público e as autoridades soviéticas precisavam de uma obra triunfante. Isso levou o governo a colocar o subtítulo de 'Stalingrado' na obra, dando-lhe a impressão de expressar luto pela sangrenta Batalha de Stalingrado. Mesmo assim a sinfonia acabou sendo chamada de contrarrevolucionária e antissoviética. É a mais trágica obra de Shostakovich, não sendo apresentada com muita frequência, apesar de ser considerada um de seus melhores trabalhos. Sua estreia foi em novembro de 1943, com a Orquestra Sinfônica da URSS, sob a regência de Yevgeny Mravinsky.



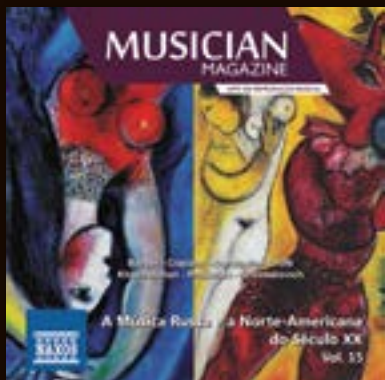
FAIXA 8 - AARON COPLAND (1900-1990) - SINFONIA Nº 3 - MOLTO MODERATO (1946) - (NAXOS 8.559106, FAIXA 2)

Como várias de suas obras mais famosas, a *Terceira Sinfonia* foi composta em um estilo acessível, chamado pelo compositor de 'populista', no que é considerado por muitos como o arquétipo da música norte-americana. É a sinfonia mais conhecida de Copland, e sua última. Seu quarto movimento usa como tema outra obra muito conhecida dele, a *Fanfarra ao Homem Comum*. Composta no fim da Segunda Guerra Mundial, sua estreia foi em outubro de 1946, com a Orquestra Sinfônica de Boston, sob a regência do célebre maestro Serge Koussevitzky, então diretor artístico da orquestra, que declarou-a ser 'simplesmente a maior sinfonia norte-americana já escrita'.



FAIXA 9 - ARAM KHACHATURIAN (1903-1978) - SPARTACUS: SUÍTE Nº 2 - ADÁGIO DE SPARTACUS E PHRYGIA (1954) - (NAXOS 8.550801, FAIXA 6)

Uma das duas obras mais conhecidas do compositor, o movimento *Adágio de Spartacus e Phrygia*, do balé *Spartacus*, foi extensamente utilizado em filmes e programas de TV, sendo uma das mais populares peças de música clássica do repertório. Conta a história do líder de uma revolta de escravos contra Roma, e deu à Khachaturian o Prêmio Lenin em 1954. Sua estreia, com a coreografia de Leonid Yacobson, foi em Leningrado em 1956, estreando no Teatro Bolshoi dois anos depois. Em 1968, o balé *Spartacus*, coreografado por Yuri Grigorovich, atingiu proeminência internacional.



PROMOÇÃO CD HISTÓRIA DA MÚSICA SINFÔNICA A MÚSICA RUSSA E NORTE-AMERICANA DO SÉCULO XX - VOL. 15

A Editora AVMAG disponibilizará também para você esse mês, que não adquiriu na época de lançamento, este CD para quem enviar um e-mail para:

- revista@clubedoaudio.com.br -

O leitor apenas terá de pagar o frete + embalagem de Sedex.

NÃO PERCA ESSA OPORTUNIDADE!! - promoção válida até o término do estoque.

OUÇA UM MINUTO DE CADA FAIXA DO CD
HISTÓRIA DA MÚSICA - A MÚSICA RUSSA E NORTE-AMERICANA DO SÉCULO XX - VOL. 15:

▶ Faixa 01

▶ Faixa 02

▶ Faixa 03

▶ Faixa 04

▶ Faixa 05

▶ Faixa 06

▶ Faixa 07

▶ Faixa 08

▶ Faixa 09

COLEÇÃO MUSICIAN HISTÓRIA DA MÚSICA CLÁSSICA

A Editora AVMAG dará a oportunidade para você, que na época do lançamento, não conseguiu adquirir a coleção completa em CD.

Para isso, basta enviar-nos um e-mail, com essa solicitação.
O leitor apenas terá de pagar o frete + embalagem de SEDEX.
NÃO PERCA TEMPO!!!

Adquira já pelo e-mail
revista@clubedoaudio.com.br





Jimmy Page e sua coleção de discos

DISCOS QUE NOS ACOMPANHAM POR TODA A BUSCA DO MELHOR SISTEMA

Todos nós temos nossos discos que chamo de gravações de cabeceira. Gravações que gostamos tanto que sempre estão no meio daquelas que sempre desejamos ouvir a cada novo upgrade. Se eu for passar a minha lista, precisarei de umas oito páginas, pois são tantos LPs e CDs que estão comigo há tantos anos!

Mas escolhi um deles para falar um pouco dessa mania que todo audiôfilo têm de querer escutar CDs que ele confia na qualidade técnica para abalizar seus avanços no ajuste fino de seu sistema. Este CD está comigo desde o seu lançamento, em 1993, pelo selo americano GRP.

Já contei algumas vezes minha resistência em comprar um CD-Player, e que só o fiz por exigência de minhas funções na revista Audio News, de escrever a respeito dos lançamentos das gravadoras. Até 1991, burlei bem esta exigência, pois as gravadoras enviavam o LP se o jornalista solicitasse. Mas, a partir de 1992 a coisa se complicou de tal modo, que tive que comprar meu primeiro CD-Player, Philips com topologia Bitstream, para poder continuar escrevendo na Audio News.

Minha experiência com CDs havia, até aquele momento, sido catastrófica, pois achava que os disquinhos prateados não entregavam absolutamente nada do que prometiam! E, como eu já havia cumprido minha cota de publicitário nesta vida, sabia que muito do que se propagava era puro marketing, principalmente se tratando de CDs.

Minha configuração em 1990 era constituída de um Thorens TD160, cápsula Stanton 500, Pré Quad 33, power Fischer e caixas JBL Jubal. Cabos originais da Quad padrão DIN de um lado e RCA do outro, e cabo de caixa Furukawa que o amigo Lucinei da Gramophone importava desde o final dos anos 80.

Vivia feliz com meu sistema, e ainda que já tivesse uns 30 CDs que as gravadoras haviam enviado para resenhas, eu nunca os ouvia. Mas, com a obrigatoriedade de arrumar um CD-Player, tive que ouvir todos e comparar com a versão LP para constatar, mais uma vez, como soavam duros, com timbres artificiais e todos os instrumentos e vozes soando como pizzas brotinhos dentro daquele falso fundo negro! Me sentia um ET quando, em festas ou eventos, ►

participava de conversas sobre a 'maravilha revolucionária', como era chamado o disquinho prateado!

Escutava aqueles elogios efusivos e me perguntava: "o que está ocorrendo com as pessoas que gostam de música? Como elas podem se deixar enganar?". Minha resistência era tão grande aos CDs que, quando os escutava em meu sistema e ficava maravilhado com a qualidade artística, eu ficava semanas a imaginar como aquela gravação soaria em uma prensagem analógica!

Sei que, aos nossos jovens leitores, esta narrativa do meu comportamento pode parecer de-veras radical, mas vocês que hoje estão com vinte e poucos anos, já viveram algo semelhante quando se livraram do MP3 e conheceram as gravações PCM 24/96 de seus discos favoritos. Pode ser que vocês não expressem publicamente, mas lá no fundo vocês falam para si mesmos: "como podia ouvir música com este grau de compressão?". Como diria o Dr. Alvarez (um dos principais clientes do meu pai, dentista): "o bom só nos serve até conhecermos o ótimo".

Minha percepção de que o digital poderia ter uma luz no fim do túnel, foi quando recebi para fazer uma resenha da gravadora Universal (que representava o selo GRP no Brasil), o disco da banda de jazz fusion Yellowjackets, Like a River, lançado em 1993. Recebi o disco na editora, fui para casa, fui tomar meu banho, comer alguma coisa e sentei para ouvir. Até aquele momento todos os discos do selo GRP que tinha eram versão LP. Então conhecia muito bem o padrão técnico dos seus engenheiros e da qualidade técnica inegável de seus artistas! Dei play - faixa 1 - e tomei um susto! Como soou descongestionado e com um corpo que não tinha até aquele momento escutado em versão digital alguma!

Havia algo de novo a ser descoberto, graves com precisão, corpo, velocidade, escala dinâmica melhor e maior que em qualquer outro CD que já havia escutado. O único 'pênalti' era, como sempre, os agudos, principalmente nos saxofones, que soavam um pouco estridentes e duros.

Mas o avanço nos outros quesitos já era tão substancial que, por minha conta, no sábado sai à caça de outros CDs deste selo. Não achei muita coisa, a não ser um Chick Corea com seu novo quinteto e uma menina na capa de vestido cor de rosa (não consegui achar entre os mais de 8.000 CDs que tenho hoje na minha sala - quando achar eu escrevo sobre ele) e um do Gary Burton, Reunion, em que os agudos soavam como brocas de dentista no tímpano!

Mas percebi que os engenheiros da GRP tinham achado um caminho interessante para tornar o disquinho prateado mais palatável aos nossos ouvidos. Pois bem, desde 1993 este disco, a cada novo ajuste no sistema de referência ou dos amigos mais queridos e próximos, sempre dou um jeito de escutar de duas a três faixas. Ele se tornou uma bússola, pois sua gravação não permite concessão nenhuma em termos de equilíbrio tonal (principalmente nas duas pontas), escala dinâmica do forte para o fortíssimo, corpo harmônico (se o sistema for pobre de corpo harmônico, ele acusa na hora), transientes e textura, que em um sistema também pobre neste quesito, os instrumentos de sopro e os pianos soam artificiais (ainda que o equilíbrio tonal esteja 'aparentemente' correto).

E nessas minhas andanças de três décadas, este CD me ajudou a escapar de vários obstáculos, daqueles que você acha no primeiro momento estar no caminho certo, mas pouco depois desemboca em uma encruzilhada. E, como diria meu pai, as encruzilhadas são a maior tortura para todo audiófilo, pois a incerteza nos faz perder a confiança e muitas vezes jogar tudo para cima e recomeçar do zero!

Ter uma bússola assim é sempre bem-vinda, principalmente se você está pisando em terreno totalmente desconhecido, como mudança de topologia ou saltos significativos no valor dos upgrades. E o mais legal de tudo é que no patamar que o nosso Sistema de Referência se ►

DIRETOR / EDITOR

Fernando Andrette

COLABORADORES

Antônio Condurú

Clement Zular

Guilherme Petrochi

Henrique Bozzo Neto

Jean Rothman

Juan Lourenço

Julio Takara

Marcel Rabinovich

Omar Castellan

RCEA * REVISOR CRÍTICO

DE EQUIPAMENTO DE ÁUDIO

Christian Pruks

Fernando Andrette

Rodrigo Moraes

Víctor Mirol

CONSULTOR TÉCNICO

Víctor Mirol

TRADUÇÃO

Eronildes Ferreira

AGÊNCIA E PROJETO GRÁFICO

WCJr Design

www.wcjrdesign.com

Áudio Vídeo Magazine é uma publicação mensal, produzida pela EDITORA AV MAG ME. Redação, Administração e Publicidade, EDITORA AV MAG ME. Cx. Postal: 76.301 - CEP: 02330-970 - (11) 5041.1415 www.clubedoaudiovideo.com.br

Todos os direitos reservados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

EDITORA
AV MAG

ESPAÇO ABERTO

encontra, é audível perceber o que os engenheiros fizeram naqueles primeiros anos, tentando corrigir limitações do disquinho prateado que hoje foram completamente resolvidas.

Comparar essas gravações da GRP dos anos 80 e 90 com as gravações de hoje de selos como Verve, Blue Note ou Reference Recordings, nos dá bem uma ideia de como esses engenheiros, que receberam a 'batata quente' na mão, resolveram problemas aparentemente intransponíveis!

Os timbres dos discos da GRP, em excelentes sistemas, mostram falta de maior extensão e decaimento mais correto, tendem a soar mais duros (como se a fundamental sempre predominasse em relação ao invólucro harmônico) e não possuem a mesma vivacidade das gravações da Telarc neste mesmo período. Mas foram pioneiros e ajudaram as gerações de engenheiros de gravação competentes que vieram posteriormente a já saber o que evitar para se conseguir uma qualidade técnica decente.

Acredito que vocês também tenham uma dezena de gravações que os acompanham há muitos anos. Então nada do que escrevi aqui deva ser novidade! E gostaria muito de que vocês se manifestassem e contassem um pouco dos seus discos de cabeceira e a razão (além da qualidade artística), de serem tão importantes nos ajustes de seus sistemas. ■



OUÇA O ÁLBUM LIKE A RIVER,- YELLOW JACKETS
NO SPOTIFY



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Fundador e atual editor / diretor das revistas Áudio Vi-deo Magazine e Musician Magazine. É organizador do Hi-End Show (anteriormente Hi-Fi Show) e idealizador da metodologia de testes da revista. Ministra cursos de Percepção Auditiva, produz gravações audiófilas e presta consultoria para o mercado.



Para quem deseja extrair o melhor do seu sistema analógico.

A AAM presta consultorias em áudio e é especializada em instalação e ajustes de equipamentos analógicos - toca-discos e gravadores open reel.

andremaltese@yahoo.com.br - (11) 99611.2257

SEU ENTRETENIMENTO GARANTIDO COM A UPSAI



Condicionador



Condicionador
Estabilizado



Módulo
Isolador



Imagens ilustrativas

criação: msdesigner@hotmail.com

 @upsai.official
www.upsai.com.br

vendas@upsai.com.br
11 - 2606.4100


ESTADO
DA ARTE


DIAMANTE
REFERÊNCIA

UPSAI
sistemas de energia



OPORTUNIDADE

dCS Vivaldi (importação oficial) DAC, Clock e Upsampler, todas as peças impecáveis e atualizadas!

- Cabos BNC Transparent incluídos.

contato@germanaudio.com.br



VENDO / TROCO

Cápsula Clearaudio Stradivari V2.

Trata-se da última versão desse modelo, com corpo em ébano, agulha HD e bobina totalmente simétrica em ouro 24 kt. Sua saída é de 0.6 mV, O que torna ela compatível virtualmente com todos os prês de Phono MC. A cápsula não possui ainda 50 horas de uso. Está realmente em estado de nova e sempre foi tocada utilizando discos limpos em máquina especial. US\$ 3.750.

Conforme o material, posso aceitar troca. Posso também combinar a instalação com o cliente.

André A. Maltese - AAM

(11) 99611.2257



VENDO

Toca discos J.A. Michell GYRO SE

MKII, com: 01 J.A. Michell Armboard (base) para braços Rega, 01 J.A. Michell 3 Point VTA Adjuster, 01 J.A. Michell Record Clamp, 01 J.A. Michell De-Coupler Kit (desacoplador do braço), 01 J.A. Michell HR DC Never Connected Power Suply (bivolt), 01 braço Rega RB 303 com contrapeso original, 01 contrapeso de braço Isokinetic Isoweight Off Centre, 01 cápsula MC Ortofon Rondo Blue.

Uma obra de arte sonora e de design. R\$ 20.000.

Rodrigo Moraes

rodrigopomarico@gmail.com

VENDO

1. Amplificador Parasound A 21, seminovo, em excelente estado. R\$ 8.500.

2. Set de válvulas casados e calibradas pela Air Tight, para os monoblocos ATM-3. Lacradas e sem nenhum uso. R\$ 4.000 (o pacote completo para os monoblocos).

Fernando Andrette

fernando@clubedoaudio.com.br

1.



2.



VENDO

Toca-discos REGA P3 (Planar 3), com braço original Rega RB330.

Pouquíssimo uso, comprado novo há menos de 1 ano! Acompanha a caixa original e o manual.

Sobre o toca-discos:

O Planar 3 (P3) possui um novo braço, base e muitas outras revisões em relação à versão anterior (RP3).

Isso resultou em performance sonora marcante, além de ficar muito mais bonito. Ele tem apenas duas peças do RP3 anterior, o resto é tudo novo!

Especificações:

- novo braço RB330
- nova base de vidro Optiwhite 12 mm
- reforço de feixe mais espesso
- acabamento acrílico de alto brilho em preto ou branco
- subplastro redesenhado
- carcaça de rolamento principal redesenhada
- motor de 24V com novo PCB de controle de motor
- pode ser feito upgrade com o controlador de velocidade externo TT-PSU
- pés redesenhados
- contrapeso redesenhado

"Não é difícil perceber que o desenvolvimento de dois anos da Planar 3 valeu a pena. Para os nossos ouvidos, ele soa consideravelmente mais limpo e claro do que seu antecessor - o RP3. Há mais transparência aqui e mais resolução de detalhes também." (Whathifi)
<https://www.whathifi.com/rega/planar-3-elys-2/review#J5ecLu4iSB5r71Zu.99>

Obs: Não inclui a cápsula (Transfiguration Phoenix S)

Valor: R\$ 4.500

Samy

(11) 98181.8585
waitzberg@gmail.com



VENDO

Cápsula Transfiguration Phoenix S

Motivo da venda: por ser tão boa, vou fazer o upgrade para o modelo topo da marca, a Proteus. Mesmo custando uma fração do valor da Proteus, a Phoenix é muito, muito próxima de sua "irmã mais velha" - uma barganha se compararmos performance X custo. A agulha é exatamente a mesma (Ogura PA) montada no mesmo cantilêver de bóro.

Trata-se de uma cápsula de bobina móvel (MC) de baixa saída (~0.4mV) e com 4 Ohms de impedância interna. Casa perfeitamente com a grande maioria dos prês de Phono MC. Na casa de um amigo - que também comprou essa cápsula por minha indicação - casou magnificamente bem com o setor de Phono interno do integrado Luxman L-590AX, com 100 ohm de impedância. A Phoenix S possui uma transparência única, excelente foco e recorte, muita velocidade e muita musicalidade. Assinatura Transfiguration. Muito mais próxima da Proteus do que diferença de preço possa indicar, acredite. Possui cerca de 150 horas de uso, sempre usada em toca-discos extremamente bem ajustado e sempre com discos limpos por meio de máquina com sucção a vácuo.

- Acompanha a caixa, manual e o conjunto de parafusos originais.

O valor pedido (US\$ 3.000) está bem abaixo do valor dessa cápsula, que é de US\$ 4.500 nos EUA. Faça os cálculos (frete, impostos, riscos).

Valor: R\$ 11.500

<https://www.soundstageultra.com/index.php/equipment-menu/500-transfiguration-phoenix-s-phono-cartridge>

Samy

(11) 98181.8585
waitzberg@gmail.com

audio research

H I G H D E F I N I T I O N

Reference 160 M

Vacuum tube Monaural power amplifier



Agora no Brasil

DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

german
Audio
www.germanaudio.com.br